

Enfarinates

O que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos

Fábio Miguel da Costa Rocha

06/2023





MESTRADO
ARTES CÉNICAS
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

Enfarinates

O que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos

Fábio Miguel da Costa Rocha

Projeto apresentado à Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Cénicas, especialização Interpretação e Direção Artística

Professora Orientadora
Renata Gaspar

06/**2023**

Dedico este trabalho à minha avó e ao meu avô

Agradecimentos

Ao meu pai e à minha mãe que são colo eterno.

Ao Marco e à Cláudia por estarem sempre presentes.

À minha orientadora, Renata Gaspar pelo olhar atento, disponibilidade e confiança.

Aos antigos e atuais moradores da Rua dos Galos pela amabilidade com que me receberam e compartilharam as suas lembranças.

À Ângela, ao Boaventura, à Joana e à Rita pela dedicação, amor, honestidade e generosidade com que trilharam este caminho comigo.

Ao Fábio pela amizade, carinho, companhia e amparo em momentos de tempestade.

Ao Ghufreon pelo apoio e paciência.

À Isabel e ao Rafael pela preciosa ajuda.

Ao Luís por todas os esclarecimentos e conselhos que me ajudaram a desvendar esta rua.

À Cristina, à Joana e à Hélia pelas palavras de motivação e alento.

Às pessoas com quem me cruzei ao longo de todo o meu percurso profissional e que me ensinaram.

Muito obrigado.

Resumo

Este projeto nasce do interesse na memória enquanto construção de identidade, tendo como foco a Rua dos Galos, em Braga. A partir da experimentação de métodos de trabalho do teatro documental, como a recolha de testemunhos, o levantamento de documentação e bibliografia relevantes, desenvolve o espetáculo *site-specific* Enfarinates: o que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos. Entendendo a memória subjetiva e a história oral como contributo para o preenchimento de silêncios na história oficial e memória coletiva da Rua dos Galos, procuro que o trabalho artístico seja passível de reconhecimento e identificação pelo espetador.

Palavras-chave

Memória Coletiva; Memória Individual; História Oral; Site-Specific; Identidade; Ficção.

Abstract

This project emerges from an interest in memory as a construction of identity, with a focus on Rua dos Galos in Braga. Through the exploration of methods used in documentary theater, such as collecting testimonies and gathering relevant documentation and literature, the site-specific performance "Enfarinates: o que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos" is developed. By understanding subjective memory and oral history as contributions to fill gaps in official history and collective memory of Rua dos Galos, the artistic work aims to create a sensation of affinity and recognition on the spectator.

Keywords

Colective Memory; Individual Memory; Oral History; Site-Specific; Identity; Fiction.

Índice

Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	v
Palavras-chave.....	v
Abstract.....	vi
Keywords.....	vi
Introdução.....	1
Capítulo I – O Trigo.....	3
De onde parto.....	3
Objetivos.....	5
Estado da Arte.....	7
Capítulo II – A Memória e a Rua.....	11
Sobre a Rua dos Galos.....	11
Memória Coletiva e Individual.....	13
Capítulo III – O Moinho.....	17
Metodologia.....	17
Entrevistas.....	18
Capítulo IV – A Moagem.....	22
Escolha do espaço.....	23
Exploração do material.....	23
O Texto.....	29
Espectros.....	29
Capítulo V – A Farinha.....	34
Notas Finais.....	39
Referências Bibliográficas.....	40
Anexos.....	42
Anexo A – Exercício sobre Memória para U.C. de Estética e Teoria da Arte I.....	42

Anexo B – Registo de Batismo de Domingos em 1608	43
Anexo C – Transcrições das entrevistas	44
Anexo D – Excertos de lembranças partilhadas durante os ensaios.....	92
Anexo E - Textos elaborados a partir de um edifício ou transcrição	93
Anexo F – Texto do espetáculo Enfarinates (2023).....	98
Anexo G – Percurso	110
Anexo H – Parecer da Polícia de Segurança Pública de Braga	111
Anexo I – Excertos de A Estrada de Alcatrão (2013).....	112
Anexo J – Folha de Sala do Espetáculo Enfarinates	115
Anexo K – Aviso aos velocípedes.....	123
Anexo L – Cartaz Enfarinates (2023)	124

Índice de Figuras

Figura 1 - Fotografia de Ensaio 100 metros e 180 segundos	4
Figura 2 - Fonte dos Galos	11
Figura 3 - Mapa da Cidade de Braga de Braunio, 1594	12
Figura 4 - Fotografia de ensaio “como desenhar a rua?”	24
Figura 5 - Fotografia de Ensaio A Casa Grande	26
Figura 6 - Fotografia de Ensaio A Casa com o Portão Verde	26
Figura 7 - Fotografia de Ensaio Placa Joaquim + Maria José	27
Figura 8 - Fotografia de Ensaio A Casa da Parteira	27
Figura 9 - Fotografia de Ensaio O Rio	27
Figura 10 - Experimentação da primeira cena escrita Enfarinates	30
Figura 11 - Fotografia de Espetáculo Enfarinates	34
Figura 12 - Fotografia de Espetáculo	35
Figura 13 - Fotografia de Espetáculo	36
Figura 14 - Fotografia de Espetáculo	36
Figura 15 - Fotografia de Espetáculo	37
Figura 16 - Fotografia de Espetáculo	38
Figura 17 - Fotografia de Espetáculo	38
Figura 18 - Fotografia de Espetáculo	38

ESMAE
**ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO**
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

Introdução

Enfarinates é uma variação da palavra Enfarinhados. Aqueles cobertos de farinha ou, no meu entender, que nascem da farinha. Vejo na farinha a mesma fragilidade da memória, no sentido em que se constitui por milhares de fragmentos e, tal como ela, estes Enfarinates são constituídos pelas memórias da Rua dos Galos, em Braga. Nasceram da farinha para dar lugar a espectros que as tentam ressuscitar. Procurei trabalhar sobre memória enquanto construção de identidade, pois deparei-me com lembranças, que não deixam de ser verdade, apesar de não terem acontecido. Numa altura em que vemos a impossibilidade das pessoas se manterem nas casas em que vivem e a ter de sair, é importante resgatar e compreender a noção de rua enquanto local de habitação e comunidade, o que institui um sentimento de pertença. Assim, *Enfarinates* é, sobretudo, um apelo ao olhar que é necessário termos sobre as ruas enquanto locais de construção de identidade e não apenas de passagem.

O processo de investigação sobre a memória da Rua dos Galos é, então, dividido em cinco Capítulos:

No Capítulo I exponho o ponto de partida onde abordo o que espoletou o interesse neste tema, assim como os projetos que desenvolvi, os objetivos e o estado da arte que configura as criações artísticas que influenciam o meu trabalho. Saliento também a importância da relação com o espetador.

No Capítulo II procuro perceber o que compõe a memória coletiva e pública da Rua dos Galos, que questões se colocam sobre este espaço. Tento responder a uma delas no que diz respeito ao seu topónimo. Defendo, também, a importância do contributo da memória subjetiva para a construção de narrativas.

No Capítulo III é apresentada a metodologia de investigação utilizada e a análise das entrevistas a antigos e atuais moradores.

O Capítulo IV descreve o processo de criação através da escolha do espaço, da exploração do material, da escrita do texto e explicita o conceito de Espectros.

No Capítulo V é feita uma análise às reações dos espetadores ao espetáculo.

Capítulo I – O Trigo

De onde parto

Quando ouço a palavra memória lembro-me da minha avó; vejo-a junto com as mulheres no rio a cantar enquanto lavam e põe lençóis a secar. A verdade é que nunca a vi lavar no rio, nem sequer havia um rio no sítio onde morava. Ela passou grande parte da vida ligada a uma botija de oxigénio, mas para mim, ela cantava no rio e ensinou-me todas as canções da sua infância. Isto não é necessariamente verdade, mas é.

O meu interesse pela noção de memória enquanto construção de identidade levou-me a escolher este tema; esta escolha surgiu alicerçada em dois momentos particulares: o primeiro, uma lembrança contruída por mim sobre a minha avó, e a relação com a palavra memória, que descrevi num exercício para Unidade Curricular de Estética e Teoria da Arte I (Anexo A); o segundo, quando comecei a fazer a minha árvore genealógica e pedi algumas informações à minha família sobre avós e bisavós, algumas teimavam que determinada pessoa tinha aquele nome e uma vida que, após o meu estudo baseado em documentos, não vinha corresponder à realidade, mas tinha sido preenchida por uma ficção que se dava como verdade dentro da história da família. O facto de grande parte das famílias apenas terem conhecimento dos seus ascendentes até à terceira ou quarta geração, faz com que a maior parte destas lembranças, por vezes baseadas em relatos de outros parentes, sejam maioritariamente ficcionais, tal como refere o psicólogo e psicanalista Martin Anthony Conway (2020)

[...] memórias autobiográficas, de períodos mais longos, de meses, anos ou décadas, servem mais para nos ajudar como indivíduos, para nos definir. E então é nesse momento que não é particularmente importante que a memória seja bastante precisa. O que importa é que seja consistente, que se encaixe com a sua vida, com o que você constrói sobre você mesmo. E esse processo pode ser inconsciente.¹ (Conway, 2020)

Constatar que estas ficções se tornam verdade e constituem parte da nossa identidade, mesmo inconscientemente, tem vindo a despertar-me fascínio e, fazendo uma retrospectiva,

¹ Conway, M. (2020) Porque criamos memórias do que nunca aconteceu? / Entrevistado pela BBC News Brasil. Consultado em 19 de Outubro de 2022. Disponível em <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2020/02/por-que-criamos-memorias-do-que-nunca-aconteceu.html>

constato que tenho vindo a desenvolver projetos a partir de documentos, memórias, lembranças minhas e de outras pessoas ao longo dos últimos anos. A primeira vez que o fiz foi em *A Estrada de Alcatrão*² (2013), um espetáculo construído através de relatos de utentes do Centro Social e Paroquial de Ferreiros, em Braga, a partir da questão “O que é ser português?”. No primeiro ano de mestrado, em Pesquisa Artística I, parti da minha lembrança do *Bug do Milénio*³ recorrendo a notícias e reportagens da época para criar uma ficção. Mais tarde, no festival SET, junto com outros colegas da turma, apresentamos *100 metros e 180 segundos*⁴ onde tive a oportunidade de explorar o trabalho com documentos e a criação de cenas de forma simbólica baseada em factos.



Figura 1 - Fotografia de Ensaio *100 metros e 180 segundos*

Também a vontade de trabalhar e investigar sobre uma rua já me acompanhava há algum tempo, pela possibilidade de usar um espaço exterior como espaço cénico, ao contrário de todos os projetos que havia feito até então; as ruas, são locais de passagem e de permanência

² *A Estrada de Alcatrão*, da Associação PorUmCanudo, foi apresentado pela primeira vez em 2013, no Auditório do Centro Comercial Galécia, em Braga.

³ *O Bug do Milénio* foi um receio coletivo de que os serviços e sistema sofressem uma falha na passagem do ano de 1999 para 2000, pela presumível incapacidade de os computadores reconhecerem essa mudança.

⁴ *100 metros e 180 segundos* (2022) é uma performance criada por Fábio Galvão, Fábio Rocha e Marina Martins baseada no assassinato de Gisberta, no Porto, no ano de 2006.

o que lhes confere certa versatilidade naquilo que significam; escolhi especialmente a Rua dos Galos, movido pela beleza que lhe confere o misto de ruína e resistência presente nas suas casas de pedra, junto ao rio, circundada pelos prédios, no coração de uma cidade urbanizada como Braga; apesar de não ter vivido ali, criei uma relação emocional com aquele espaço e a lembrança ficcional que tenho da minha avó, cabe perfeitamente nessa rua, tornando-a num lugar onde ela existe. Acredito que, tal como ao construir árvores genealógicas podemos encontrar parentes comuns com outras pessoas, também com projetos artísticos baseados em memórias podemos encontrar pontos comuns uns com os outros, o que, ao acontecer, gera empatia, um sentido de igualdade, e que nos inquieta. Há uns anos, ouvi o ator António Fonseca afirmar que fazia teatro para *fazer rir, chorar e inquietar*⁵. Entendo este inquietar como aquilo que nos chega de uma maneira mais profunda que mexe com a nossa essência. Reconheço no teatro esse poder de nos conectar e transformar. Assim, decidi partir da memória da Rua dos Galos como um lugar onde estas conexões pudessem ser estabelecidas. As referências à existência dos moinhos era a informação mais abundante que ia encontrando, nos documentos, ao longo da minha investigação. Esta é uma visão pública e exterior daqueles que habitam a rua pontualmente, na sua passagem por lá e podemos supor que é na sua arquitetura, nas suas casas e nos seus objetos que a rua está preservada. Mas interessava-me também aquilo que existe na memória individual, dos antigos e atuais moradores da rua dos Galos, enquanto portadores de uma visão e relação íntima e privada com esse espaço. Apesar de algumas dessas lembranças não poderem ser comprovadas não deixam de ser verdadeiras para quem as relatou e, como material de exploração, permitiram-me, na tentativa de ressurreição desses momentos em cena, criar um espaço de possibilidades e alternativa. Desta forma, determinei os seguintes objetivos como ponto de partida para este projeto de investigação artística:

Objetivos

- Contactar antigos e atuais moradores da rua dos Galos;
- Discutir as ruas enquanto espaços de criação artística;
- Criar um espetáculo para um espaço específico;
- Ensaiar e apresentar em contexto público;

⁵ António Fonseca disse, em 2011, durante uma aula da minha licenciatura em Teatro e Educação, na Escola Superior de Educação de Coimbra, que fazia teatro para fazer rir, chorar e inquietar.

- Pensar e construir figurinos;
- Explorar documentos históricos, registos de conversas e outros materiais como ponto de partida à criação de um objeto artístico;
- Perceber o que constitui a memória coletiva e individual da Rua dos Galos;
- Apelar à preservação e interesse pelo património cultural e histórico;
- Questionar que pontes se criam entre o que foi e o que é.

Havia algo que eu tinha muito presente que era não querer que *Enfarinates*⁶ fosse uma reconstituição histórica com nuances de visita guiada, em que se apontava para edifícios e se relatavam datas que correspondiam a acontecimentos, mas que fosse passível de reconhecimento e identificação pelo espectador; isto sem ter a pretensão de querer ensinar-lhe algo ou ter uma mensagem que, impreterivelmente, tivesse de ouvir ou ver apenas como eu queria que fosse vista. Tendo em conta que a rua é um local em constante mutação, pelo facto de ser um espaço aberto com uma série de fatores imprevisíveis, desde o som do vento ao número de pessoas que passam e se tornam espectadores acidentais, queria que, ativamente, e pelo facto de estarmos num local público e de passagem, houvesse a liberdade de poderem olhar e captar o que entendessem, com a possibilidade de ficarem ou não o tempo todo ou de se irem embora no primeiro minuto. Assim, mesmo parecendo uma contradição, o espectador não era ignorado e, com os meus colegas, procurei provocá-lo e envolvê-lo como parte da ação. Como afirma o filósofo francês Jacques Rancière (2010)

Ser espectador [...] é a nossa situação normal. Aprendemos e ensinamos, agimos e conhecemos também enquanto espectadores que ligam constantemente o que veem com aquilo que já viram e disseram, fizeram e sonharam.⁷ (p. 28)

É através desta capacidade descrita por Rancière que se inicia a emancipação pois o espectador tem o poder de traduzir à sua maneira e filtrar aquilo que recebe. No entanto, tendo em conta que durante o *Enfarinates* os espectadores iriam ter acesso a memórias individuais selecionadas, editadas e trabalhadas com um propósito artístico questioneimei-me, durante o processo, de que forma, involuntariamente, esse contacto poderia ter um efeito de ajuste e expansão na memória coletiva sobre a rua.

⁶ O título do espetáculo é *Enfarinates: o que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos*, no entanto, será, daqui para a frente, referido apenas como *Enfarinates*

⁷ Rancière, J. (2010). *O Espectador emancipado* (J. Miranda Justo, Trad.). Orfeu Negro. (Obra original publicada em 2008)

Estado da Arte

Na pesquisa para este processo, fui-me deparando com alguns projetos feitos em torno da memória que serviram de inspiração e referência conceptual, estética e narrativa. Algumas criações artísticas tive oportunidade de ver quando aconteceram, outras conheço-as através de livros, entrevistas escritas e vídeos. Estes trabalhos, que passo a citar, foram úteis para o meu questionamento sobre o meu processo de trabalho e reflexão sobre as abordagens escolhidas.

Um dos trabalhos que considero basilar para a minha pesquisa é o desenvolvido pelo Grupo XIX de Teatro, de São Paulo; a ligação que se cria entre a memória pessoal e a memória das ruas e das cidades ecoou a partir do trabalho deste grupo, especialmente através do espetáculo *Hygiene* (2005), que tive oportunidade de ver em 2013, em Coimbra, e que foi o primeiro que vi em percurso, na rua. A forma como o Grupo XIX de Teatro explora a relação entre história oficial e memória, trabalha em processo colaborativo, utiliza espaços históricos como espaços cénicos onde retratam contextos sociais e constrói espetáculos em percurso, permite, a quem os vê, vê-los não só como uma obra de arte ou uma linguagem, mas também como uma forma de usar a cidade⁸ são aspetos que movem o meu trabalho artístico e permitem a abertura de um diálogo sobre como nos relacionamos com os espaços e em comunidade.

Em 2013, com a Associação PorUmCanudo desenvolvi, em Braga, o texto e espetáculo *A Estrada de Alcatrão* a partir da recolha de relatos e memórias dos utentes do centro social da freguesia de Ferreiros, sobre a sua vida; após esta recolha, as memórias dos e das intérpretes foram adicionadas na tentativa de dialogar com os testemunhos recolhidos. A partir daqui, explorámos este material através de improvisações, encontrando pontos comuns, descobrindo um diálogo entre ir e ficar, a despedida e o encontro, a esperança e o medo. Foi uma das minhas primeiras criações com base na recolha de testemunhos e em que encontro alguns pontos comuns com o Enfarinates, mas abordarei isso mais à frente.

O espetáculo do Teatro Meridional *Do Deslumbramento*, de Ana Lázaro, com encenação de Miguel Seabra, a que tive oportunidade de assistir este ano no Cine-Teatro Garrett, na Póvoa do Varzim, que nos expõe o momento em que Miguel viu Bárbara Branco a interpretar uma

⁸ Marques, L. F. (2015). Diálogos Teatrais: o Fomentos Compartilha. Consultado em 12 de maio de 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gZ2Oi46MM5w>

cena, e, nesse momento de deslumbramento, é assaltado pelas suas memórias, que rompem com outras e lhe traz novas, confundindo-as, unindo-as, misturando-as e deixando-o perdido entre aquilo que se lembra no presente ou no passado. Eu próprio fiquei deslumbrado em como a confusão instaurada por todas estas lembranças, fluía e se transformava em momentos belíssimos. O facto de estar a trabalhar a partir de memórias tinha-me feito pensar em trabalhar em linhas diferentes e muito marcadas no tempo: passado, presente e futuro. No entanto, após este espetáculo, a fragmentação da própria memória e a hipótese de saltar no tempo, sem necessidade de o declarar como tal, tornou-se muito mais aliciante a explorar neste processo.

O trabalho de Ricardo Correia, diretor artístico da Casa da Esquina, em Coimbra, é também uma referência por ser desenvolvido de forma colaborativa, a partir de documentos históricos, acontecimentos, recolha de testemunhos, a procura de diálogos com outras vozes que a história oficial não reproduz e os seus pontos de vista, a inclusão de excertos de textos de outros dramaturgos que ecoam na sua criação e até a sua própria biografia. O facto de escrever textos originais a partir desta variedade de material, entre o real e a ficção, é algo que também me interessa e procuro desenvolver no processo. O trabalho de Correia, que muitas vezes passa pelo teatro documental, ajuda-nos a perceber a relação com a sociedade e a vida de cada pessoa, de forma a permitir uma reflexão sobre a realidade que nos rodeia.

Outra referência relevante para este projeto é o documentário *A Arte da Memória* (2021) de Rodrigo Areias que acompanha três artistas plásticos em relação com uma antiga fábrica que lhes desperta lembranças não diretamente relacionadas com ela, mas que parecem agarradas aquele espaço como se dele fizessem parte. Este documentário ajudou-me a pensar sobre estes espaços que perdem a sua original função e se tornam outros, dentro do contexto em que são inseridos e, neste caso, nas memórias que despertam.

A exposição *Les Voyageurs* (2013) ou *Os Viajantes* do escultor Bruno Catalano é composta por esculturas em bronze de pessoas com partes do seu corpo em falta, que transportam uma mala e parecem desvanecer. Estas pessoas, segundo Catalano, representam migrantes e viajantes que sempre que partem de algum lugar deixam um pouco de si com eles. A melancolia, a saudade e a possibilidade de cada um daqueles pedaços que faltam serem preenchidos pela nossa imaginação e vivência foi algo que também queria trazer para este processo: a possibilidade e a necessidade de olhar para além das casas vazias e fechadas, para as pedras e muros e o próprio chão da rua como repositórios de histórias veladas e poder

desvendá-las junto com quem vê. Dar espaço àquilo que contamos para que possa integrar as nossas próprias lembranças e imaginação.

A obra de Tadeuz Kantor, particularmente *The Dead Class* (1975), *Wielopole, Wielopole* (1980), *Let the Artists Die* (1986) onde está bem presente a preocupação com a memória e a tentativa da sua ressurreição é mais uma referência que importa mencionar. Nesta considerada trilogia do *Teatro da Morte* o seu trabalho assenta numa pesquisa sobre a impossibilidade de reconstruir memória morta, como uma colagem de imagens e texto, uma espécie de fotografia distorcida, recorrendo também à sua própria memória e história de família que aparece fragmentada, baseada em factos escassos e imagens.

O Teatro do Vestido é um coletivo teatral fundado em 2001, sob a direção artística de Joana Craveiro, cujas criações são feitas a partir de memórias, recolha de relatos, lembranças, fotografias, registos escritos, vídeos, sons; o seu trabalho insere-se no teatro documental que é algo que tenho procurado explorar; em *Um Museu Vivo de Memórias Pequenas e Esquecidas* (2014), Joana Craveiro parte de uma intensa pesquisa, onde se encontram testemunhos, palavras em revistas, livros, fotografias sobre a ditadura, revolução e emigração. Craveiro parte à procura de uma memória subjetiva sobre esse período, baseado na verdade de cada um, e relaciona esse material com a memória que lhe foi transmitida sobre essa altura, questionando-se sobre a forma como esse período, que faz parte do seu passado apesar de não o ter vivido, influência quem é.

O documentário cénico *Luís António-Gabriela* (2011), da Companhia Mungunzá de Teatro, que tive oportunidade de ver em 2012 na OMT⁹, em Coimbra, constitui mais uma referência. Um espetáculo com direção e argumento de Nelson Baskerville que é, também, uma carta de amor e de desculpa ao seu irmão Luís António que, após viver 30 anos no Brasil, parte para Espanha onde morre, em 2006, como Gabriela. Ter sido criado a partir de documentos e testemunhos da sua família, e a forma como estes documentos, cartas ou certidões de nascimento e de óbito, rompiam a cena, junto com as lembranças e depoimentos do próprio Baskerville, os saltos temporais que davam, a forma como a narrativa se ia construindo e deu origem a um sentimento arrebatador fez com que, no final, não quisesse falar para que tudo o que estava a sentir não se esvaísse. Ao longo do meu processo de trabalho recordei este momento e pensei: como é que eu provoço isto?

⁹ Oficina Municipal do Teatro

Há ainda outros artistas e espetáculos que, de forma menos determinante, rematam o mapa referencial deste projeto, como é o caso da criação coletiva *Esquecimento* (2022), do Teatro da Cidade que propõe uma reflexão sobre o contraste entre aquilo que a sociedade nos empurra a procurar: o reconhecimento, a eternidade, o ser lembrado e o Direito ao Esquecimento, presente na Nova Carta dos Direitos Humanos na Era Digital. Levantando questões como: *qual a legitimidade para que algo ou alguém seja esquecido?*¹⁰ Esta interrogação fez-me trazer para esta pesquisa a necessidade de identificar na Rua dos Galos marcas de combate ao esquecimento que nos permitem ser recordados e imortalizados, para provar que existimos.

¹⁰ Sinopse da criação coletiva *Esquecimento* do Teatro da Cidade, apresentado no Teatro Viriato a 22 de outubro de 2022. Consultado em 19 de outubro de 2022. Disponível em <https://www.teatroviriato.com/pt/calendario/esquecimento-1/>

Capítulo II – A Memória e a Rua

Sobre a Rua dos Galos

Em 1757 a paróquia de São José de São Lázaro foi dividida da freguesia de São Vítor pelo Arcebispo D. José de Bragança e instituída na paróquia de São Lázaro. É desta freguesia, ou melhor, União de Freguesias de São José de São Lázaro e São João do Souto que faz parte, hoje, a Rua dos Galos. É uma rua guardada no fundo da Avenida da Liberdade, pela urbanização envolvente. As suas casas em pedra e o rio sob a qual algumas foram construídas, transportam-nos para um outro lugar e um outro tempo. Em 1758, como podemos ler nas Memórias Paroquiais de Braga, surge referenciada como aldeia dos Galos onde se lê que *tem bastantes moinhos e teve engenho de papel, que há poucos anos se desfez. Não tem lugar de azeite*. A existência deste engenho de papel foi confirmada, em 2007, por Aurélio de Oliveira¹¹. A fama da rua, no entanto, prende-se ainda à existência de moinhos que outrora funcionavam e moíam a farinha ou o trigo com a força da água do rio e à fonte dos Galos, onde se pode ver dois galos talhados na pedra e ler: *Expencis Publicis Anno 1639*, o que suscita uma dúvida em relação à origem do topónimo “Galos”.

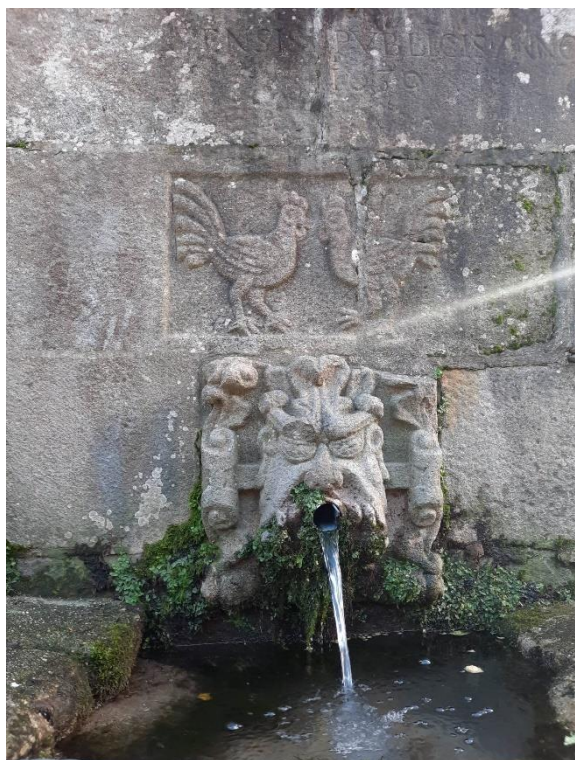


Figura 2 - Fonte dos Galos

¹¹ Oliveira, A. (2007). Fabrico do Papel em Braga no Século XVI. Revista da Faculdade de Letras HISTÓRIA, 8(3) 25-27

Rui Ferreira, historiador bracarense, questiona se o topónimo é anterior à fonte, e por isso aparece retratado no espaldar da mesma fonte? Ou se pelo contrário, a fonte é anterior ao topónimo e acabou por batizar o lugar?¹² (Ferreira, 2016) Sugere e deixa à consideração do leitor que a origem esteja relacionada com os Galos expostos na igreja de Santa Cruz, cujos elementos da fachada devem datar de 1637. No entanto, questiono se este será o caso, tendo em conta que já em 1608, cerca de 30 anos antes pode-se ler, nos registos de batismo da freguesia de S. Vítor, o que passo a transcrever (Anexo B):

Ao primeiro de maio batizei um moço por nome Domingos, filho de Pantaleão Fernandes, desta freguesia, e de sua mulher Maria Manuel. Foram padrinhos Brás Francisco, da ribeira e Maria Fernandes, mulher de António Francisco, dos Galos!¹³

Não podemos deixar de considerar a possibilidade de existência de uma fonte anterior, mas baseada nesta informação, podemos supor que será a rua a dar o nome à fonte e não o contrário. Menos de um século antes, em 1594, podemos observar no *Mapa da Cidade de Braga de Braunio*¹⁴ uma azenha (destacada a amarelo) junto ao rio onde se pode ler (traduzido livremente do latim): *moinhos de milhos junto ao Rio Este*.



Figura 3 - Mapa da Cidade de Braga de Braunio, 1594

¹² Ferreira, R. (2016). *São João da Ponte: o local pitoresco da cidade de Braga*. União de Freguesias de São Lázaro e São João do Souto.

¹³ ADB, Fundo Paroquial da Freguesia de S. Vítor, Livro de batismos 1607-1617, n.º1 fl.9.

¹⁴ Ficheiro:Braga-mapa medieval.jpg – Wikipédia, a enciclopédia livre [Imagem]. (s.d.). Wikipédia, a enciclopédia livre. https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Braga-mapa_medieval.jpg

Hoje, ainda é com referência aos moinhos que algumas pessoas que lá não vivem identificam a rua: os relatos de quem acompanhava as avós ao sítio dos Galos para ir buscar farinha são os que predominam assim como o deslocarem-se para ir buscar água à fonte. Uma relação estabelecida em virtude de uma necessidade primária: a de se alimentar. Assim, é de destacar e questionar a coincidência de tanto a memória coletiva como a memória individual assentarem sobre os mesmo dois pontos: a existência dos moinhos e da fonte.

Memória Coletiva e Individual

Carol Martin, Professora de teatro na Universidade de Nova York, afirma em *Locations of Memory: Bridging The Gap Between Private and Public Memory in Location Performance and Theatre Mitu's Hamlet/Ur-Hamlet*, a propósito da análise que faz de três trabalhos artísticos, que

A memória coletiva existe em artigos, registos, imagens e coisas. Os indivíduos participam na memória coletiva quer queiram, quer não. Nesta perspetiva, a memória individual é uma ilusão: o “eu” que lembra é na verdade o “nós” que constitui sociedade.¹⁵ (Martin, 2016, p. 24) (tradução livre)

A ideia de um indivíduo cujas lembranças são influenciadas e moldadas pela cultura, história e o contexto social em que está inserido, implica que estas sejam uma construção social e coletiva. Quando partilhamos com outras pessoas um mesmo momento, estejam presentes ou não, esse momento vai ser lembrado de forma diferente por cada uma delas, dada a memória subjetiva¹⁶ que cada pessoa tem sobre esse momento. Isto acontece, por exemplo, num núcleo mais íntimo, com amigos ou familiares quando compartilhamos e recordamos eventos passados cuja percepção de cada um acaba por recriá-lo coletivamente, ajustando-o com novas informações e interpretações.

No entanto, segundo o filósofo francês Maurice Halbwachs (2007), as

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com

¹⁵ Martin, C. (2016). *Locations of Memory: Bridging The Gap Between Private and Public Memory in Location Performance and Theatre Mitu's Hamlet/Ur-Hamlet*, Sinais de Cena, 2(1), 8-26.

¹⁶ A memória subjetiva envolve reconhecer que aquilo que recordamos é uma visão influenciada pelas nossas emoções, percepções e interpretações pessoais

objetos que só nós vimos. 'E porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre connosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (para. 3)¹⁷

Halbwachs, defende que a memória é apenas coletiva e que não somos capazes de lembrar individualmente se não estivermos em contacto e fizermos parte de um grupo. Mesmo quando estamos sozinhos, sem alguém com quem a partilhar, só o conseguiremos recordar porque o podemos relacionar com algo que vivemos ou aprendemos com outra pessoa.

Outro aspeto a considerar sob a influência da memória coletiva são as lembranças de acontecimentos históricos comuns a um grupo mais amplo que são moldadas pelo que nos ensinam na escola, pelas narrativas criadas ou pela carga simbólica que estes acontecimentos adquirem e, sob o mesmo ângulo, as memórias de períodos marcados no tempo que não vivemos e nos foram transmitidas, por gerações anteriores.

No seu artigo, na revista *Sinais de Cena*, a encenadora, atriz e diretora Joana Craveiro (2016), refere a respeito da “pós-memória” que

Recebida por via familiar, intergeracionalmente, esta memória é o que me permite ter emoção face a cravos vermelhos, sem nunca ter vivido diretamente o 25 de Abril de 1974;¹⁸ (p. 40)

Craveiro em *Um Museu Vivo de Memórias Pequenas e Esquecidas* (2014) serve-se da sua condição de descendente de uma geração que viveu a Revolução dos Cravos para procurar perceber a influência que a memória de algo que não viveu, mas que sente como sua, tem sobre quem é. Este conceito de “pós-memória” foi desenvolvido por Mariane Hirsch (s.d.) que o define como

“Pós-Memória” descreve a relação que a “geração posterior” tem com o trauma pessoal, coletivo e cultural daqueles que vieram antes – experiências de que se “lembram” através das histórias, imagens e comportamentos em que cresceram. No entanto, essas experiências foram-lhes transmitidas de forma tão profunda e afetiva

¹⁷ Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva* (L. Léon Schaffter, Trad.; 2ª ed.). EDIÇÕES VÉRTICE. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf Consultado a 20 de fevereiro de 2023

¹⁸ Craveiro, J. (2016). «Que teatro é este?»: Pensamento e processo de um museu vivo de memórias pequenas e esquecidas. *Sinais de Cena*, 2(1), 27- 48.

que parecem constituir memórias por si só. [...] É ser moldado, ainda que indiretamente, por fragmentos traumáticos de eventos que ainda desafiam a reconstrução narrativa e excedem a compreensão. Esses eventos aconteceram no passado, mas os seus efeitos continuam até ao presente.¹⁹ (para. 1)(tradução livre)

Ricardo Correia, tal como Joana Craveiro, faz parte desta geração da pós-memória e cria o espetáculo de teatro documental *Cartas da Guerra (61-74)* (2023) a partir do silêncio que existe em relação à Guerra Colonial, vivida pela geração dos seus pais, no seio da sua e de outras famílias; baseia-se em factos, na subjetividade dos relatos de testemunhos e na sua autobiografia, onde o documental e a ficção se contaminam.²⁰ As transmissões das lembranças destas experiências extremamente pessoais vêm contribuir para contar aquilo que muitas vezes a memória coletiva cristalizada nos considerados documentos factuais não conta. Assim, é necessário compreendermos a importância que estes testemunhos têm para as narrativas que se transmitem.

No entanto, como defende a ensaísta e crítica literária argentina Beatriz Sarlo (2007)

A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível) mas de sua lembrança.²¹ (p.25)

As lembranças de experiências individuais são carregadas de subjetividade e apenas adquirem um carácter factual e verdadeiro quando podem ser comprovadas por um registo de alguns aspetos muito específicos, como por exemplo as fotografias ou os vídeos, no entanto, não perdem a sua subjetividade e o espaço para a ficcionalização. Estes registos, tidos como prova apenas nos dão a ver um momento muito preciso, um “meio caminho”; ao tentar recuperar uma história de família a partir de uma fotografia e especular sobre o que não poderiam saber sobre o seu passado, o artista e investigador Simon Bowes (2011) cria um documento desse gesto especulativo.

¹⁹ *An Interview with Marianne Hirsch* | Columbia University Press. (s.d.). Columbia University Press. <https://cup.columbia.edu/author-interviews/hirsch-generation-postmemory>

²⁰ esectv. (2023, 11 de abril). "*Cartas da Guerra (61-74)*" de Ricardo Correia | TAGV [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=7wuK4d8DetM>

²¹ Sarlo, B. (2007). *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjectiva*. São Paulo: Companhia das Letras

Terceira Nota: “O Salto e a Queda”: 1958: O meu pai, antes de ser meu pai, saltou de um rochedo para o mar. A fotografia apanha-o a meio caminho.²² (Bowes, 2011)

No teatro, enquanto trabalhamos com material concreto como relatos, fotografias, cartas, registos áudio ou vídeo, entrevistas ou testemunhos é natural que este seja cortado, editado e selecionado para caber na linha dramática que seguimos e que isso dê aso à criação de ficções. Aquilo a que o espetador tem acesso é uma retransmissão destes testemunhos sob a visão de quem agora os transmite, que por sua vez serão percebidos por si. Em *Eu Uso Termotebe e o Meu Pai Também* (2018) de Ricardo Correia, podemos ler uma proposta que acho curiosa como forma de transmissão de memória, pelo contacto quase direto, apesar de selecionados e editados, que se tem com estes relatos: os atores usam *headphones*, ouvem os testemunhos e reproduzem-nos palavra por palavra, tentando ser o mais fiéis possível aos padrões e cadência ouvidos²³. Este gesto de colocar os *headphones* ajuda, a quem vê e lê, a tomar consciência em que alturas está a aceder a excertos de testemunhos.²⁴ Isto transforma o contato com o que estamos a assistir e com os protagonistas destes relatos e a sua experiência, pela forma como se estreita a relação com o material.

Os documentos são registos de uma determinada época assim como as experiências que originam as lembranças individuais o são. O carácter coletivo da memória e a sua influência nestas lembranças, no entanto, não invalida a existência e pertinência daquilo que experienciamos individualmente. No caso da minha investigação sobre a memória da Rua dos Galos pretendia, como já referi, além de registos escritos, fotográficos ou vídeo, conversar com pessoas que vivem ou viveram nessa rua, pela possibilidade que a sua história experienciada nos abre: um caminho para um entendimento além daquilo que é considerado história oficial, e, por isto, entenda-se, o que atestam os documentos, descrito no início deste capítulo. Defendo a importância de considerarmos as lembranças individuais quando contamos uma história, pois estas são uma elaboração subjetiva dos acontecimentos que contribuem para o preenchimento dos silêncios e para o desenvolvimento de uma perspectiva histórico-social.

²² Bowes, S. (2011). *Algumas notas sobre performance e documentação [a propósito do projeto Where We Live & What We Live For]* apresentado no Atelier Real, 19 de Junho de 2010, Atelier Real, 20-24

²³ Correia, R. (2021). *Eu uso termotebe e o meu pai também e outras peças*. Artistas Unidos/Snob/Casa da Esquina, 9

²⁴ No texto escrito *Eu uso termotebe e o meu pai também* Correia auxilia-se do símbolo “|” que surge antes do texto para indicar que é um registo editado de um testemunho e para indicar o início de um outro excerto.

Capítulo III – O Moinho

Metodologia

Este projeto segue uma metodologia de investigação artística apoiada em métodos de investigação qualitativa sobre estudo de caso, assim como trabalho de campo realizado ao longo de 3 meses na Rua dos Galos.

Inicialmente, queria perceber o que existia nos arquivos e bibliotecas municipais que fizesse referência direta à Rua dos Galos. Esta pesquisa resultou no levantamento de alguns documentos como registos de batismo, cartografia, testamentos, vídeos de entrevistas, fotografias e bibliografia que considereei como uma versão pública, a que toda a gente tem direito de acesso, baseada em factos e vista como verdade.

Para poder aceder ao que considero, como referi anteriormente, a visão íntima e privada daquele espaço, procurei conversar com atuais e antigos moradores da rua, primeiro, através do apoio da Junta de Freguesia onde a Rua dos Galos está inserida, na expectativa de que pudesse servir como ponte entre o projeto e as pessoas que lá vivem. No entanto, após reunião com o Presidente, não houve respostas neste sentido, pelo que optei por publicar nas redes sociais um anúncio ao qual obtive algumas respostas. A partir daqui, consegui os contactos de duas pessoas que moraram na Rua dos Galos e que estavam dispostas a marcar entrevistas para partilhar as suas histórias. Preferi conversar primeiro por telefone para explicar o projeto, o que no decorrer da conversa me ajudou a perceber de antemão o que estaria mais presente naquilo que queriam partilhar comigo e o que poderia ser aprofundado depois no nosso encontro. Optei por marcar uma tarde com cada uma das pessoas, na rua, acreditando que passear por lá pudesse ajudar a relembrar e a situar mais facilmente aquilo que me contavam. Havia algumas coisas que pretendia perceber, nomeadamente em que casa viviam quando moravam naquele local, que acontecimentos relatados foram mais marcantes, como era a relação das pessoas e que dinâmicas existiam naquela rua. Queria também referir algumas coisas que já havia lido sobre os moinhos e a fonte, para confrontar estas informações com aquelas que tinham para partilhar e perceber de que forma correspondiam ou não. Escolhi a técnica de entrevista aberta, não elaborei um guião de entrevista, porque não queria limitar as suas respostas ou focá-las apenas em determinados pontos, mas que os locais por onde fossemos passando servissem de mote não só para aquilo que lhes despertava alguma

lembança, como também para as perguntas que me iam surgindo em resposta à situação e conversa. Pretendia um tom menos formal, mais próximo e menos estruturado. As transcrições das entrevistas (Anexo C) foram feitas manualmente, dado o resultado pouco satisfatório da função disponível no Microsoft Word, no entanto, apenas foram anexados excertos selecionados tendo em conta a relevância para o projeto e o consentimento obtido.

Entrevistas

O facto de estar a percorrer a rua junto com alguém que lá viveu, permitiu-me perceber como a viam e deixei que me guiassem por aquilo que me queriam contar. Combinámos naquele que é, talvez, o ponto mais conhecido na rua: a fonte do Galos e daí partimos. Pedi sempre se podia gravar as entrevistas, em formato áudio, o que foi autorizado verbalmente. Fui percebendo que a conversa começava sempre sobre o lugar em si, de uma forma geral e, à medida que íamos andando, as memórias individuais sobre o sítio iam aparecendo. Algo que eu previa e, de certa forma, ansiava que acontecesse foram as entrevistas acidentais. Tive a oportunidade de conversar com moradores que, ao verem-me acompanhado por alguém que conheciam e depois de saberem o que estava a fazer, vinham também partilhar as suas histórias, por vezes, convidando-me a entrar em sua casa para me dar a conhecer, no caso, onde e como se moía a farinha e a sua relação com o rio. Numa fase posterior, quando já estávamos em ensaios de exploração do material, outras pessoas que ali moravam vinham para conversar connosco voluntariamente e partilhar, também, aquilo que queriam. Estas partilhas foram registadas no final de cada dia de ensaio, manualmente num caderno, num texto mais extenso ou através de tópicos (Anexo D).

No total, conversei com 9 pessoas, 2 homens e 7 mulheres. Fiz um levantamento das lembranças relatadas em cada conversa para identificar as que eram comuns, de forma a encontrar elementos que pudessem servir de base à exploração nos ensaios e perceber que momentos foram os mais marcantes para as pessoas que ali vivem e viviam, de uma forma geral. Registei o seguinte:

- As brincadeiras, malandrices que faziam quando eram crianças;
- As mulheres que iam lavar roupa para o rio;
- O rio enquanto força motriz de trabalho;

- Os moinhos onde toda a gente ia buscar farinha;
- A relação entre um lado da rua e o outro;
- A redução do leito do rio e as suas consequências;
- A quantidade de pessoas que ali moravam em comparação com as que hoje vivem;
- A existência de uma senhora a quem chamavam Bruxa;
- O convento que foi transformado em casas, onde estavam freiras enterradas;
- Um episódio ocorrido na rua envolvendo os *Corrécios de Braga*²⁵

Estes são momentos comuns às pessoas com quem conversei, mas também considereei no material a explorar as memórias que no seu conjunto foram referidas apenas uma vez e que achei relevantes:

- A existência de uma parteira;
- O Avô que não quis sair da sua casa;
- A Rosinha que estava sempre à porta;
- A Capela do Senhor do Bom Princípio que foi comprada pedra a pedra e levada para a Rua dos Galos;
- A tromba de água que fez o rio encher e inundou algumas casas;

No entanto, pude também analisar e retirar algumas conclusões em relação aos relatos dos entrevistados:

As lembranças de alguns acontecimentos foram vividas na primeira pessoa, outras transmitidas

Apesar de, com as entrevistas, ter um grande interesse em recolher memórias subjetivas, muitas vezes, acabavam por me contar coisas que não tinham vivenciado, pois tinham-lhes sido contadas por alguém que as viveu, numa altura em que ainda não eram nascidos. Assim,

²⁵ Não há uma precisão em relação à data em que o episódio aconteceu, apenas que foi entre o 25 de Abril de 1974 e 1976. Acredito que o episódio pode ser situado no período do “Verão Quente à moda de Braga” que o historiador José Joaquim Gomes relata na sua crónica *Os terroristas e o Corrécio de Braga* no Correio do Minho, publicada a 22 de novembro de 2015. Consultado em 17 de março de 2023. Disponível em <https://correiodominho.pt/cronicas/os-terroristas-e-o-correcio-de-braga/7189>

estas memórias que me relatavam, moldadas e transmitidas através de interações sociais, integravam a memória coletiva (Halbwachs, 1990)²⁶ sobre a rua.

Lugares e edifícios específicos despertam lembranças específicas

As entrevistas, como referi, iniciavam sempre com uma descrição geral da rua por parte dos entrevistados, no entanto, à medida que passávamos por pontos específicos, estes desvendavam memórias particulares e cada vez mais detalhadas. Havia, muitas vezes, a necessidade de, quando estávamos a conversar sobre determinado edifício, a pessoa entrevistada dizer *mas já vamos lá ver* como se a lembrança ainda lá estivesse para ser vista. Deslocar-nos até determinado sítio, permitia que as memórias se tornassem mais detalhadas chegando a conseguirem fazer uma descrição de, por exemplo, os objetos que determinada casa tinha à porta.

Este fenómeno era algo que havia previsto que fosse acontecer o que me fez pensar sobre a importância de trabalhar cenas relacionadas com sítios específicos da rua.

A interferência de uma terceira pessoa na conversa vem ajudar a criar um acordo naquilo que é transmitido

Cada entrevista apenas contemplava, inicialmente, uma pessoa entrevistada que, para melhor entendimento, nomearei como (A). No entanto, tendo em conta que estávamos na rua onde era reconhecida pelas relações que mantinha com as pessoas que lá viviam, acontecia, como já referi, de se juntarem-se outros moradores de forma não programada (B). Nestas situações, era comum que algo que já me havia sido contado no início da conversa fosse resgatado por A para que pudesse ser confirmado por B.

Para que a nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam os seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com as suas memórias e que haja bastantes pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. (Halbwachs, 1990, para. 12)

²⁶ Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva* (L. Léon Schaffter, Trad.; 2ª ed.). EDIÇÕES VÉRTICE. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf Consultado a 20 de fevereiro de 2023

O que Halbwachs descreve, acontecia nestes momentos: as memórias eram corroboradas e adicionados detalhes apenas vividos por A ou B, que não sendo do conhecimento de um ou de outro, acabam por formar um ajuste naquilo que contavam para chegarem a um consenso de como se havia passado.

As lembranças de um mesmo momento alteram-se dependendo de quem as lembra

Vou tomar como exemplo um episódio que me foi relatado por várias pessoas, mas, neste momento, terei apenas em consideração os relatos das que estavam diretamente envolvidas: um dos entrevistados descreveu um momento com algum entusiasmo pela forma como o viveu; outros descreveram o mesmo momento como uma situação em que sentiram medo. As perspectivas são diferentes pelo papel que tiveram na ação e constituição desta memória e penso que, se tivesse ouvido apenas uma das pessoas, a minha visão sobre este momento, poderia ser toldada por esse sentimento. Poderia considerá-lo como um momento assustador ou de grande entusiasmo, o que alteraria a forma de abordagem na exploração e percepção.

As lembranças pessoais partilhadas têm mais de um sujeito

Os momentos relatados nunca eram solitários, envolviam sempre outras pessoas. Isto permitiu-me perceber que momentos se destacavam na memória coletiva da rua e que, de certa forma, facilmente seriam mais reconhecíveis. Apesar de não ter a intenção de os reproduzir quis trabalhar a partir deles para que pudessem, eventualmente, ser identificados por quem os visse.

Capítulo IV – A Moagem

Um projeto artístico pode ser considerado *site-specific* quando se relaciona diretamente com um espaço e as suas especificidades, revelando-as e tornando-as o centro da performance, através da sua relação íntima e profunda com o que o compõe. A autora e performer Alison Oddey, analisou no seu livro *Devising Theatre: a practical and theoretical handbook* (1994) os processos de criação coletiva de várias companhias, onde cada elemento, como os atores, utilizam as suas próprias experiências pessoais para a criação de um material coletivo. No processo de um projeto artístico *site-specific* este material base para a criação envolve também o espaço como elemento e centro do processo coletivo. “A natureza de uma performance *site-specific* exige que se pense numa combinação variada de forma, conteúdo e público desde o início.”²⁷ (Oddey, 1994, p. 125) A consciência da quantidade de elementos com os quais teria de trabalhar ao mesmo tempo esteve presente desde o início e enquanto recolhia material, começava a identificar alguns dos quais gostaria de partir, no entanto, pensava se o devia fazer sozinho, enquanto intérprete, ou reunir colegas que pudessem e quisessem abraçar este projeto. Ver o espetáculo *Do Deslumbramento* (2022) do Teatro Meridional, ajudou-me a decidir: a dinâmica que resulta da interseção das lembranças de uma personagem estava muito próxima daquilo que eu queria explorar e, fazê-lo com mais do que uma pessoa, pareceu-me o ideal, tendo em conta outras histórias que poderiam ser acopladas à história daquela rua, com visões diferentes trazidas pelas pessoas envolvidas. Gosto de trabalhar com uma contribuição ativa de todas as partes num processo criativo. As funções dos envolvidos são diferentes mas complementam-se e são contaminadas umas pelas outras e é essa abertura para dar e receber com a qual me identifico no trabalho de construção de um objeto artístico. No entanto, ao mesmo tempo, pensava na questão do espaço e na possibilidade de apresentar o espetáculo no Teatro Helena Sá e Costa ou na Rua dos Galos. Definir isto seria decisivo, por uma questão de logística, para identificar quem abordar.

²⁷ Oddey, A. (1994) *Devising Theatre a practical and theoretical handbook*. London: Routledge.

Escolha do espaço

Apresentar no Teatro Helena Sá e Costa era natural por várias razões: era um espaço que já conhecia, não tinha de me deslocar para outra cidade e pressupunha um ambiente de trabalho e linguagem que me são familiares. O misto de resistência e ruína da Rua dos Galos, foi o que me fez decidir, juntamente com o interesse que tinha em abordar outros espaços não convencionais. Os anseios e dúvidas sobre questões como a disposição dos espetadores, a segurança, a burocracia para apresentar num espaço público, a interação com os moradores, assaltaram-me no momento, mas olhar a rua, os seus edifícios, o rio e procurar pensá-los como material de exploração seria algo completamente diferente do que havia experimentado até então e encarei esta oportunidade como um desafio pessoal e profissional. A ligação que sentia com a rua, agora intensificada e de outra natureza, era algo que não queria perder no decorrer deste processo, aquilo que, inexplicavelmente, nos ressoa de alguma forma. Havia a necessidade de que o que fosse criado a partir do material recolhido interagisse com o espaço e que este não servisse apenas como o local onde o espetáculo acontece, mas como parte integrante dele. *Enfarinates* deveria ser, ao mesmo tempo, um espetáculo “da” e “na” Rua dos Galos ao pertencer-lhe de uma forma profunda e significativa, construído pelo diálogo entre nós, os edifícios e o ambiente que nos envolvia.

A concretização desta ambição pode caracterizar *Enfarinates* como um espetáculo *site-specific*, tendo em conta que é o local em si que proporciona a estrutura, forma, conteúdo, e potenciais participantes para a peça²⁸ (Oddey, 1994, p. 125).

Exploração do material

Assim que decidi apresentar o projeto na Rua dos Galos, convidei a participar as pessoas que me eram próximas, porque conhecia o seu trabalho ou porque tinham uma relação pessoal com a própria rua. O elenco foi composto por: Ângela Coimbra, Boaventura Rodrigues, Joana Rodrigues e Rita Machado. Ajustar os horários não foi fácil, e durante o mês de abril trabalhei com o grupo separado, em duplas. Definimos segundas e quartas-feiras de manhã com uma dupla; terças e quartas-feiras à noite com outra. A segunda-feira à noite seria o dia de ensaio com todo o elenco. Inicialmente, pensei que trabalhar com o grupo dividido poderia não ser

²⁸ Oddey, A. (1994) *Devising Theatre a practical and theoretical handbook*. London: Routledge.

vantajoso e tentei que as propostas de um encontro para a outro não destoassem, para estarmos a par uns dos outros e podermos caminhar numa linha comum. Defini que primeiro seria necessário trabalhar a relação de cada ator e atriz com a rua²⁹ para chegarmos a uma relação enquanto grupo. Para alcançar isso, era incentivado que, no material que cada pessoa criava, identificássemos aquilo que nos tinha despertado interesse individualmente e tudo isto era discutido e analisado pelas pessoas presentes no ensaio. Comecei por entregar a cada elemento um caderno para que pudessem fazer registos de tudo aquilo que se relacionasse com o processo: desde memórias pessoais, questões, observações, textos, imagens; pedi-lhes que só me fosse entregue no final, para que me pudessem dar uma visão geral e possibilidade de comparação na forma como encaramos o processo.

O primeiro encontro com cada dupla, a 3 de abril, serviu para lhes fazer uma visita guiada pelos Galos, pedi-lhes que identificassem aquilo que lhes chamasse mais a atenção. Durante o percurso fui contando o que sabia sobre a rua, incluindo os relatos das pessoas que entrevistei inicialmente. O que o elenco retirou deste encontro foi o mote para iniciarmos a exploração do material. A partir do que havíamos encontrado durante o percurso que havíamos feito e as histórias que havíamos partilhado, era importante perceber que tipo de referências mais se destacavam como também que parte da rua serviria de início à sua descoberta e o que poderíamos contar a partir daí. No ensaio “Como desenhar a rua?” propus que, com recurso a folhas de papel distribuídas no chão, a recriassem e a apresentassem sob a sua perspetiva.

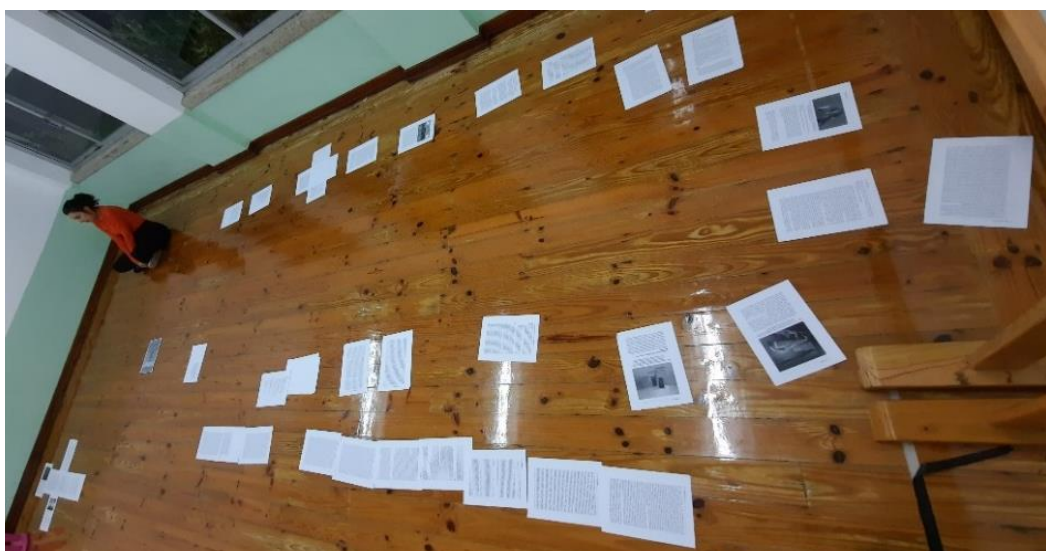


Figura 4 - Fotografia de ensaio “como desenhar a rua?”

²⁹ Entenda-se “rua” como o espaço, as memórias, os registos, documentos que compõe o material a explorar.

A dificuldade em encontrar um espaço que nos acolhesse nos primeiros ensaios fez com que ensaiássemos nos Galos e que a relação se estreitasse. O ambiente de ensaiar num espaço público é completamente diferente do que estávamos habituados, mas isso não foi impedimento. O encenador Peter Brook (2016) afirma que

Nos primeiros ensaios, há várias atividades que podem tornar mais estimulante para cada individuo o material relevante para o tema de uma peça: a improvisação, a partilha de associações e memórias, a leitura de material escrito, de documentos de época, a visão de filmes e de quadros. Nenhum destes métodos é muito importante em si mesmo – cada um deles é um estímulo.³⁰ (p.180)

Neste sentido, nas primeiras semanas, cada um de nós selecionava um ponto na rua que nos tivesse estimulado e durante 45 minutos, procurava sensações, lembranças, informações que o levassem a uma descoberta e encontro com esse espaço; em seguida, escrevia sobre ele procurando quem poderia ter existido ali, que acontecimentos poderia ter presenciado e que outras possibilidades se abriam. Poderiam partir de informações das entrevistas em relação com o espaço ou criar e abordar personagens em determinados contextos relacionados com um edifício ou situação. Depois, apresentava-o, com base nas linhas gerais do que escrevera, para que fosse discutido em conjunto e outras perspetivas pudessem ser consideradas, moldando o que havia sido feito, na tentativa de construir cenas e descobrir caminhos a seguir. Era importante perceber que pontos ressoavam em nós para que nos descobríssemos enquanto grupo naquela rua. Em alguns casos, as narrativas criadas implicavam um percurso do dia a dia ou um momento de uma personagem tendo em foco um dos locais. Por exemplo, no caso da Joana, partiu da referência à existência de uma parteira e levou-nos a percorrer a rua, apanhada à saída de um edifício, onde tinha feito um parto, até ao momento em que voltava a sua casa. Durante as nossas discussões, perguntávamo-nos como é que chegava a casa depois de um dia em que poderia ter ajudado a nascer algumas crianças mas podia ter perdido outras. O que muda em relação com a casa? De que forma é que o espaço se transforma em relação com ela e, por outro lado, como é que ela se transforma em relação com este espaço? Esta relação era diferente pela dimensão do que havia vivido entre um momento (sair de casa) e outro (chegar a casa). Da mesma forma que, hoje, a relação das pessoas com a rua, desde o tempo em que se situavam as memórias que nos transmitiram, é

³⁰ Brook, P. (2016). *O Espaço Vazio*. (R.Lopes, Trad.) Lisboa: Orfeu Negro.

diferente. Há uma distância temporal que acrescenta uma perspetiva nostálgica e de reconexão com o espaço que não é mais o mesmo mas no qual se procura uma réstia do que foi vivido. A cena da Parteira explorava isso; chegar a casa e vê-la diferente de como a tinha deixado: com as portas e janelas fechadas, ervas daninhas nas paredes, culminando numa estranheza e tentativa de reconhecimento daquele espaço. Esta cena em particular ajudou a começar a abrir um caminho para, não apenas pensar naquilo que a rua foi, mas ter isto em confronto com aquilo que é e poderá ser.

O facto de estar presente nos ensaios da manhã e da noite fazia-me perceber como as cenas se alteravam: durante o dia a luz e a quantidade de pessoas que lá passavam tornavam as cenas mais leves, enquanto à noite, quando tudo estava mais silencioso e o ambiente era mais calmo, surgiam cenas mais densas. Não só o material do qual partíamos como também a própria vida na rua em distintas fases do dia, vinha influenciar a construção das cenas e criar enquadramentos muito próprios o que foi, também, ditando caminhos. Durante estes ensaios, no total, abordamos e exploramos a partir de 5 locais: a Casa Grande, a Casa com o Portão Verde, o Rio, a Casa da Parteira, a Placa Joaquim + Maria José; e 2 transcrições das entrevistas: A Casa do Avô e A Casa da Rosinha.



Figura 5 - Fotografia de Ensaio A Casa Grande



Figura 6 - Fotografia de Ensaio A Casa com o Portão Verde

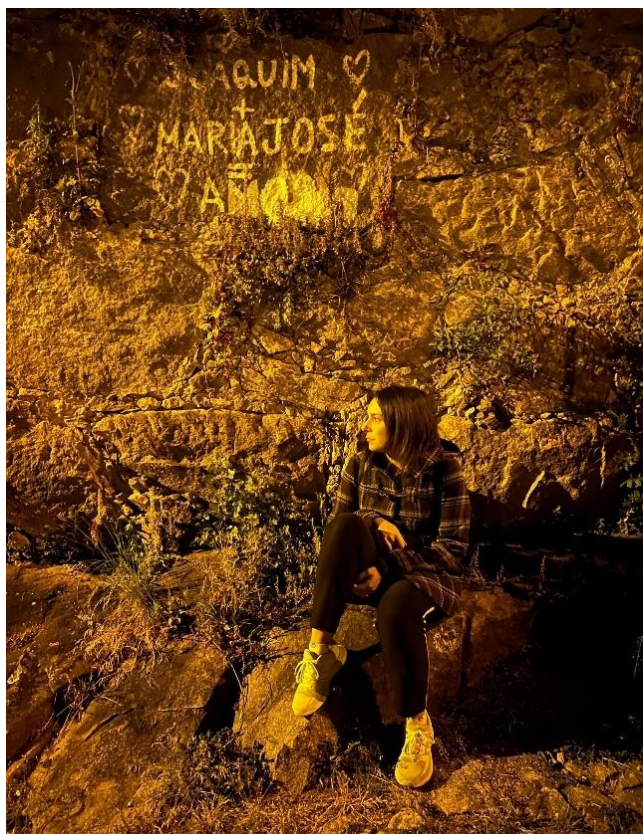


Figura 7 - Fotografia de Ensaio Placa Joaquim + Maria José



Figura 9 - Fotografia de Ensaio O Rio



Figura 8 - Fotografia de Ensaio A Casa da Parteira

Os textos que partiram de edifícios foram construídos com uma maior ficcionalização sobre o espaço em questão, enquanto os que partiram de transcrições mantiveram-se mais próximos daquilo que foi relatado (Anexo E). O texto *A Casa do Avô* é um exemplo disso ao partir de um excerto do relato da mãe da atriz Rita, após ter encontrado o próprio pai morto. A Rita não tem memórias sobre esta casa ou sobre o avô e tentámos partir da relação dela com o que a mãe descreve e aquilo que a Rita não se lembra, como se procurasse reconstruir uma memória que não tem. Aqui, muitos dos elementos e detalhes que a mãe relata, mantém-se na construção da cena. Já no texto referente à *A Casa da Rosinha*, que também parte de uma transcrição, a Ângela relaciona-a com a única memória que tem da sua avó paterna através das semelhanças que encontra, mantendo a situação descrita. Neste caso, as ficções sobre a existência de um edifício foram mais intuitivas e com maior possibilidade de exploração do que sobre uma lembrança de um acontecimento concreto, porque esta última carrega aquilo que Kantor (2008) considera que

Esta reconstrução de recordações de memórias de infância deve conter [...] esses momentos, essas imagens, esses clichés que a memória da criança retém, efetuando uma triagem na massa de fatos reais, escolha que é excepcionalmente essencial (artística) porque é inteiramente voltada para a VERDADE [...] uma só característica das personagens, das situações, dos acontecimentos, dos lugares e do tempo.³¹
(Kantor, 2008, p. 251)

Tendo partido de uma memória de infância, o texto *A Casa da Rosinha*, foi composto por elementos muito simples que se mantiveram na sua exploração e em nada foram alterados: ela estava sentada na porta e dava bom dia a quem passava.

Durante estas explorações íamos, inevitavelmente, encontrando ecos com momentos da nossa vida e isso era algo que me permitia perceber que estávamos a tomar a rua como nossa e a adquirirmos um sentimento de pertença a este lugar. Esta relação foi mais intensificada com o facto de, mesmo já depois das entrevistas planeadas, outras pessoas que viviam no local virem ao nosso encontro, voluntariamente, para nos contarem as suas lembranças e nos falarem sobre a rua, por vezes, com perspetivas diferentes ou com mais pormenores sobre determinado acontecimento. Considerei estas conversas na análise das entrevistas no Capítulo II. A partilha era também material, ao mostrarem fotos e livros que tinham sobre a

³¹ Kantor, T. (2008) *O Teatro da Morte*. São Paulo: Perspectiva.

vida quotidiana na rua ou acontecimentos como o episódio dos *Corrécios de Braga*. Este envolvimento dos moradores, que já cumprimentávamos pelo nome e nos questionavam sobre o desenvolvimento do projeto, veio transformar a nossa presença numa relação de vizinhança e afirmar a nossa proximidade à rua. Passamos assim a ser residentes, ainda que pontuais, da Rua dos Galos.

O Texto

A escrita do texto de *Enfarinates* (Anexo F) começou a 12 de abril, depois do elenco ter manifestado a necessidade de ter cenas escritas, no entanto, a minha proposta inicial era irmos construindo e explorando a partir de improvisações que o originariam posteriormente. Como esta necessidade surgiu mais cedo, comecei a escrever tendo em conta aquilo que, entre o material recolhido e o que já havíamos experimentado, poderia ser parte do espetáculo. Durante a conversa com um dos entrevistados, em que ele me falava sobre o facto de a sua família já viver ali há, pelo menos, 120 anos, comecei a pensar sobre a Rua dos Galos enquanto um lugar que resiste, mas que vive na iminência de desaparecer tal o estado de deterioração. Essa resistência da rua trouxe-me a imagem de uns espectros que, mais do que pessoas ressuscitadas fossem a rua personificada para contar as suas histórias e memória, sendo, por isso, imbuídos na sua aparência de deterioração, pela espera. Estes são a essência da rua, aquilo que resta dela.

Espectros

Chamar as personagens de espectros, neste contexto, serve para lhes atribuir uma categoria de ressuscitadores de memórias de determinado local e situação, sem que estes momentos tenham, necessariamente, início, meio e fim, mas que sejam um encontro ou a fuga de vários. Estas figuras vestem lembranças, os seus figurinos são de um aspeto degradado e amarelado, feito de retalhos de tecido velho e novo, são elas próprias na sua dimensão visual a passagem do tempo, a degradação e o esquecimento (tecidos brancos e amarelados, rasgados, descosidos e amarrados por uma corda). A palavra Espectro carrega uma dimensão fantástica de alguém que volta à vida por instantes e os seus nomes baseiam-se nos dos atores e atrizes que os interpretam. Neste texto, Boaventura José, Maria Angelina, Maria Joana e Maria Rita são os Espectros que assumem várias lembranças por vezes espoletadas por um objeto, como

é o caso de A Mulher da Mala ou O Homem da Mala. Este último, é um Espectro que surge ao longo do percurso, em momentos que acontecem em simultâneo com outras cenas. Não houve uma preocupação de que as pessoas vissem ou entendessem, naquele momento, estas figuras que passavam com malas em direção às saídas da rua. São momentos que surgiram pela noção de que, num espaço tão amplo, onde os espectadores se podem mover como entenderem, não há controle para onde olham ou onde se posicionam. Quis adicionar esse tipo de cenas perdidas, em simultâneo com outras, para serem descobertas.



Figura 10 - Experimentação da primeira cena escrita Enfarinates

Comecei por escrever uma cena inicial com base nesta ideia de Espectros e nos elementos que conduziam a dramaturgia: o cheiro a farinha, o medo da tromba de água, o cruzamento e confusão das histórias que estavam a ser contadas. Era inevitável à medida que ia escrevendo pensar nos locais da rua onde iriam acontecer, pelas lembranças que lhes estavam associadas, e como isso definiria a ordem. Como já havia desenhado o percurso (Anexo G) por causa dos pedidos de parecer à PSP (Anexo H) e das licenças necessárias a um evento que decorra na via pública, isto acabou por limitar, mas também estruturar a ordem em que as cenas possíveis tinham de acontecer. Tinha já várias listas de como poderia ser a estrutura desta apresentação, tendo em conta o material que selecionei das entrevistas, a documentação e os textos que foram escritos e explorados durante os ensaios, no entanto, tudo o que escrevia me parecia superficial. Após uma reunião com a orientadora, foi mais simples assumir que, tal como as memórias nos surgem em fragmentos, também estas cenas não precisariam de ser

parte de uma narrativa assente em personagens com um arco definido. Assim, trabalhar em cima de fragmentos sem preocupação de como os unir, seria mais produtivo.

Comecei a tentar perceber sobre o que eram estes momentos, reduzindo a uma palavra as cenas que resultavam do que já tínhamos experimentado nos ensaios e do material que havia recolhido:

Texto e exploração nos ensaios	Momento
Cena Enfarinates	Fé
Placa Joaquim + Maria José	Fé
A Casa da Parteira	Fé
Casa Grande e Casa com Portão Verde	Saudade
A Casa do Avô	Resistência
Cena dos Corrécios	Resistência
Cena da Capela	Resistência
O Rio	Perda

Tabela 1 - Tabela de Momentos

Estas cenas traduziam-se nestes momentos: Fé, Saudade, Perda e Resistência e seriam os que firmariam a dramaturgia do espetáculo.

Fé

Daqui surgiu uma proposta na tentativa de perceber pontos de Fé na própria rua. Havia alguns óbvios como A Capela ou os azulejos nas casas, mas procurávamos entender a Fé em outras situações e que se pudesse relacionar a outros locais. Através de improvisações, com base nesta procura, experimentamos a relação da Fé com o Rio enquanto força em constante movimento que está lá para mover os moinhos e alimentar, dar vida. Transpusemos também para o que já havíamos descoberto sobre A Casa da Parteira, entendo-a na sua relação com algo transcendente e a crença e fé que deposita em algo que não é material; como detentora de uma profissão que dá vida, torna-se uma extensão de um ser divino e o seu caminho, de entre todos os que descobrimos, é o que é composto pela Fé.

Saudade e Perda – Ecos de A Estrada de Alcatrão

A Saudade e a Perda eram ecos que, durante as explorações, percebi serem de outras cenas que fazem parte de *A Estrada de Alcatrão* (Anexo I), um texto que escrevi em 2013, que já referi anteriormente. Coincidentemente, a Ângela e a Joana tinham integrado o elenco desse espetáculo, assim, enquanto escrevia *Enfarinates*, recuperei algumas dessas cenas e incluí-as a fim de experimentá-las na rua. No entanto, e apesar de algumas cenas terem a mesma essência, pareciam-me deslocadas, porque não pertenciam à Rua dos Galos. Apenas mantivemos um diálogo adaptado de uma das personagens na interação com o público que havia funcionado.

Resistência

Falar sobre resistência foi o mais difícil durante este processo, mas ao lembrar-me do Sr. João que não quis sair da sua casa, procurei o inverso e dialogar sobre a necessidade de fixar pessoas nas habitações, nas ruas, fazendo um paralelismo com o momento atual em que as pessoas saem das suas casas, habitam-nas por pequenos períodos ou nem conseguem encontrar onde viver. Como se criam lembranças sobre um local ao qual podemos chamar de nosso se a nossa permanência é efémera? De uma forma mais ampla, como e onde pertencemos? A única coisa que resiste são as paredes dos edifícios e não pessoas a habitá-los; ao escrever sobre esta resistência nos Galos, parti daí: de pessoas carregadas de malas com vidas dentro, que se despedem das suas casas, e cuja memória que ali um dia existiram se perderá, só deixando os edifícios de janelas tapadas que já nem servem para se viver. Foi sobre a necessidade de olharmos as ruas como locais de habitação, que estabelecem um sentimento de pertença, uma construção de identidade e comunidade que sustentei esta ideia e tentei provocar a discussão. Fiz várias versões do texto, até chegar à final, tendo em conta que íamos experimentando o que escrevia, cortando ou acrescentando ideias e elementos novos que iam surgindo.

O teatro é a forma que tenho de contar histórias e escrevi *Enfarinates* a partir deste tipo de experimentações que levamos a cabo nos ensaios, de onde surgiram textos e cenas que foram continuamente exploradas e nos encaminharam a novas descobertas; algumas foram aproveitadas, revistas e excluídas de forma a se moldarem à história que queríamos contar. Os relatos e testemunhos que utilizamos carregam subjetividade e apesar de também termos utilizado documentos que atestavam o que era dito, como cartografia ou registos de batismo,

não devemos encarar o teatro documental ou, neste caso, o *Enfarinates* como uma reprodução do real. Abordar acontecimentos reais, as vidas das pessoas ou espaços concretos torna o teatro documental também transmissor de memória, no entanto, é importante perceber que o nosso trabalho sobre o material recolhido implica um ponto de vista, uma procura, edição e seleção com um propósito artístico. Isto é uma escolha sobre o que queremos mostrar e deve ser entendido como algo parcial.

Capítulo V – A Farinha

Apresentar um trabalho artístico sobre uma rua, a partir de documentos e histórias de vida de quem lá vive e viveu trouxe-me uma grande responsabilidade. A necessidade de ser honesto com quem partilhou as suas histórias e a procura por um preencher os silêncios que existiam sobre os Galos foi algo que tive sempre em mente enquanto construíamos este espetáculo. Os habitantes e a própria rua receberam-nos generosamente e devíamos retribuir da mesma forma. Tive o cuidado de que o acesso à folha de sala (Anexo J) fosse feito de forma digital, para que não corrêssemos o risco de ter papeis no rio e coloquei avisos nas entradas da rua (Anexo K), a alertar quem se deslocava em bicicletas e trotinetes, para que abrandassem. Assim, no dia 21 de maio de 2023, apresentámos *Enfarinates: o que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos* (Anexo L).



Figura 11 - Foto de Espetáculo *Enfarinates*

Se durante o processo de entrevistas testemunhei - o que observei, ouvi e registei daquilo que me contavam – e os transmiti aos atores, agora o papel invertia-se: eramos o veículo transmissor destas memórias a outras pessoas que as testemunhavam; acontecia algo

semelhante àquilo que a teórica de estudos culturais e de performance Della Pollock (2005) descreve a respeito da performance *And so there are pieces...* de Rivka Eisner:

[...] enquanto Chi Tôi atua como testemunha de uma história dilacerada pela guerra, Eisner atua como testemunha da performance de Chi Tôi.³² (Pollock, 2005, p. 12)



Figura 12 - Fotografia de Espetáculo

Não existia um espaço determinado de onde se devia ver as cenas, mas os espectadores, desde o início, adotaram uma posição estática e frontal em consonância com o comportamento aprendido e associado ao que significa estar a ver uma peça de teatro. Regeram-se pelas convenções, estruturas e estilos que identificam e separam estas práticas umas das outras (Taylor, 2016)³³. No entanto, existia a intenção de provocar essa quebra da convenção de “parar para ver” ao misturar atores no público com diálogos em andamento ou ao criar cenas em lugares com menos visibilidade.

Como afirma a académica e teórica de performance Diana Taylor (2016):

A Performance [...] inclui a possibilidade de mudança, crítica e criatividade dentro de estruturas de repetição. Diversas formas, como performance art, dança e teatro [...]

³²Pollock, D. (2005). *Remembering oral history performance*. Palgrave Macmillan, 12.

³³ Taylor, D. (2016). *Performance*, Duke University Press, 15.

possuem elementos reiterativos que são reatualizados a cada nova manifestação. (p. 15)

Após o entendimento do código para este espetáculo houve quem já procurasse uma outra posição no espaço, fluindo com o que estava a acontecer.



Figura 14 - Fotografia de Espetáculo



Figura 13 - Fotografia de Espetáculo

Como já referi, o olhar do espetador na rua não se pedia estanque, pretendia que tivessem a liberdade de dirigir-se para onde quisessem e que se pudessem encontrar naquele espaço, de se reconhecerem e sentirem parte do espetáculo. Este reconhecimento foi perceptível, à medida que o *Enfarinates* ia acontecendo; as pessoas assentiam com a cabeça ou teciam algum comentário que validava nelas aquilo que viam. Estes acenares de cabeça, funcionaram para mim como, por exemplo, os registos de batismo funcionam para atestar o nascimento de alguém, pois traduziam uma verdade naquilo que acontecia.

A diretora de teatro e cinema francesa, Ariane Mnouchkine, fundadora do Theatre du Soleil, relata no livro de Josette Ferál (2010) um pequeno debate que teve com alunos de teatro que se sentiram tocados por uma cena do espetáculo *L'Indiade*. Mnouchkine (2010) refere que

[...] há algo particular no teatro, que é a memória do não vivido. [...] uma menina francesa, foi capaz, pelo encanto do teatro, e do ator, de compreender e de reconhecer o que ela tem parecido com um homem de 60 anos – que vive num país de 400 milhões de habitantes -, de compreender o seu medo.³⁴ (p. 71)

Este fenômeno foi visível no *Enfarinates* e está presente no *feedback* que recebi do espetáculo: várias pessoas afirmaram que se emocionaram e que sentiam a rua como delas, mesmo não tendo vivido ali. “Ficamos contentes ao descobrir que o teatro é isso, que o teatro acontece no momento em que um ator consegue tornar familiar o desconhecido e, inversamente, confunde e mexe com aquilo que é familiar.” (Mnouchkine, 2010)

A forma como esta aproximação à rua foi sentida e as reações emocionadas durante e no final de *Enfarinates* deixa-me tranquilo e com a sensação de dever cumprido.



Figura 15 - Fotografia de Espetáculo

“Mantemo-nos alerta para que as casas não fiquem ocas”³⁵ (Enfarinates, 2023, p. 8)

³⁴ Féral, J. (2010) *Encontros com Ariane Mnouchkine: Erguendo um monumento ao Efêmero* (M. Gomes, Trad.) São Paulo: Senac São Paulo: Edições SESCSP

³⁵ Texto de Maria Rita em *Enfarinates: O que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos*.



Figura 17 - Fotografia de Espetáculo



Figura 16 - Fotografia de Espetáculo



Figura 18 - Fotografia de Espetáculo

Notas Finais

A minha relação com a Rua dos Galos alterou-se e, ajudou-me, através desta investigação a dissipar algumas dúvidas que tinha sobre o meu trabalho e descobrir novas formas de trabalhar. Quis desde o início respeitar a Rua dos Galos como faço quando visito a casa de outras pessoas, procurei que o *Enfarinates* fosse coerente com esse trato. Hoje, respeito-a pela relação emocional que criei com ela e porque é um lugar onde sinto que agora pertencço. O trabalho que desenvolvemos, as horas que passamos na rua, o contacto que tivemos com as pessoas que lá vivem e por lá passam, tornou-nos parte dela e da sua memória. O *Enfarinates* está agora inscrito nos edifícios, nos caminhos estreitos, na água do rio, nas janelas fechadas e na memória de quem assistiu. Uma das questões que se levantou no processo foi se o facto de o espetador ter acesso a material editado, selecionado e ficcional poderia influenciar na memória coletiva da rua. O facto de mostramos documentos históricos e construirmos ficções, cria uma dúvida sobre se as cenas retratam ou não um momento factual. No entanto, apenas uma pessoa manifestou a sua crença na veracidade de todas as cenas. Apesar de o *Enfarinates* ter acontecido apenas uma vez existem manifestações de interesse, por parte da Junta de Freguesia e de quem assistiu, em que se volte a repetir. O reconhecimento que abordava no capítulo anterior é o que torna isto possível. Quando nos conectamos com o que vemos, quando nos ressoa de alguma forma, quando mexe com aquilo que faz parte do nosso íntimo, que nos transporta para um outro lugar, há uma vontade de voltar a sentir isso. Essa ligação que se cria é o que nos permite sentirmo-nos de algum lugar, pertencentes a algo comum. As nossas lembranças, o nosso passado é o que nos faz estas pontes que procuramos para não nos sentirmos sós. Simultaneamente, este tipo de trabalho, a partir de memórias coletivas e individuais, entre o real e a ficção ajuda-nos nesta construção e sentido de comunidade. Este projeto é o primeiro e ajudou-me a cimentar a linha pela qual quero continuar a trabalhar, alargando esta metodologia a outros espaços. Tudo isto faz com que possa considerar todos os objetivos deste projeto atingidos.

Referências Bibliográficas

ADB, Fundo Paroquial da Freguesia de S.Vítor, Livro de batismos 1607-1617, n.º1 fl.9.

An Interview with Marianne Hirsch | Columbia University Press. (s.d.). Columbia University Press. <https://cup.columbia.edu/author-interviews/hirsch-generation-postmemory>

Bowes, S. (2011). *Algumas notas sobre performance e documentação [a propósito do projeto Where We Live & What We Live For* apresentado no Atelier Real, 19 de Junho de 2010, Atelier Real, 20-24

Brook, P. (2016). *O Espaço Vazio*. (R.Lopes,Trad.) Lisboa: Orfeu Negro.

Capela, J.V. & Ferreira, A. C. (2002) *Braga Triunfante ao tempo das Memórias Paroquiais de 1758*. Braga: Fundação para a Ciência e Tecnologia e Associação Comercial de Braga

Conway, M. (2020) *Porque criamos memórias do que nunca aconteceu?* / Entrevistado por BBC News Brasil. Época Negócios. Consultado em 19 de Outubro de 2022. Disponível em <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2020/02/por-que-criamos-memorias-do-que-nunca-aconteceu.html>

Correia, R. (2021). *Eu uso termotebe e o meu pai também e outras peças*. *Artistas Unidos/Snob/Casa da Esquina*

Craveiro, J. (2016). «*Que teatro é este?*»: *Pensamento e processo de um museu vivo de memórias pequenas e esquecidas*. *Sinais de Cena*, 2(1), 27- 48.

esectv. (2023, 11 de abril). "Cartas da Guerra (61-74)" de Ricardo Correia | TAGV [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=7wuK4d8DetM>

Féral, J. (2010) *Encontros com Ariane Mnouchkine: Erguendo um monumento ao Efêmero* (M. Gomes, Trad.) São Paulo: Senac São Paulo: Edições SESCSP

Gomes, J. (2015) *Os terroristas e o Corrécio de Braga* no *Correio do Minho*, publicada a 22 de novembro de 2015. Consultado em 17 de março de 2023. Disponível em <https://correiodominho.pt/cronicas/os-terroristas-e-o-correcio-de-braga/7189>

Martin, C. (2016). *Locations of Memory: Bridging The Gap Between Private and Public Memory in Location Performance and Theatre* *Mitu's Hamlet/Ur-Hamlet*, *Sinais de Cena*, 2(1), 8-26.

Oliveira, A. (2007). *Fabrico do Papel em Braga no Século XVI*. Revista da Faculdade de Letras HISTÓRIA, 8(3) 25-27

Pollock, D. (2005). *Remebering oral history performance*. Palgrave Macmillan.

Rancière, J. (2010). *O Espectador emancipado* (J. Miranda Justo, Trad.). Orfeu Negro. (Obra original publicada em 2008)

Sarlo, B. (2007). *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjectiva*. São Paulo: Companhia das Letras

Taylor, D. (2016). *Performance*, Duke University Press, 15.

Anexos

Anexo A – Exercício sobre Memória para U.C. de Estética e Teoria da Arte I

Diário do Belo

Memória

Uma vez, uma professora disse-me que eu era um niilista existencialista. Na altura concordei, hoje acho deprimente pensar na possibilidade de ainda o ser.

Rer o diário do Belo faz-me pensar que, infelizmente, estou mais dentro da fenomenologia do que no existencialismo. Digo infelizmente porque o existencialismo dá a sensação de que escrevo poemas de madrugada enquanto bebo um vinho e olho pela janela. A palavra fenomenologia dá-me a sensação de que estudo ovnis. Cada um com o seu romance, está claro. Vivo na pressão de encontrar o meu lugar no mundo, mas a verdade é que não me apetece. Ser encaixotado custa-me, nunca gostei de sentir aprisionado e tenho virado a vida do avesso vezes sem conta por causa disso.

Não me sinto de lado nenhum, apenas sei que onde estou não é onde vou ficar. Esta sensação não tem só a ver com andar de malas e bagagens de terra em terra, de mudar de cidade, de casa, de lar ou de pátria. Tem a ver com as vezes que me parto e me colo e me falta um, dois ou três pedaços. Vivo na constante sensação de que quando junto um pedaço, há outro que se parte e eu vou partindo também. As memórias estão muito relacionadas com isto. Vou renovando aquilo que sinto e vejo e a forma como o faço e isso, para mim é partir, deixar para trás, esquecer. Há coisas que certamente já esqueci – não sei quais porque não me lembro – e outras que inventei e tornei-as verdade, sem me aperceber. Foram-se infiltrando na minha memória e tornaram-se imagens reais.

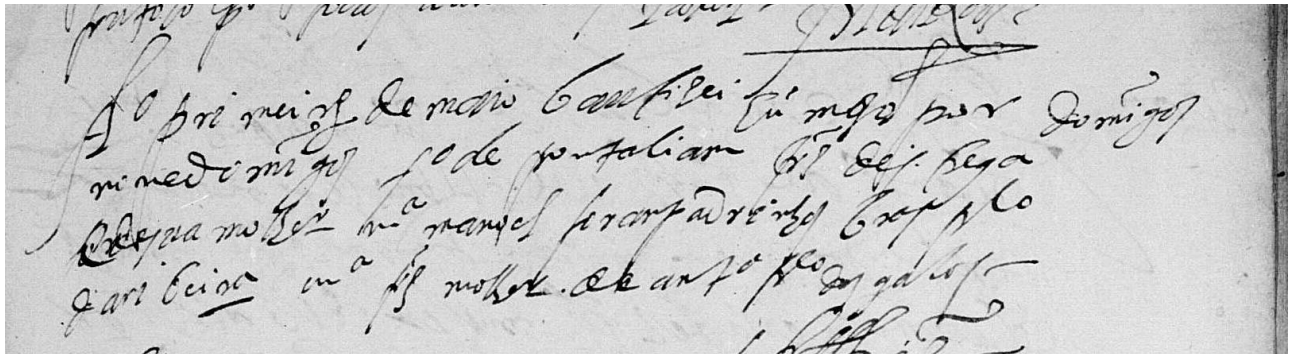
Sempre que ouço a palavra “memória” lembro-me da minha avó. Imagino-a junto com as mulheres no rio a cantar enquanto lavam e põe lençóis a secar. A verdade é que nunca a vi lavar no rio, nem sequer havia um rio no sítio onde morava. Ela passou grande parte da vida ligada a uma botija de oxigénio, mas para mim, ela cantava no rio e ensinou-me todas as canções da sua infância. Isto não é necessariamente verdade, mas é.

A memória trai-nos, é certo, vamos tentando lembrar-nos de muitas coisas que foram acontecendo e, parte delas, nem foram exatamente como nos lembramos. Temos o dom natural de preencher lapsos e inventar em cima daquilo que já não recordamos; tudo o que me lembro é resultado do que vivi com aquilo que imaginei.

Por isso, penso na minha avó sempre que me falam em memória e em como ela continua a cantar no rio. Esta imagem é o meu lugar no mundo; é de lá que vou partindo, onde quer que esteja.

Fábio Rocha

Anexo B – Registo de Batismo de Domingos em 1608



Anexo C – Transcrições das entrevistas

Excertos das transcrições relevantes para o processo e de acordo com o consentimento dado

ENTREVISTA 1

Dia 29 de Março de 2023

Duração: 1:45

Rua dos Galos

Entrevistadas 4 pessoas (agendada com uma pessoa, mas à qual se juntaram três pessoas) denominadas ORADOR 1, ORADOR 2, ORADOR 3 e ORADOR 4

ORADOR 1: Isto é muito emblemático, porque isto ficava... Não sei se já quer gravar, mas este...isto é uma espécie de lugar que parece que era retirado à cidade. É como se fosse uma... uma vilazinha, uma aldeiazinha dentro de uma cidade. Porquê? Porque as pessoas aqui viviam muito pobremente, casinhas pobres...aqui havia duas pessoas: era a dona da moagem - que eu gostava que falasse com ela, ela é que tem... ela é amiga minha das minhas irmãs. Os avós já morreram, os tios, [...], que era a tia [nome da pessoa] e o tio [nome da pessoa], eles depois foram para um lar, eles próprios quiseram ir para um lar e deixaram isto tudo. Deixaram património, mas fazia-se aqui... havia moagem, fazia-se...

[passou uma pessoa conhecida da entrevistada]

Então querida, [nome da pessoa] tudo bem? Olha, estou a dar uma entrevista sobre os Galos.

[discurso incompreensível]

Queres dar algum depoimento?

FÁBIO: (risos) também mora aqui?

ORADOR 1: Mora, no número [número da porta].

FÁBIO: Ai é? Olhe, então depois podemos conversar?

ORADOR 1: Ó [nome da pessoa] anda lá! Tu sabes...

FÁBIO: Não? (risos)

ORADOR 1: Ela viveu tanto como eu, ela é da minha idade.

FÁBIO: Ai é? Pronto, não faz mal, não faz mal...

ORADOR 1: Esta é que era boa, a [nome da pessoa]. Nós depois vamos lá tocar a porta, porque isto é uma moagem que eu acho que ainda é... e daí não sei, agora já não sei, mas pronto, isto era assim era... era... era um lugar pobre, dentro de uma cidade, agora está a ver, por exemplo, eu tinha uns pais que nos davam uma boa educação, que nos deram sempre porque a minha mãe sempre andou em colégios privados e tal... e o meu pai vivia na rua [nome da rua]... na rua... na [nome da rua] e quando foi para... tir...hã.. cortarem a rua, para fazerem aquela rua [nome da rua] que vai dar ao Dona Maria, a casa foi deitada abaixo e a Câmara deu-lhe para ai, na altura, 150 contos... contos... E o meu pai o que é que fez? Veio buscar a casa mais barata que havia e ainda meteu dinheirito ao Banco, o resto, que ele precisava, ele achava que tinha filhos... ai... [passa outra pessoa conhecida pela entrevistada] tinha filhos... se ela me apanha aqui... tinha filhos e, portanto, tinha que ter dinheirinho sempre no banco. O meu pai nunca quis dever nada a ninguém, era assim uma pessoa... mas a minha mãe não estava nada habituada a isto: "Ei.. Tu vieste pôr-me aqui num inferno..." porque nós não tínhamos água canalizada, a banca não tinha esgoto, nós estávamos sempre a ver quando é que o balde enchia e inundava a cozinha toda...

FÁBIO: Claro.

ORADOR 1: não tínhamos saneamento. [passa a pessoa conhecida pela entrevistada, conversam] Bom, isto é realmente difícil, porque... é assim: nós de um lado tínhamos vizinhos com uma casa em que moravam para aí 5 famílias ou 4 famílias. A casa era só nossa, nós tínhamos uma garagem, era muito velha a casa, mas pronto o meu pai lá fui fazendo as suas obritas aqui e acolá, e pronto e lá foi fazendo o saneamento... lá foi... tínhamos de vir buscar água à fonte...

FÁBIO: Sim.

ORADOR 1: Era aqui que vínhamos buscar água, toda a gente vinha aqui buscar água.

FÁBIO: Diziam que esta água era muito boa, não era?

ORADOR 1: Muito boa, era límpida, era mesmo boa. Há quem diga... e aquela ali...

FÁBIO: Havia também ali uma fonte?

ORADOR 1: Ali era uma fonte. Agora é que está tudo estragado.

FÁBIO: Pois, é aquele cano que está ali, não é?

ORADOR 1: Exatamente aquele cano e tinha umas pedras onde se podia lavar a roupa.

FÁBIO: Ah!

ORADOR 1: Assim como ali: tudo lavadouros. As pessoas daqui...

FÁBIO: As pessoas era aqui que lavavam?

ORADOR 1: [...] vinham todas lavar para aqui, para o rio. Mas a minha mãe não nos deixava vir... Então... Bom, nós, pronto, tínhamos o privilégio de ter uma empregada e a emprega... e depois nós éramos assim: “ó [nome da pessoa], deixamos ao menos meter o pezinho na água. Olha que se a vossa mãe sabe eu é que depois apanho com as culpas... vais ver, vais ver, deixa-me só... e, pronto, ela lá deixava e, às vezes, esfregávamos um paninho. E lá vinha ela com a baciinha, tinha muita genica e lá vínhamos todos aqui lavar. É engraçado, no Verão, até aquela parte que agora isto está tudo mudado, porque isto era tudo rio... Esta parte aqui, os rapazes atiravam-se para baixo, faziam saltos para a água e nadavam ali, lindamente. Os rapazes, as raparigas não podiam, só rapazes. E era muito giro, a gente a saltava de pedrinha em pedrinha, o rio passava mais por ali. E depois, ali, tinha um pátio, onde moravam muitas pessoas, na qual moravam também os... chamavam-lhes os...

FÁBIO: Os Corrécios?

ORADOR 1: Os Corrécios.

FÁBIO: Eu já ouvi um bocadinho...

ORADOR 1: A família dos Corrécios: o avô, o pai e a mãe eram pessoas de bem, acho que eram pessoas muito... muito respeitadoras, ele com o seu ofício de carpinteiro.. [...] eu cheguei a ver aqui, a polícia de intervenção do Porto, a vir cercar o [nome da pessoa]

FÁBIO: Isso foi nos anos 70, para aí, não foi?

ORADOR 1: Foi, eu tinha...olha, eu nasci em 63, eu tinha para aí 10 anos, foi 70 e picos... depois de...

FÁBIO: Pois, disseram-me...

ORADOR 1: de 75.

FÁBIO: Ouvi que houve aqui muitos tiros e as pessoas esconderam-se.

ORADOR 1: Aqui, e as pessoas esconderam-se tinham medo e não sei quê... toda a gente tinha medo... eles vinham para aí e a gente enfiava-se logo noutra sítio. [...]

FÁBIO: Ficavam mais assustadas, não?

ORADOR 1: Ficavam mais assustadas. Que mais posso dizer? Posso dizer que vivi uma infância bonita, mas não tão bonita como muitos outros meninos daqui, porque os meus pais eram muito rígidos, não nos deixavam ir para a rua brincar, isto porquê? Porque nós tínhamos vizinhos que falavam muito mal e, por exemplo, a mãe desta menina, ela era muito boa pessoa, a [nome da pessoa] [incompreensível] era nossa vizinha, mas era: “filha desta, filha daquela...Caral...” Não sei quê... E, a minha mãe era como se lhe estivessem a tirar o peito, porque a minha mãe nunca falou mal, não é?

FÁBIO: Claro.

ORADOR 1: E, portanto, nós tivemos o privilégio de sermos protegidos, percebe? E depois como fomos cedo, fomos estudar, tínhamos objetivos de ir para universidade... Os outros não.... Ficaram-se pelo sexto ano, parece-me que não há aqui ninguém que tenha faculdades, não é? É só a filha...a filha... que não era filha, era sobrinha, daqui da moagem... da dona da moagem, é que tirou, fez o magistério e é professora primária. E é uma pessoa excelente, é [nome da pessoa], e foi colega de uma das minhas irmãs mais velhas.

FÁBIO: É, mas então...

ORADOR 1: De resto, as pessoas era quarta classe, alguns nem quarta, nem faziam a quarta, [...] Pronto, agora não sei o que é que quer saber mais, porque eu percorro nas memórias.

FÁBIO: Não sei... Podemos ir andando. Isto é uma conversa, a gente está a conversar.

ORADOR 1: Não tinha nada disto, isto está tão diferente.

FÁBIO: Pois o Rio já percebi que agora é muito menos do que o que era, não é?

ORADOR 1: Muito menos, aquelas cheias que cobriam isto tudo. Nós não podíamos atravessar para ir para o bairro Duarte Pacheco, porque eu ainda andei na escola bairro Duarte Pacheco, que é lá em cima, ali pra cima, para a quinta da capela... E não podíamos passar por aqui, tínhamos de ir por a outra ponte que não era tão baixinha e dava para passar, íamos de galochas mesmo assim.

FÁBIO: Pois, claro.

ORADOR 1: É... Mas isto era...

FÁBIO: Mas, aqui a rua dos Barbosas já existia quando morava aqui?

ORADOR 1: Não, quando eu morei aqui, isto era tudo muro. O muro de uma herdade de uma quinta, todos estes prédios era uma quinta e tinha um muro a vedar, um muro todo até lá ao fundo e nós vínhamos aqui buscar o musgozinho para fazer o presépio.

FÁBIO: Ai que giro!

ORADOR 1: Vínhamos ali ao musguinho... agora não há musguinho. Depois começou-se a fazer esta urbanização, num é? E... as... as águas deixaram de ser potáveis, sabe? Os esgotos vinham e vieram para cá.

FÁBIO: Podemos ir andando para lá...

ORADOR 1: Isto era muito estreitinha, mas as pessoas lá passavam.

FÁBIO: E esta ponte, mas esta ponte já estava aqui?

ORADOR 1: Já, já! Já estava tudo assim, tudo assim. Depois, às vezes, a água, eles tinham que abrir dentro, ali naquela... isto era tudo inundado até aqui...

[...]

ORADOR 1: Eles abriam aqui... Eles podiam lavar no, no, no... sítio deles, isto aqui é particular era deles...

FÁBIO: Pois...

ORADOR 1: ...e às vezes abriam que era para sair a água para ficar aqui muito menos entupido.

FÁBIO: E, ali, fazia mover o moinho, não é, por ali?

ORADOR 1: Ali, mas é mais lá dentro. Sim, sim, sim, mas é mais lá dentro. Eu gostava que desse aqui uma volta, porque esta casa é que tem... No fundo, a riqueza deste lugar, a riqueza deste lugar está na moagem. Porque se moía muita farinha e toda a gente vinha aqui buscar, e mandavam farinha para todas as padarias.

FÁBIO: E isto era uma família que produzia a farinha?

ORADOR 1: Era, era, era, era a família e depois tinham empregados, não é? Ah... Isto também era tudo uma herdade, uma quinta grande, uma quinta enorme, que tinha vaquinhas, leite, íamos lá buscar o leite mas por ali também é muito interessante o caminho, mas se quiser ir ver só ali...

FÁBIO: Vamos, vamos, vamos ver tudo. (risos)

ORADOR 1: Hum...

FÁBIO: Esta aqui é uma casa agora, só?

ORADOR 1: É, é, é... quer dizer, eles que eram o tal casal que não teve filhos, é que era o dono disto tudo. Depois, há... o senhor não tinha mão, ele trabalhava tudo mas sem uma mão, mas depois tinham aquilo tudo, mas aquelas casinhas eles tiveram-nas sempre alugadas. Eram casinhas [incompreensível] pequeninas, viviam ali 5 pessoas num T1, prai, só tinha um quarto. viviam 5 miúdos.

FÁBIO: E eram famílias... Ah! Mas era tudo a mesma família?

ORADOR 1: É e eles alugaram. Agora, uma das sobrinhas desse senhores é a [...], que é professora primária reformada, aposentada e é [...] que também trabalhou muitos anos no... num sei...

[...]

ORADOR 1: Penso que é assim. E há até aquelas escadinhas, nós íamos para ali brincar muitas vezes às escondidas aqui para dentro, tinha aqui um senhor, uma capelinha. Esta capelinha eram sempre eles que arranjavam e depois isto tinha uma coisa engraçada, é que na Páscoa, eles recebiam os farricocos, os farricocos paravam sempre nesta casa, que era a casa mais rica. aquela casa mais rica e que lhes dava dinheiro, lhes dava também um bom lanche.

FÁBIO: Aaah...

ORADOR 1: Aqueles farricocos da...da...da Páscoa...

FÁBIO: Sim, sim.

ORADOR 1: ... que andam com a carinha tapada?

FÁBIO: Que estão agora.

ORADOR 1: ...todos de preto, exatamente. Depois se quiser, eu posso bater a porta pra ver se alguém.

FÁBIO: Sim, sim.

ORADOR 1: Sim, porque ela, acho que podia dar um testemunho muito bom.

[...]

ORADOR 1: Estas pessoas já devem ser novas aqui, porque estas... eu nem sei se isto é turismo de habitação, pois eu precisava de falar com [...], porque eu não sei se isto é turismo de habitação, mas isso tem interesse para si, não tem?

FÁBIO: Sim, sim, sim.

ORADOR 1: Se é turismo de habitação ou não?

FÁBIO: Sim, tudo...

ORADOR 1: Eram tudo casinhas muito velhinhas, muito pobrezinhas.

FÁBIO: E era aqui nesta zona que morava?

ORADOR 1: Era, era... Por exemplo, uma morava aqui, isto já pertencia, não sei, não era da de cima, ela só tinha a parte de cima, onde viviam 5 filhos. Era a pessoa que nos lavava a roupa e passava.

FÁBIO: Ah, que giro.

ORADOR 1: Lavava e passava ou às vezes, quando a Laurinda não estava, a nossa empregada, era ela que lavava e..., era [nome da pessoa]. Lembro-me tão bem, é tão boa pessoa. E ela morava lá em cima com 5 filhos: eles, ela e o marido.

FÁBIO: Fogo...

ORADOR 1: Ela viveu muito mal... e depois ali, agora aqui está tudo realmente muito bonitinho, muito requalificado e tinham até ali ao fundo até aquele muro..., portanto, veja isto era...realmente... Ah! Aqui era uma casinha muito pequenina, com uma portinha, onde morava a tal avó dessa senhora. E nós vínhamos por aqui e ela estava sempre aqui sentadinha. “Ó Rosinha Beatriz”- que era Beatriz... “Olá Rosinha.” E ela sempre: “Olá, meninas, bom dia!” ai e ela durou até ao 92...

FÁBIO: Estava sempre aqui?

ORADOR 1: Sempre aqui, sozinha, sempre, vinha aqui família dar-lhe de comer e arranjá-la, mas eu acho que ela morreu mesmo só de velhice.

FÁBIO: Então já devia morar aqui há muitos anos...

ORADOR 1: Morava desde sempre, desde sempre.

FÁBIO: Porque a ideia que tenho é que as famílias ficaram aqui muito tempo, não é?

ORADOR 1: Muito, muito...

FÁBIO: Já desde os avós,...

ORADOR 1: Muito, muito tempo.

FÁBIO: Foram ficando...

ORADOR 1: E ali para trás, também... Ali para trás, eu até... digo-lhe, não sou muito conhecedora porque os meus pais não nos deixavam ir para ali...

FÁBIO: Oh, claro.

ORADOR 1: É que ela era quase proibido, mas nós lá demos as nossas escapadelas, não é?

FÁBIO: Sim, sim.

ORADOR 1: Pronto e aqui também era outra casinha que era nada assim, tinha uma escadinhas, para subirem e lá outra família também, ela não tinha marido ou tinha morrido e lá tinha ali os filhos e pronto, olha, agora, agora nem sei, o que é que diz aqui?

FÁBIO: Diz “Moagem dos galos”.

[...]

FÁBIO: Pois, mas, então só havia... só é este moinho e há outro lá atrás.

ORADOR 1: Aí, o outro é lá, à beira dos [nome das pessoas].

FÁBIO: Ah, naquele arco?

ORADOR 1: Lá atrás. Sim, sim, eram 2 moinhos. 2 Moinhos, aqui era uma passagem que nós tínhamos pó rio, mas que só dava até o rio e depois ali as pessoas também podiam lavar, tinham pouco espaço mas dava para as pessoas lavarem também. E, depois, esta é casa que foi toda remodelada, portanto, era uma casa também antiga, mas as pessoas que viam nela um era polícia e...

FÁBIO: Esta branca aqui à frente?

ORADOR 1: Esta branca, esta branca, [...]

FÁBIO: Por aca... Porque eu tenho ideia que a rua agora, ela começa aqui, não é? Nesta zona.

ORADOR 1: Olha, agora achei engraçado porque vi rua dos galos precisamente onde eu me ia encontrar consigo que era no início da rua.

FÁBIO: Ah! Ok.

ORADOR 1: Onde diz, depois do prédio, diz assim: Rua dos Galos, que é mesmo o início desta rua.

FÁBIO: Pois, mas isto dantes era tudo maior, não era? É a rua, devia ser maior porque era o lugar dantes, não era?

ORADOR 1: Não, esta rua era pequeníssima, não cabia um carro quase...

FÁBIO: Não, não estou a dizer... Ou seja, se calhar não começava aqui, era começava no... outro...

ORADOR 1: Não, não...

FÁBIO: Não? Era mesmo aqui?

FÁBIO: Começava ali, olhe. Começava ali, exatamente, onde está a acabar o prédio, não é?

FÁBIO: Sim.

[...]

ORADOR 1: Aquela casa já é de raiz, mas aquela casa era muito velha antigamente e tinha para aí 12 famílias.

FÁBIO: Fogo...

[...]

FÁBIO: Viveu nesta aqui, então?

ORADOR 1: Eu vim para aqui, era assim, era a número [número da porta]; que isto era um terraço todo aberto, eles fecharam, depois nós vendemos, muito mais tarde...E, e pronto, mas o resto é tudo igual.

[...]

FÁBIO: Pois, é que eu não tinha noção que a rua começava aqui... Se calhar ainda é aí, se calhar a partir daqui.

ORADOR 1: Pois, mas não, não. Aliás, é tem uma história engraçada porque o meu pai, eu lembro-me de ter uns documentos dele, ele não assinava rua dos Galos... Ele assinava cangosta de baixo aos galos.

FÁBIO: Ah!

ORADOR 1: E nós é que não gostávamos nada daquele nome para pôr no... para pôr para os professores e... e rematávamos: Rua dos Galos.

FÁBIO: Rua dos Galos, pois...

ORADOR 1: Mas ele chamou-lhe cangosta, talvez por... porque se achava que galos era mesmo para ali, para aquele lado, pois mas... eu vi mesmo ali a placa, se quiser eu...

FÁBIO: Ah! Está lá a placa?

ORADOR 1: Podemos ir lá para tirar fotografia à placa, porque agora tem mesmo lá rua dos Galos.

FÁBIO: Ah, porque eu estava mesmo com ideia que era ali que começava.

ORADOR 1: Olha agora é [outro número], vê? Era o [número da porta].

FÁBIO: Pois, isto depois muda...

ORADOR 1: Ai foram mudando os [incompreensível], é...

[...]

ORADOR 1: A nossa era a única gente que a gente dizia assim: “olha, é aquela casinha que tem uma garagem, era a única que tinha garagem na altura, porque penso que o que vendeu ao meu pai tinha um carrito.

FÁBIO: Ah!

ORADOR 1: Não devia ser muito grande porque a garagem era estreita...

FÁBIO: Mas elas eram assim, não eram em pedra como a... como as outras...

ORADOR 1: Nada, nada, tudo... tudo cal...

FÁBIO: Claro.

ORADOR 1: Cal e cimento.

FÁBIO: Sim, sim.

ORADOR 1: E aquelas também não eram todas em pedra...

FÁBIO: Ai, não?

ORADOR 1: Não... eu acho que a primeira era em pedra por fora e depois puseram... lavaram a pedra e requalificaram as outras todas que não eram em pedra.

FÁBIO: Ah, olhe, não sabia.

ORADOR 1: Mas, mas a primeira é que era em pedra... até aquelas escadinhas onde a gente se escondia, era em pedra, por fora... Eu acho que por dentro não são em pedra.

FÁBIO: Pois, pois.

ORADOR 1: Não sei, mas temos que pedir para ver, está bem?

FÁBIO: Sim, sim.

ORADOR 1: Então esta foi requalificada, até tinha uma sobrinha que queria comprar, mas depois acabou por não comprar. Hã.. achava muito bonitinha que era pequenina e não sei...

FÁBIO: Mas depois em termos práticos, às vezes...

ORADOR 1: Diz que problemas de... de...

FÁBIO: Drenagem?

ORADOR 1: De drenagem de água e não sei quê...

FÁBIO: Pois, aqui ao pé do rio, acredito. É assim, umas complicações...

ORADOR 1: É... e eram muito, eram muito húmidas as nossas casas, tínhamos que ter aquecedores, botijinhas, botijinhas a gás, botijinhas eléctricas..., depois esquecemo-nos da botija, a botijinha ardia, tínhamos que a mandar lá para o terraço... Oh valha-me Deus.... Pronto, deve estar aqui, pronto, é aqui à frente, neste murinho. Por acaso eu vim por ali... este era o largo da devesa... ah, não, eu minto. Isto eram tudo casinhas todas pequeninhas também onde moravam muitas famílias. Isto foi tudo deitado abaixo e foram construídos estes prédios a partir daqui é que não foi construído mais prédio nenhum, porque não sei se eles consideravam isto a zona... a tal zona habitacional...Re... histórica, não é? Zona histórica.

FÁBIO: Sim, sim.

ORADOR 1: Mas isto começava ali e ali era tão estreitinho que o carro para passar via-se grego e troiano, para passar... e dava, onde é que estava a volta? Dava a volta na moagem, naquela casa da moagem, só podia dar ali a volta.

FÁBIO: Pois, mas agora já ninguém passa aqui de carro, isso acabou.

ORADOR 1: É, agora acho que não.

FÁBIO: Isto está fechado aqui.

ORADOR 1: Vejo ali um carro, mas penso que é só aquele que vai para ali para aquele...

FÁBIO: É, é.

ORADOR 1: Olhe, e onde é que está a rua do Galos que eu vi?

FÁBIO: Pois...

ORADOR 1: Mas eu não lhe estou a mentir...

FÁBIO: Pois, eu acredito, acredito que não... Se calhar é mais pra lá.

ORADOR 1: Lá está, porque ela começava ali...

FÁBIO: Ah, por causa das casinhas que havia aqui?

ORADOR 1: É por causa das casinhas, que eram umas poucas casinhas, casinhas muito pequeninas, onde tinha muitas famílias mesmo... tipo, eu lembro-me da última casa que era dos... Como é que eles se chamavam? [nomes das pessoas] em que eles eram para aí 8 ou 9 filhos mas era uma casinha muito pequenina, ela até vendia fruta e tudo. Olhe, tá ali. Olha puseram ali.

FÁBIO: Começa ali, não é?

ORADOR 1: É começava aqui, pronto, mas isto era muito estreitinho que isto era prai daqui para ali...

FÁBIO: Sim, sim.

ORADOR 1: Daqui para ali.

FÁBIO: Pois, a entrada era por aqui, não é?

ORADOR 1: Pois, depois entrávamos num largo que, também, antigamente, eram casas também, todas pequenotas, como aquelas que ainda estão ali, olhe, estão ali ainda algumas.

FÁBIO: Sim, sim.

ORADOR 1: Também pobrezita, não é? Então ali, tinha...uma... como é que se chamava ali? Era a ilha? Num era a ilha.... Era... Ai, eu agora estou tão esquecida. Em que era... só se podia entrar e tinha que se sair pelo mesmo sítio.

FÁBIO: Sim, sim.

ORADOR 1: E aí também era um bairro muito pobre, muito degradado onde havia muitos problemas económicos e sociais. Pronto, começava aqui a rua. Pronto, deitaram-se abaixo uma série de casas, sei lá bem... nove? Para dar estes prédios,

não é? Mas vá... se calhar, é melhor fazer-me perguntas, porque eu nem sei já o que hei de dizer...

FÁBIO: Não, eu estou a...a...estou...

ORADOR 1: Está a fazer o reconhecimento, não é?

FÁBIO: É o reconhecimento e estou... estou, mais do que tudo, a ouvir o que as pessoas se recordando também e...

ORADOR 1: Ah! Depois há também uma coisa que era muito, muito engraçada: no São João, vinh... sabe que o São João em Braga é muito badalado, muito conhecido... como o do Porto, mas aqui pronto, em Braga, vinha muita gente de... Ó pá, dos arredores, de Trás-os-Montes, vinham em camionetas, coitadinhos, onde é que eles ficavam? Ficavam por aqui fora, espalhados em...em... em mantas e ali naquele largo. Em mantas, punham mantas e ficavam ali a dormir.

FÁBIO: Ah!

ORADOR 1: Para passarem aí o São João, depois vinham à aguazinha, ali, fresquinha e, às vezes, ainda nos vinham pedir qualquer coisa às casas a dizer: “Ah, num nos pode dar qualquer coisa?”E a gente lá ia e ajudava.

FÁBIO: Ah, claro.

ORADOR 1: No São João também era uma alegria... e na Páscoa, também. Era o sininho a tocar, o padre a entrar dentro... nas nossas vid... conversar um bocadinho connosco. E pronto, o que eu recordo daqui...

FÁBIO: Mas e aqui, aqui... mas aqui nesta zona, então não havia, não faziam farinha aqui. Não havia os moinhos, só ali...

ORADOR 1: Não, nada, nada, nada, nada, só ali.

FÁBIO: Porque, por acaso a Rita estava-me a dizer: eu às vezes lembro-me de sentir o cheiro a farinha quando ia ver os meus avós ou assim, ela disse-me qualquer coisa assim...

ORADOR 1: Sim ela ainda era pequenita... mas ela já veio depois do meu pai morrer, veio algumas vezes, mas lembra-se pouco...

FÁBIO: Pois, pois...

ORADOR 1: Lembra-se de passar aqui e de vir aqui à casa que a minha mãe ainda teve a casa alugada... Quando o meu pai faleceu, a minha mãe já morava com a minha irmã e o meu pai vinha aqui ficar, tanto é que meu pai morreu aqui, sozinho, porque queria assim... eu já estava casada, só que estava aqui no Carandá e vim ver e como o nosso coisinho do correio dá pra ver pra dentro...

FÁBIO: Sim, sim.

ORADOR 1: Eu olho para dentro e o meu pai estava ali estendido, pronto. Chamei logo toda a gente, devo ter feito para aí um escabeche e lá veio e lá se veio a ambulância e morreu ali do coração, aos 63 anos. E a... porque queria ficar sempre aqui e a minha mãe não gostava porque achava que não tinha condições, a casa da minha irmã tinha muito mais condições...

FÁBIO: Ah, claro.

ORADOR 1: ...era mais quentinha, tinha razão, então ficou-lhe a tomar conta dos meninos lá em casa.

FÁBIO: Ah, sim.

ORADOR 1: E isto para dizer o quê? Para dizer, eu ia dizer outra coisa... Estava com a ideia de outra coisa...

FÁBIO: Não sei, estávamos a falar há bocadinho do São João, dos ficavam ali...

ORADOR 1: Sim, dos que ficavam e a... Ah! Nós gostávamos muito de ir para aquela guritinha.

FÁBIO: O que é uma guritinha?

ORADOR 1: Guritinha, era aquela janelinha que está exatamente igual com a mesma persiana que pusemos, há tanto ano. E precisava ser mudada, mas aquela era a única luz que dava para um... um sótão, grande, todo em madeira em cima, era todo em madeira, o teto, todo em madeira, e o chão, que era tão grande que a minha mãe dividiu aquilo e pôs umas filhas que nós éramos 5 raparigas... o que valeu foi sermos raparigas.

FÁBIO: Sim...

ORADOR 1: Dormíamos umas de um lado, outras do outro que aquilo dava para muitas camas... e os meus pais dormiam neste quartinho, também só tínhamos dois quartos, a cozinha, que era grande, mas sem conforto nenhum, a casa de banho que era fora... A casa de banho era fora, não tinha banheira... Tínhamos que nos lavar numa bacia daquelas grandes de zinco. Hoje, ouve-se contar às vezes as histórias lá na televisão e é verdade, quer dizer, nós éramos assim, nós, era numa bacia de zinco, aquecíamos a água e depois a minha irmã fez...fez... depois do 25 de Abril, fez tanta pressão com meu pai, que o meu pai acabou por fazer um anexo atrás, que era um terraço grande, fazer um anexo e pôr lá a banheira. Então nós íamos para lá tomar banho.

FÁBIO: Sim, sim...

ORADOR 1: E fez também lá acabamos por pôr a mobília de sala... inventámos,

FÁBIO: Oh, claro.

ORADOR 1: Mas as casas, está a ver, não tinham...

FÁBIO: Pois, não havia condições...

ORADOR 1: Pois, sei lá mas havia pessoas muito piores que nós, portanto, não nos podemos queixar, não é?

FÁBIO: Claro, claro que sim.

ORADOR 1: Pronto. Claro que visto à... à... à luz dos anos 60, olha, já não era mau, não é?

FÁBIO: Pois, era, era o possível, não é?

ORADOR 1: Era possível, era...

FÁBIO: Também nessa altura, essa altura foi muito complicada, não é?

ORADOR 1: Foi, foi muito complicado, mas.

FÁBIO: Para toda a gente no país.

ORADOR 1: E o que é que eu ia dizer mais? As crianças vinham brincar para a rua na maior, não é? Só nós é que não podíamos, mas de vez em quando dávamos uma

escapadela... mas se víssemos o meu pai a aparecer ali no início da rua dos galos...
(risos) Ó menina para dentro até fazíamos xixi pelas pernas abaixo.

(risos)

ORADOR 1: Olhe, já viu esta parte ali? Isto não tinha nada disto. Isto era a descida [incompreensível] muitas vezes o rio inundava no inverno, ia até à minha casa e inundava a garagem...

FÁBIO: Oh!

ORADOR 1: É por isso que eles agora, tem chovido muito, às vezes, puseram aquela coisinha para dentro. Nós tínhamos que pôr panos, porque não tínhamos aquela rampazinha para fora, aquela...

FÁBIO: Sim.

ORADOR 1: Pronto, e...e...e não dava, ia até ali.

FÁBIO: Pois, e o rio também era muito maior, tinha muito mais força...

ORADOR 1: Muito mais força, muito mais água. Aqui, depois é pedonal, portanto a via pedonal, mas já conhece, não é?

FÁBIO: Sim, sim, essa já conheço... mas essa, essa... o rio... hã... ele depois foi tudo, foi tudo... começou a ser desviado, não é? Para os privados...

ORADOR 1: Foi quando ele foi...

FÁBIO: As águas...

ORADOR 1: Pois, e foi quando eles também canalizaram o rio, eles encanaram o rio. Eles fizeram daquilo um riachito, pronto, no fundo, foi... mas também não teria sido só por isso, não é, mas...

FÁBIO: Então [Orador 1] ficava mais aqui nesta zona, não é? De...

ORADOR 1: Mais para aquela e para lá. Sim e passava pelo rio, sempre, porque às vezes íamos buscar umas amigas que moravam ali e íamos todas juntas para a escola, porque até à terceira classe andei no Bairro Duarte Pacheco, mas as minhas irmãs andaram todas em S. Lázaro. Só que no ano em que eu entrei para a escola, a minha mãe queria que eu entrasse com seis, mas a... as duas irmãs mais velhas já

entraram com 7... E, depois, a minha mãe que aguentasse com seis, então foi, foi... obrigou-me a ir para o bairro Duarte Pacheco obrigou-me entre aspas, eu lá fui.

[...]

ORADOR 1: Pronto, de resto, as pessoas aqui dedicavam-se ou a vender peixe, ou...

FÁBIO: Se calhar, a lavar para fora, não é?

ORADOR 1: Olha, a lavar como esta senhora, lavava muito para fora e passavam a roupa, a... dedicavam-se a que mais?

FÁBIO: Aqui nas casas dos moinhos, as pessoas faziam a farinha, não é? Também era uma fonte de rendimento.

ORADOR 1: Aqui era, aqui era a fonte de rendimento principal, é... é...

FÁBIO: Porque, eu estive a ver nas minhas investigações, não é... estes moinhos, tanto este como aquele...

ORADOR 1: Hum, hum... Datam de que de que data?

FÁBIO: Eles já aparecem num mapa de mil quinhentos e.., assim uma coisa muito antiga que ainda não se chamava rua dos galos nem lugar dos galos mas os moinhos já lá estão desenhados.

ORADOR 1: Quem sabe disso muito bem é o Miguel Bandeira, porque ele fez uma tese sobre isso.

FÁBIO: Ah, não sabia.

ORADOR 1: Nós temos lá tese, se quiser também lha empresto para...

FÁBIO: Sim, sim, eu gostava...

ORADOR 1: Pronto, para ver o que é que ele disse sobre, sobre Braga sobre esta zona. Hã... Não sei se ela abrangeu muito esta zona, mas...

FÁBIO: Pois, eu já encontrei algumas coisas, pronto, que, às vezes, falam muito desta questão, da... da... das moagens e do... dos rios e das.. das aldeias.

ORADOR 1: Mas, ao fim e ao cabo, as moagens também era uma fonte de riqueza.

FÁBIO: Sim, sim.

ORADOR 1: Hã...e...e, repara, estão aqui, parece que estão aqui num sítio que... suburbano, é um sítio suburbano, para todos os efeitos, agora, agora até parece que já não é, mas, na altura, era.

FÁBIO: Sim.

ORADOR 1: Na altura, era uma espécie... Os [nome das pessoas] eles escondiam-se, a polícia vinha por aqui, eles tinham ali um alçapão, eles subiam... eles faziam sete por uma linha.

FÁBIO: Pois.

ORADOR 1: Eu, este moinho nunca o vi moer, nem nunca vi nada aqui a ser feito, mas nós vamos descer e vamos ver. Acho que as pessoas não se vão importar, não é?

FÁBIO: Pois, nem sei.

ORADOR 1: Aqui era a tal quinta, uma quinta muito grande, que até se via da minha casa, portanto ia por este caminho todo até lá, aos primeiros prédios, deste lado... Que agora é ali o Carandá...

FÁBIO: Sim, mas acho.... Pelo que me contaram também, não é? Isto foi vendido, não é? Porque eles pintaram e depois só foi até ali, onde está pintado ali aquele risco.

ORADOR 1: Porque, porque venderam só... Ah! Venderam porque eles ficaram com a casa, alguns ficaram com a casa e depois venderam os terrenos para fazer prédios, foi isso?

FÁBIO: Foi isso, então pintaram só até ali.

ORADOR 1: Só até ali, pronto, é isso mesmo. Nós... essa coisa, essa coisa já não conheço. Sei que vinha aqui muitas vezes, com a bilhinha do leite, buscar leite, mesmo.

FÁBIO: Aqui?

ORADOR 1: Eles tinham vacas... aqui, o senhor... aqui ou então íamos por ali... e depois havia aqui também uma, que pode, acho que pode, era, era giro, era uma senhora aqui que toda a gente tinha medo, mas gostavam de ir lá chegar perto, que

era uma senhora já com muita idade que desfeitava toda a gente e que lhe chamavam Bruxa.

[...]

ORADOR 1: A bruxinha acho que morava aqui numa destas casas... E depois aqui também morava, mas depois temos que ver aquele pátio, temos que é muito bonito.

[...]

ORADOR 1: Ah, olha, essa bruxinha já dava para uma produção. (risos) Para uma mini produção. Ela morava aqui, acho eu. Era esta a casa. Era uma destas casas. Isto, às vezes, estas casas que se vê assim ou... ou já mudaram as portas e esta também já mudou, claro. Ela morava assim numa casa destas, e ela tinha mantas, só me lembro disso, tinha mantas, tinha xales, tinha coisas.

FÁBIO: Mas andava com isso tudo, posto?

ORADOR 1: Andava, andava posto e tinha aqui também na... mas ela, ela passeava-se aqui pela rua, a dizer mal de toda a gente, a dizer, não sei o quê, não sei que mais...

[...]

ORADOR 1: Era terrível para nós, nós tínhamos medo. Nós tínhamos um cagufe, meu Deus.

FÁBIO: E aqui deviam haver mais casas, não? Possivelmente... estou a dizer, porque não tenho a certeza... Tem aqui estas escadinhas, não sei se são escadas normais...

ORADOR 1: Não, isto segue o normal dos Galos: aqui, aqui por ali, isto aqui fazia parte da... de uma quinta qualquer, outra quinta...

FÁBIO: Hum, hum...

ORADOR 1: Não sei que quinta era, mas não eram casas dos galos, não eram... Não... Eu vou até dizer que os galos iam até ali... Ali, ali, ali, acabam ali.

FÁBIO: E deve ser aquela ruínha que desce, não é?

ORADOR 1: É, aquela ruínha... Isto eram terrenos, até nem sei se pertenciam ó, como é que ele se chamava? Era um fulano com muito dinheiro também. Tinha aqueles

terrenos do... da André Soares, da escola André Soares... Isto eram quintas, tudo quintas e, depois, este lugarzinho preservou-se, porquê? Porque depois entrou o património e não deixou que se deitasse abaixo, porque eles queriam deitar abaixo, na altura, tudo para construir aqui um empreendimento turístico... Uma coisa assim do género..

FÁBIO: Pois, mas é... isso é muito triste, porque é mesmo o que estava a dizer no início: A rua dos galos, é... é... eu acho que é...

ORADOR 1: É característica.

FÁBIO: É e é a preservação da memória de uma parte de Braga, não é?

ORADOR 1: Exatamente.

FÁBIO: É o que resta.

ORADOR 1: Exato, é o que resta, mesmo... Aqui era uma vendazinha, as pessoas vinham a venda...

FÁBIO: Era nesta aqui?

ORADOR 1: É, acho que era nesta.

FÁBIO: É uma delas, não é?

ORADOR 1: É, acho que era aquela. É uma venda, aqui já não sei quem era, mas...

FÁBIO: Pois...

ORADOR 1: Também vejo tudo... já nem vejo ninguém à porta... dantes estava tudo à porta.

FÁBIO: Também, agora...

ORADOR 1: Esta, esta aqui, se calhar... Não sei se tem alguém, ela está toda velha, está mesmo decrépita.

FÁBIO: Não tem telhados...

ORADOR 1: É, nada, nada.

FÁBIO: Aqui, já me disseram, morava a parteira.

ORADOR 1: Ai, isso é interessante...

FÁBIO: Era aqui...

ORADOR 1: Aí não sabia que morava aqui uma parteira.

FÁBIO: Era a que fazia os partos, destas...

ORADOR 1: Se calhar a minha mãe sabia...

FÁBIO: Sim, sim, fez os partos de muitas pessoas...

ORADOR 1: Se bem que a minha mãe também não conhece nada aqui pra esse lado, não conhecia.

FÁBIO: Pois, eu acredito que de uma ponta para outra, se calhar também é mais difícil.

ORADOR 1: Era, era, era, era.

FÁBIO: E no outro dia, por acaso, passei aqui? Hã...

ORADOR 1: Olha uma parteira.

FÁBIO: É, era uma senhora que era enfermeira mas fazia os partos também aqui. Isto foi o que me contaram.

ORADOR 1: E ali aquela roupa a secar, será que está alguém?

FÁBIO: É capaz.

ORADOR 1: Até perguntávamos o que é que isto era e onde é que era a venda.

FÁBIO: Se as pessoas... será que elas moram aqui há tanto tempo?

ORADOR 1: Pois é, não sei, mas tem aspeto de morarem. (risos) Vou ali tocar... (campainha) É que estas pessoas agora já trabalham, mas dantes as pessoas...

FÁBIO: Pois...

ORADOR 1: Trabalhavam, mas a maior parte estava em casa, não é? Só tem que passar lá... É, mas acho que não está ninguém.

FÁBIO: Também está tudo fechado...

ORADOR 1: Tem a roupinha a secar mas, não... Não está, então aqui é que era a parteira.

FÁBIO: É...

ORADOR 1: Mas não foi ela que fez os nossos partos... Foi a [nome da pessoa]. Depois também havia pessoas que agora já tiraram muitas delas, mas que tinham tanquinhos cá fora e, depois, não sei como é que elas iam buscar água ao rio, traziam água para lavarem a roupa e estendiam aqui nas cordas... Tinham as cordas aqui fora, isso lembro-me bem e lá, olha, lá lavavam a roupinha.

FÁBIO: Eu ontem por acaso foi, não foi ontem, foi anteontem, foi por acaso, ia passar e passou aqui uma senhora, que a avó dela morava aqui e ela estava a contar isso a neta enquanto estava a andar.

ORADOR 1: Ah!

FÁBIO: Foi muito engraçado.

ORADOR 1: Ai que giro.

FÁBIO: Foi, por acaso. Hã... Mas mesmo tendo aqui os tanques, as pessoas ainda continuavam a ir para o rio, não é? Lavar.

ORADOR 1: Sim, principalmente, só se o Rio tivesse muito cheio e não pudessem, não é? Aqui esta casa já era...

[...]

ORADOR 1: Pronto, mas os galos vão aqui.

FÁBIO: É até aqui, é até ao fim da ponte, é...

ORADOR 1: Exatamente, até ao fim da ponte. Aqui era um... pronto, era um... era uns, eram os quintais que eles tinham para fazer... Para fazerem as suas plantações de... salsa, de alface...

FÁBIO: Sim, mas eu, às vezes, isto é muito curioso, não é? Porque estas casas continuam... Isto é de alguém, tem de ser, não é?

ORADOR 1: Sim, pode é alguém não ter dinheiro ou não consegue vendê-la ou, sei lá...

[...] ORADOR 1: Aqui morava outra pessoa... [nome de Orador 2]! Ó filhinha, olá!

ORADOR 2: Oh!

ORADOR 1: Eu a dizer, nós temos que falar com a [Orador 2], ela é que nos vai...

ORADOR 2: Não estava a ver...

ORADOR 1: Nos vai dizer tudo.

ORADOR 2: Eu não estava a ver...

ORADOR 1: Porque é assim, este amigo, está a fazer um mestrado...

ORADOR 2: Ah!

ORADOR 1: Porque está em teatro e depois vai fazer aqui uma produção aqui na... nos Galos, isto vai ter aqui uma publicidade.

(risos)

ORADOR 1: E está a fazer uma espécie de recolha de...

FÁBIO: Das memórias...

ORADOR 1: Das... das memórias, de... de tudo aquilo que vivemos aqui nesta rua, não é?

ORADOR 2: Pois.

ORADOR 1: E, eu assim: olha [Orador 2], que era bom, porque tem ali a moagem.

ORADOR 2: Já, já, já não, já não...

ORADOR 1: A moagem era a fonte de riqueza.

ORADOR 2: Já não existe e não existe.

ORADOR 1: Agora não existe. Pronto, agora a moagem não existe, está desativada, e esta aqui também?

ORADOR 2: Eu acho que aqui ainda há qualquer coisa.

ORADOR 1: Há qualquer coisa, é?

ORADOR 2: Há qualquer coisa, porque da última vez que estive cá o [nome da pessoa]...

ORADOR 1: Sim, sim.

ORADOR 2: Eles ainda vieram ali, não sei se aquilo está muito estragado, porque a... com as cheias, quando foi a tromba de água, estragou tudo e danificou muita coisa, mas eu penso que eles ainda devem ter os moinhos.

ORADOR 1: Mas vocês, os moinhos, já não... acabaram, acabaram com eles.

ORADOR 2: Não, nós não temos nada. Nem o elétrico, nem o outro... temos a pedra, mas não tem, não tem mais nada.

ORADOR 1: Só a mó, pois.

[...]

FÁBIO: Mas os moinhos eram da sua família, então?

ORADOR 2: Pois é, pois eram.

FÁBIO: Pois...

[...]

ORADOR 2: A [nome da pessoa] é que ainda deve ter os moinhos.

ORADOR 1: Era a [nome da pessoa] que tinha os moinhos.

ORADOR 2: O [nome da pessoa], ele ontem andava aí, ele é capaz de ter a chave.

ORADOR 1: Hum...

ORADOR 2: E os moinhos antigos, se tiverem...

ORADOR 1: Olha, aqui morava aquela senhora que vendia peixe, não era?

ORADOR 2: Agora moram aqui os [nome da pessoa].

ORADOR 1: Ah! Vieram para aqui?

ORADOR 2: Ainda estão, ainda estão. Aqui, aqui ainda é... a casa era aqui, estás a ver onde taparam a porta?

ORADOR 1: Taparam tudo, não é?

ORADOR 2: Taparam aqui, taparam tudo, aqui não é nada está tudo destruído.

ORADOR 1: E ali é a entrada para os moinhos, então, para o moinho, para o tal moinho?

ORADOR 2: Sim, por aqui, por ali, pelas escadas...

ORADOR 1: Hum... tem umas escadinhas, não é?

ORADOR 2: Daquele lado e depois tem esta rampinha que também era a ribeira, não é? Que agora não é nada.

ORADOR 1: Esta rampinha era a Ribeira?

ORADOR 2: A Ribeira, era a rampa Ribeira, chamavam ribeira...

ORADOR 1: Mas não tinha rio nenhum...

ORADOR 2: Não.

ORADOR 1: Chamavam-lhe Ribeira, mas era uma Ribeira seca, olha...

(risos)

ORADOR 2: E aqui...

[...]

ORADOR 1: Olha, e tu lembras-te daquela Senhora que nós chamávamos A Bruxa que tínhamos muito medo dela.

ORADOR 2: Era aqui em cima.

ORADOR 1: Era ali naquela casinha...

ORADOR 2: Naquela casinha.

ORADOR 1: Não era? Naquela casinha ali para cima?

ORADOR 2: Era.

[...]

ORADOR 1: Nós tínhamos tanto medo, aí...

[...]

ORADOR 2: A [nome da pessoa], olha a escadinhas... vão até lá baixo ó... olha a casinha pequenina é a tal dos...

ORADOR 1: dos [nome das pessoas]?

ORADOR 2: Exato.

ORADOR 1: Exato, que tinha os moinhos, não é?

ORADOR 2: É, tem os moinhos...

ORADOR 1: Que passa ali, deve passar ali.

ORADOR 2: Passa... Tem dentro... tem o arco.

ORADOR 1: Dentro a gente chamava-lhe o pátio.

[...]

ORADOR 2: E depois, houve a tromba de água, aqui há anos...

ORADOR 1: Uns anos...

ORADOR 2: Quer dizer, num vai há muito tempo, não é? Já vai há algum tempo... e a tromba de água é que nos destruiu tudo porque a água entrou aqui, entrou na nossa casa, entrou na capelinha....

ORADOR 1: Na capela, também?

ORADOR 2: Até ao altar!

ORADOR 1: Ai Meu Deus!

ORADOR 2: Olha, ela chegou à casa da minha avó. Está a ver a última porta?

ORADOR 1: Sim, que era da avó, sim.

ORADOR 2: Entrou, chegou ali a água.

ORADOR 1: Ai Meu Deus...

ORADOR 2: Era uma coisa... [...] eu disse [...] vai embora que nós vamos morrer todos!

[...]

ORADOR 2: Saltou a água, vê lá o que cresceu o Rio...

ORADOR 1: Cresceu, não me lembro disso... foi há muito tempo?

ORADOR 2: Foi antes de a gente fazer a obra, depois tivemos que... a... a... a... água na nossa casa ainda era quase 1 metro, cá em baixo.

[...]

ORADOR 1: Dantes, que antigamente, aqui o Rio era fundinho. Os rapazes vinham para aqui, davam... que tomavam banho...

ORADOR 2: Tomavam banho...

ORADOR 1: Deitavam-se de cabeça, aquilo era...

ORADOR 2: As mulheres vinham lavar roupa...

ORADOR 1: As mulheres... nós vínhamos lavar a roupa... Se nos deixavam...

ORADOR 2: Lavar a roupa...

FÁBIO: E só os outros é que se podiam divertir?

ORADOR 1: Exato e coscuvilhar!

FÁBIO [risos]

ORADOR 2: Sim e nós meia-volta caíamos ao rio, também...

ORADOR 1: Sim, também fazíamos por cair ao rio...

ORADOR 2: Também fazíamos por cair ao rio...

ORADOR 1: Sim, eu acho que sim, que uma vez ou outra que isso aconteceu.

ORADOR 2: Era, era... Nós gostávamos de molhar os pés, os pais não deixavam, então, pumba.

ORADOR 1: Era, pumba para ali.

ORADOR 2: Era engraçado...

ORADOR 1: Pois é...

ORADOR 2: Olha estás a ver, o quintal deles vem até aqui...

ORADOR 1: Olha... e era, mas era isto tudo.

ORADOR 2: É isto tudo, aqui.

ORADOR 1: Lembro-me das vaquinhas, das não sei quê... isto até lá a baixo.

[...]

ORADOR 2: Ai, olha a bicicleta...

FÁBIO: Ai...

[...]

ORADOR 2: Olha vinde aqui ao meu lado, já aqui vindes ver.

ORADOR 1: Sim, o Fábio está interessado, não sei se quer...

FÁBIO: Sim, estou, então não estou!

ORADOR 1: Eu já conheço.

[...]

ORADOR 2: Olha, não repares que é uma casa velha.

FÁBIO: Oh, por amor de Deus.

ORADOR 2: Só queres fazer um trabalho, não é?

ORADOR 1: É uma casa velha, mas que olha que...

ORADOR 2: Olha, porque isto é tudo de madeira.

FÁBIO: Ah!

ORADOR 2: Olha, por baixo é oco, sabes?

ORADOR 1: Ah!

ORADOR 2: Eu tenho o gás que foi o meu marido que me botou e ali já é o rio, que o rio passa aqui.

FÁBIO: O rio passa aqui?

ORADOR 1: Passa aqui por baixo, mesmo?

ORADOR 2: Passa.

ORADOR 1: Ai meu Deus.

ORADOR 2: Olha cuidado que aqui é muito alto!

ORADOR 1: Tá, a gente.

ORADOR 4: Agora tende cuidado a descer aí um degrau...

ORADOR 1: Era aqui que vínhamos buscar a farinha...

FÁBIO: Ah!

ORADOR 1: Era aqui, que havia a moagem, ali.

ORADOR 2: Olha, pronto, aqui era a moagem. Ali era o celeiro, ou o milho que a gente vinha brincar.

ORADOR 1: Exato.

[...]

ORADOR 2: Olhai, assim, tiramos tudo. Olhem o que eles nos deixaram... só nos deixaram isto. Agora é a tulha, agora é a nossa tulha.

FÁBIO: E era aqui, era aqui que estavam os moinhos?

ORADOR 2: Era.

ORADOR 1: Era, era aqui que estavam os moinhos.

ORADOR 2: Aqui tinha as madeiras, onde tinha os cereais.

FÁBIO: Sim...

ORADOR 1: Os cereais passavam e iam...

ORADOR 2: E a gente deitava e o moinho aqui com a pedra.

[...]

FÁBIO: Olhe posso, posso tirar uma foto a isto?

ORADOR 2: Pode, pode. Tá é tudo...

FÁBIO Rocha: Não, não, mas é só para mim.

[ao tirar a foto, a gravação parou]

ORADOR 3: É teu filho?

ORADOR 1: Não, Madaleninha, é amigo da minha filha que está a fazer um mestrado no Porto e... ah... sobre a Rua dos Galos. Sobre as memórias que vivemos aqui.

ORADOR 3: As memórias... Dá cá dois beijinhos.

ORADOR 2: Ele quer memórias dos galos e quer memórias daqui... ela também tem memórias. Tens muitas

ORADOR 1: Eu já lhe ando a contar as minhas.

FÁBIO: Eu ando a falar com as pessoas que moram, que moraram e que moram aqui também.

ORADOR 2: Que moraram...

ORADOR 3: Eu até sou de Braga, mas num sei se aqui... Galos, galos...

FÁBIO: É que esta rua é tão bonita que ao passar, uma pessoa entra aqui e fica encantado, não há como não ficar...

ORADOR 2: Agora com as trotinetes e tudo...

FÁBIO: Agora é diferente, acredito, mas eu sempre que passava aqui, eu ficava encantado. Sim, só parece um presépio muito bonito.

[ORADOR 1, ORADOR 4 e ORADOR 3 estão a conversar ao mesmo tempo, pelo que nem sempre é perceptível aquilo que dizem]

[...]

FÁBIO: Oh! Mas, mas, hã... a sua família já vivia aqui há muito tempo?

ORADOR 2: Já, a casa é de quantos?

ORADOR 3: 1800...

ORADOR 2: Mil oitocentos e qualquer coisa, tá aí a data.

FÁBIO: E sempre foi da sua família?

ORADOR 3: Era dos tios.

ORADOR 2: Olha, está aí gravada.

FÁBIO: Ah, está aqui gravada que engraçado.

ORADOR 4: Foi o que apanhamos na pedra, mas na escrita... na escritura, está mais antiga!

ORADOR 3: Está mais antiga.

FÁBIO: Pois, porque sabe porquê, eu estou a investigar já há algum tempo e eu vejo, já em mil quinhentos e tal, os moinhos já estavam, já existiam.

ORADOR 4: Nos mapas aparece...

FÁBIO: É, já aparece...

ORADOR 4: Nos mapas aparece...

FÁBIO: E um deles é este...

ORADOR 4: Eu por acaso ainda andei à procura, mas não descobri muito mais.... Depois tinha de ir mais para trás ainda, mas já mudou, já mudou muita coisa já mudou... não tive... não tenho acompanhamento...

ORADOR 2: Num feches, num feches...

ORADOR 4: Eu tenho chave, tenho chave... Num tive estímulo para continuar com isso...

FÁBIO: Pois, claro, claro.

ORADOR 4: Mas por acaso eu gostava que eu cheguei a ver que isto... andou aqui um espanhol metido no caso.

FÁBIO: Ai é, mas como?

ORADOR 4: O proprietário, era espanhol que depois deu, deu como... num casamento um familiar. Há um sujeito, que morava na rua do Anjo, que tinha uma Casa funerária... bem, tem uma série...

FÁBIO: Ah, tem uma mistura...

ORADOR 4: Tem uma série de lengalengas só porque eu cheguei a um ponto e empurrei, empurrei e depois não quis muito andar para a frente.

FÁBIO: Claro, claro..

ORADOR 4: Mas por acaso gostava de, de continuar.

FÁBIO: É, eu estou, eu estou a fazer uma inv..., eu estou a estudar teatro, mas eu também estudo genealogia e histórias de famílias e, então... hã... eu que fiz... estive

a fazer essa recolha de algumas coisas, perceber o que é que existia aqui isso ia aqui, como é que isto foi mais ou menos evoluindo e pronto.

ORADOR 4: Há fotografia, há fotografias do caminho, aqui, do meu quintal... há fotografias do pessoal a apanhar banhos de sol que era penedo, isto é tudo penedos não era quintal, que eu fui apanhando, fui apanhando, mas não lhe dei continuação.

FÁBIO: Oh, claro.

ORADOR 4: Perdi a paciência, também. Depois faltava me... como é... não tenho bases...

FÁBIO: Para pesquisar...

ORADOR 4: Para andar à pesca era, como é que é... Um amator, um amator que se meteu numa aventura.

FÁBIO: Oh, claro...

ORADOR 4: Mas cheguei a um ponto que...

FÁBIO: Pois, depois começa a ser mais difícil, não é?

ORADOR 4: Chego a uma idade, chego a um ano que aparece tenho escritura, mas agora a partir de um ponto, era preciso ir buscar mais escrituras atrás...

FÁBIO: Pois, e já não consegue.

ORADOR 4: Porque depois começa a aparecer muitas famílias misturadas e tal, depois tinha uma família e outra família...

FÁBIO: É, pronto e eu também faço esse trabalho de buscar as famílias, não é? É sempre muito engraçado. Mas não tinha, não tinha ideia que a casa era tão antiga... mil oitocentos e quarenta e...

ORADOR 4: Num é quarenta...

FÁBIO: Ah, parecia-me, parecia-me um quatro. Noventa.

ORADOR 4: Aqui é noventa e seis, se não estou em erro, é assim... mas aparece mais, aparece depois na papelada aparece mais...

FÁBIO: Isso é muito engraçado.

ORADOR 2: Mil oitocentos e qualquer coisa...

ORADOR 4: Ali era uma porta que ia ter aos moinhos... E esta porta, esta porta não era assim essa porta, já alargámos um bocado porque a ideia era fazermos aqui uma garagem...

[...]

FÁBIO: Claro. A mim contaram-me já que, eu não sei se isto é verdade ou não e se sabe alguma coisa, mas que aqui era uma zona, aquela zona mais ali para o largo mais ali para a frente que era, era pago às freiras. Não sei se era, era pago às freiras a renda. Não sei se aquilo fazia parte de alguma congregação...

ORADOR 1: Olha, e não vos aparece água aqui nem nada?

ORADOR 4: Tenho um documento, tenho um documento, a pedir a...

ORADOR 1: Não lhe aparece água?

ORADOR 4: A pedir ao Arcebispo, acho que é ao Arcebispo, desta parte já não estou bem certo para fazer isto, para prolongar isto. Para prolongar este muro.

FÁBIO: Sim.

ORADOR 4: Teve de pedir ao Arcebispo ou ao Rei... Há ai um, tenho um documento para aí, não sei onde é que o tenho... Não, mas ali tem o documento a pedir ao Rei ou ao Arcebispo ou... para prolongar 50 metros, salvo eu, aqui o muro.

ORADOR 3: Foi a separação dos moinhos, a água para...

ORADOR 4: Aqui era os Crivos, aqui era a zona de Crivos, dos moinhos.

ORADOR 3: Eram os moinhos elétricos, daquele lado onde entraram, e aqui eram...

ORADOR 4: Ali era uma porta, ali era uma porta que separava os crivos do moinho elétrico.

ORADOR 2: Era.

ORADOR 4: Agora já fechou.

ORADOR 2: Era o elétrico, era daqui e dali.

ORADOR 3: Porque tínhamos ali o minho, o milho...

ORADOR 4: Ali era o milho, ali era o armazém do milho, ali na garagem...

ORADOR 3: O milho era aqui nesta zona...

ORADOR 1: Só me lembro tudo cheio de farinha no chão...

ORADOR 2: Era, porque a farinha ia pra chão.

ORADOR 1: Claro.

ORADOR 3: Isto aqui era comiserado...

ORADOR 1: Era...

ORADOR 2: Era...

ORADOR 3: Ficava tal maneira...

ORADOR 2: Sabes que num se lembra, porque eles também não deixavam muito a gente circular aqui.

ORADOR 3: É, não podíamos andar aqui...

ORADOR 2: Por causa do moinho...

[...]

ORADOR 1: Olha, e como é que era, [Orador 2], conta aí como é que era dos farricocos quando eles vinham aqui...

ORADOR 2: Ah! Dos farricocos...

ORADOR 1: Ai era tão giro, porque eles só vinham a esta casa.

[...]

ORADOR 4: Depois, já iam com as matracas já, já andavam só com...

[risos]

[...]

ORADOR 1: Olha e aquela Capelinha faz parte do vosso património ou não?

ORADOR 2: Faz, pode dizer-se que faz...

ORADOR 1: Faz.

ORADOR 3: Foi o tio...

ORADOR 2: Estou a cuidar...

ORADOR 1: Sempre cuidaram... sempre...

[...]

ORADOR 3: a minha... a rodovia, abriram a rodovia, quem vai para... ali no café S. João...

FÁBIO: Sim, sim.

ORADOR 4: Ao fazerem a rodovia, tiveram que deitar abaixo uma série de quintas, traçar uma série de quintas e em frente àquela... onde está o LIDL, na rodovia...

ORADOR 3: Era a Automotora...

ORADOR 4: As camionetes não havia a rodovia, as camionetes ao sair tinham de sair pela rua Monsenhor airoso, para o lado de cá, para os Pelames. E eles preferiram sair... as camionetes eram grandes, fizeram uma espécie de meia-lua do lado contrário ao edifício. Da... do Marinho, na altura era o Marinho. Fizeram meia-lua para elas saírem, davam a volta ali naquela meia-lua e subiam os Pelames, subiam os Pelames e iam ter à Rua Afonso Henriques e para a, para a central de camionagem na altura, que era em frente à Igreja do hospital. E nessa meia-lua havia uma capela que consta nos livros antigos,...

ORADOR 3: É esta, é a nossa.

ORADOR 4: Nos livros antigos consta isso, essa capela, está publicado isso... Hã... Senhor do Bom Principio.

ORADOR 3: É.

ORADOR 4: Quando fizeram a rodovia, tinham de deitar essa capela abaixo e o titio comprou pedra por pedra.

ORADOR 3: O meu tio era um amante da pedra, comprou a pedra...

ORADOR 4: E trouxe-a para aqui e montou.

ORADOR 3: Foi autorizado, na altura pela Câmara.

ORADOR 4: Mas o senhor que está ali não é o mesmo. O senhor que estava lá era pintado. Penso que a Igreja deve ter ficado com ele ou alguém ficou com ele. Para aqui, o titio mandou fazer um Cristo.

ORADOR 3: Lá em baixo, em São Jerónimo.

ORADOR 2: Que é este.

ORADOR 4: Em São Jerónimo, em São Jerónimo, que é o Cristo que está ali, que nós temos restaurado e...

FÁBIO: E cuidado, não é?

ORADOR 3: Quem... quem cuida, desde que a tia faleceu, pronto, a minha irmã é que é a cuidadora de...

ORADOR 2: É, da capelinha.

ORADOR 3: Da Capela. E tem lá o nome do tio...

[...]

ORADOR 4: E nos cantos, naqueles cantos onde mandei pôr umas grades de ferro, porque o pessoal ia fazer as necessidades.

ORADOR 3: O pessoal, fazia daquilo... Não há respeito.

ORADOR 2: Olha, quando o trolha andava a... podes pôr isso que é interessante, fica muito bem lá... quando o trolha andou a fazer o murinho para pôr os...

ORADOR 1: Os gradeamentos?

ORADOR 2: Os gradeamentos, passou um homem por ali e disse assim para o trolha: oiça lá, onde é que eu agora vou fazer xixi?

ORADOR 3: Não disse xixi, mas pronto. Não disse xixi, ele disse outra coisa.

FÁBIO: Mas percebeu-se...

ORADOR 3: Mas percebeu-se. Porquê, porque faziam ali... num havia respeito nenhum.

FÁBIO: Não havia respeito...

[...]

ORADOR 3: [...] se hoje pudesse viver isto ficava feliz porque nós recuperamos o... que ele adorava isto. Eu aqui cresci e, digo assim, pronto, eu quero ver se consigo também morrer ali. Chamou-me, a vida chamou-me para aqui.

[...]

ORADOR 3: Está a ver, os celeiros, eram ali... aquela, aquela zona ali eram os celeiros, o milho era enchido...

ORADOR 1: Era enchido...

ORADOR 3: Depois havia aqui um...

ORADOR 2: Um sem fim...

ORADOR 1: Era, era.

ORADOR 3: Um sem fim que levava o milho...

ORADOR 2: Que levava então para a moagem.

ORADOR 1: Era assim aquele coisinha por aqui fora...

ORADOR 2: Era, era.

ORADOR 3: Para os moinhos elétricos.

ORADOR 1: Exato. Eu sei que eu entrei por aqui várias vezes para vir buscar a farinha.

ORADOR 2: Era uma farinha diferente, sabes? A farinha que moia o elétrico não era igual à da água.

ORADOR 1: Ah, era diferente, era.

ORADOR 2: A da água era mais grosseira, não era?

ORADOR 3: Era, era.

ORADOR 2: E o elétrico era mais...

ORADOR 1: Fininha, assim mais...

ORADOR 2: Mais moída.

ORADOR 1: Mais moída, exato...

ORADOR 2: Porque havia gente que até vinha à farinha em...

ORADOR 3: Em pocha, que era para alimentar as crianças... era, era uma farinha que ficava à volta do da saída da, da, da... e ficava... era tão, tão fina, tão fina, que dava para alimentar as miúdas.

ORADOR 2: Olha o que a gente se lembra. Olha e o meu tio tinha asma e quando moíam o centeio, tinha que... passava o dia no Sameiro, que não podia estar em casa por causa do pó.

ORADOR 1: Por causa do Pó.

ORADOR 2: Depois limpávamos tudo e é que ele podia vir

[...]

ORADOR 3: O Rio está muito poluído.

FÁBIO: Pois, também não dava, não é?

ORADOR 3: Olhe, em miúda ia lavar com... as vinham para aqui lavar as lavadeiras e vinham lá... elas vinham para a parte de cima, da minha irmã e eu gostava de... de... de lavar também, mas agora não se pode o rio não é o rio que nós conhecemos que era água transparente...

ORADOR 1: Agora é um rio poluído.

ORADOR 3: E havia muitos... agora, nada...

FÁBIO: Era maior, também.

ORADOR 3: Era, era.

ORADOR 4: E aqui era penedos. As fotografias que aparecem, aqui era penedos.

ORADOR 3: Isto tudo era em pedra, era no antigamente.

ORADOR 1: Ah! Isto era em pedra.

ORADOR 3: Era tudo pedra, era.

ORADOR 4: As fotografias que aparece, já não é do nosso tempo; o titio arrumou com isto tudo.

ORADOR 3: É.

ORADOR 4: Mas as fotografias que aparece, aparece pessoal a apanhar banhos de Sol aqui na pedra.

FÁBIO: Ah, que bem. [risos]

ORADOR 1: Olha tu lembras-te quando é que a rua dos Barbosas abriu? Foi para aí em setenta e picos, prai.

ORADOR 2: A rua, rua... Esta calçada?

ORADOR 1: Não, toda esta urbanização da rua dos Barbosas.

ORADOR 2: A urbanização....

[...]

ORADOR 2: Foi em oitentas...

[...]

ORADOR 1: Antes disto ser quinta tinha ali uma subida que não tinha nada então deitaram, então deitava-se o lixo ali todo. O lixo, não havia recolha do lixo. O lixo deitava-se ali.

ORADOR 4: Era um caminho, que era o lavadouro [discurso incompreensível], ali em cima, que ainda existe. Eu tenho uma fotografia nos meus anos, das mulheres lá. Agora não, agora está seco. Já tirei mais fotografias está seco.

ORADOR 1: Era a regueira.

ORADOR 3: Chamavam-lhe a regueira. Era um tanque enorme.

ORADOR 1: O tanque ainda existe.

ORADOR 3: As roupas eram coradas, onde fizeram aquela rampa, aquelas escadinhas, aquilo era rio. Nós já tivemos um problema que, numa cheia, o rio era mais largo e aquela rampa o rio estreiteceu.

ORADOR 4: Também há quem diga que ali naquele largo, agora até fizeram aquele largo todo em pedra, mas que antes havia umas termas ali.

ORADOR 3: E era, é verdade.

ORADOR 1: Eram as águas férreas.

ORADOR 2: E que havia pessoas que alugaram estas casinhas para as pessoas virem tomar esses banhos. Nessas águas.

ORADOR 3: E havia lá a banheira

ORADOR 4: A banheira. Ela falava na banheira que era a senhora que estava lá.

ORADOR 3: Que estava lá, naquela casinha, era a banheira.

ORADOR 4: Isso no facebook aparece fotografias das termas em frente à rampa, ali [incompreensível] um edifício e esse edifício eram as termas. E há plantas de alguém que pediu autorização para ampliar ou modificar as termas. Depois morreu à nascença, parece-me a mim. Mas há no facebook ...Tem já?

FÁBIO: Eu tenho essas plantas já. É, já encontrei.

ORADOR 3: A minha mãe falava nisso, na banheira.

FÁBIO: E também há uma coisa muito curiosa desta rua que é em mil setecentos e tal havia aqui um engenho de papel , ou seja uma fábrica de fazer papel.

ORADOR 3: Era mais acima.

ORADOR 4: Mas isso era à entrada da rua. E depois foi uma fábrica de malas e era um têxtil ...é onde está o café, o São Domingos. Antigamente era aquela fábrica. Naquela falam que era uma fábrica de papel. Ainda ninguém comprovou isso.

[...]

FÁBIO: Não sei exatamente o sítio, sei que era aqui nos Galos porque há as memórias paroquiais de 1758, que eles andaram a fazer depois do terramoto em Lisboa, a ver como é que estavam as coisas. E então é registado que havia aqui um engenho de papel que tinha sido destruído há pouco tempo, portanto existiu mesmo e acredita-se...

ORADOR 3: É naquela esquina onde está o café.

Sr. O: Ao começar aquela rua, na esquina era lá. E depois fizeram uma fábrica lá não sei se foi de têxtil primeiro, depois foi de malas. Era qualquer coisa assim.

FÁBIO: Dizem que foi a primeira fábrica de papel em Portugal. Foi ali, só que o papel não era muito bom então eles acabaram com aquilo.

ORADOR 1: Olha, o papel em Portugal nunca foi bom.

[...]

ORADOR 1: E o teatro vai ser na rua?

FÁBIO: Eu quero que seja. Eu quero que aconteça aqui e que seja a andar.

ORADOR 1: Devia ser agora. Não é agora o dia do teatro?

FÁBIO: Foi no dia 27. Eu tenho ainda que falar com a junta para avisar e marcar com a faculdade mas em princípio será a 21 de Maio. Um domingo à tarde. Mas é uma coisa pequenina de 40 minutos.

ORADOR 2: Fizeram uma coisa dessas quando eu estava em Rendufe, no mosteiro [incompreensível] E nós éramos as carpideiras. Foi de noite. E foi muito interessante. As duas escolas a de Rendufe e a de Lago é que fizeram a sessão e depois os atores é que iam representar mas a comunidade participou na cena.

[...]

ORADOR 2: É um problema as trotinetes. Podia ser até uma coisa muito boa mas era bem usada. Agora deixam-nas aí, por cima de nós.

ORADOR 3: O meu marido comunicou à Junta e por acaso não demoraram, vieram repor. Esta violência que agora é gratuita, eu não sei por que se faz mal por fazer mal.

ORADOR 1: Mas vocês não tem a sensação de que nos vivíamos na cidade mas isto era uma coisa à parte da cidade?

ORADOR 3: É, isto era uma aldeia.

ORADOR 4: [...] “milhões que vai gastar nos Galos” e não sei o quê. E não há muito tempo tornaram a falar nisso. As casas caíram todas.

[...]

ORADOR 4: Aqui moram uma, duas, para aí cinco ou seis famílias. Porque é que a Câmara não pega nelas, porque aqui não tem condições, e desloca-as. E pega nas casas e recupera-as. Falam na aldeiazinha na cidade mas não fazem isso.

ORADOR 3: Ainda há pouco leste que a Câmara ia investir nos Galos, é ainda recente. Mas depois nunca ouvimos falar.

[...]

ORADOR 4: Quando chove, ali em cima era uma quinta, tinha muita água nesta quinta. Agora alcatroaram isto. Aquela água da chuva que até agora não, agora a água vem por aí fora.

ORADOR 3: E desce ali pela rua e nos temos de andar de galochas para poder passar.

[...]

ORADOR 1: Desculpem lá a maçada, mas foram muito úteis.

FÁBIO: Sim, desculpem aparecermos assim.

ORADOR 2: Espero que tenha sido útil.

FÁBIO: Foram sim, muito obrigado!

FIM DA ENTREVISTA 1

ENTREVISTA 2

Dia 14 de Março de 2023

Duração: 1:45

Rua dos Galos

Entrevistadas 2 pessoas (Agendada com uma mas à qual se junto momentaneamente outra pessoa) denominadas ORADOR 1 e ORADOR 2

ORADOR 1: Aqui antigamente era um convento, aqui há 200 anos atrás. Depois virou... moradores que moravam numa casa uma, noutra casa outra. Aquelas também já fecharam. E ali outra que é o moinho, que eram os moinhos dos galos. Têm ali uns moinhos, tinha ali uns e tinha aqui outros mas já não existe. Mas ela, a [nome da pessoa] continua ainda com os moinhos, que ela até mostra às escolas e assim. Ela tem pena e mostra, pronto. Ela ainda tem os moinhos que era dos sogros dela.

FÁBIO: Ah que a senhora falava, que vinha à porta e ela mostrava.

ORADOR 1: Não está a morar aqui, ela já não mora aqui. Mora em [local]. Só se lhe ligar ou se tiver tempo para lhe mostrar, que ela agora, antes vinha mas agora. Aqui era uma quinta, aqui era ...

FÁBIO: Era a tal da [nome] que me tinha dito.

ORADOR 1: Da [nome], que deu os terrenos para... para a natureza não é. Isto eram uns prédios que eram da [nome]. Agora já não é [nome], que ela já deve ter falecido há anos. Aqui também já mora um senhor, mas também já faleceu a senhora daqui. E aqui era mesmo o lugar dos Galos. Pronto, já estamos no lugar dos Galos. Aqui era a costureira. Já morreu há muitos anos.

Entretanto aqui está igual, esta parte, isto também está igual - estas coisas. Aqui está mais ou menos. Tiraram as pedras daqui não é. Isto não era nada disto, é tudo assim. Isto vê? Até há com pedras, pedregulhos. Ali era uma charca. Uma charca ali, ainda deve de a ter. Isto aqui, puseram agora isto direitinho mas se a visses aqui era só entulho.

FÁBIO: E havia casas por aqui acima?

ORADOR 1: Havia. Era a minha casa. Mas nós antigamente tirávamos água aqui da charca para lavar o chão, para limpar a casa, pronto. Tínhamos aqui água. Era tudo muito fresco agora está tudo muito sujo. E era fundinho e limpinho e tudo, agora está muito sujo. Aqui a não é, que não tínhamos, íamos buscar água ali a baixo. Isto está aqui esta bica. Não tinha nada disto, não é. Aqui ainda mora uma colega, a São. São os únicos que estão aqui, então estão um, dois, três, quatro. Aqueles que estão lá atrás, cinco. Aquela casa foi toda restaurada ali atrás. Pronto, os galos é até onde vem aquela senhora. É da ponte até ao lago dos galos, isto. Ali é o rio onde nós lavávamos a roupa. Ai não? E metiamo-nos dentro da piscina e era a nossa praia. Antigamente isto estava sempre aberto, agora fecham. Isto é para os gatinhos, assim os gatinhos não saem daqui. Isto não tem nada a ver, nada. Isto aqui era rio, por aqui fora, era rio. Então tinha ali fora onde nós lavávamos a roupa. Isto aqui tinha umas caleiras. Umas caleiras, sabes o que são caleiras? Que tapavam com panos e tudo para parar o moinho. Quando o moinho trabalhava eles iam pedir caleira. Tinha ali e, está tudo

tapado, tinha ali também. Era, a água para baixo corria para aqui. Pois isto está tudo muito diferente, muito .

FÁBIO: Pois, aqui era um moinho então?

ORADOR 1: Aqui. Era mesmo nestas janelas o moinho. Por baixo é aqui mesmo o moinho.

O moinho aqui e aqui, nesta parte aqui também era moinho. Aqui nesta parte, tenho a impressão que já era o antigo. Acho que antigamente não havia nada disto.

Não tem nada a ver com o que era. Vinha água dali, vinha água daqui de baixo, ali pronto. Agora fizeram... estragaram isto tudo. Que agora puseram aqui, esqueça. Era tão bonito, isto era muito bonito. Nós no Verão todos juntos. No Verão ou na Primavera, todos juntos, juntávamo-nos, que éramos muitos, limpávamos o rio todo, que era para depois termos uma [incompreensível] não, para termos a nossa praia, a nossa piscina...

FÁBIO: Limpavam o rio?

ORADOR 1: Limpávamos. Nós limpamos. Vê aquele penedo grande? Era maior ainda. Nós ali fazíamos piqueniques, brincávamos... aquelas palhinhas assim, para fazer um moinho. Era, fazíamos muitas coisas...brincar. Isto está muito estragado.

Depois tem ali aquela mina. Nós íamos, sentávamo-nos naquela minha e íamos sair lá atrás. Isto era tudo quintas. Nós íamos sair ao André Soares, Alberto Sampaio. Íamos sair aí. Então nós como crianças dizíamos assim "Ai vamos procurar um tesouro, procurar um tesouro. Entravamos por ali fora, muito frio e escuro, era, e saímos lá atrás.

FÁBIO: E não era cheio de água aquilo?

ORADOR 1: Tinha água, tinha. Mas não era cheio, era fria. Entravamos por ali e íamos sair lá atrás, que isto antigamente não existia nada, era tudo campos por aí a fora. Era um casarão, chamamos o casarão. Agora já não mora ninguém aqui. Viviam uma, duas, três, quatro famílias que eram aqui. Éramos muitas. Muita, muita gente.

FÁBIO: Isto foi em que altura?

ORADOR 1: Ora bem, eu tenho 53. Eu tinha para aí, vivia aqui tudo ainda eu tinha para aí treze ou catorze anos. E depois aí foi quando começaram as quintas a ir abaixo. Estes prédios eram tudo quintas [...] isto era tudo rodeado de quintas. Foi quando começaram as quintas e começaram a deitar tudo abaixo.

Aqui também tinha um banquinho, aqui.

[...]

FÁBIO: E como é que era vocês conviviam todos aqui nesta zona?

ORADOR 1: Brincávamos, brincávamos neste portão ao vai mosca vai mosquita.

FÁBIO: Não sei como é...

ORADOR 1: Saltas por cima. 1, 2, 3, Macaquinho chinês... Agora a canalha num sabe brincar.

[...]

ORADOR 2: Estás-lhe a mostrar a nossa piscina?

ORADOR 1: O nosso penedo.

ORADOR 2: Ali era onde nós punhamos as nossas toalhas.

ORADOR 1: Quem tinha toalhas...

[...]

ORADOR 1: Nós aqui tínhamos mais, agora é que taparam... Tínhamos mais “Amote”, num é?

ORADOR 2: É.

ORADOR 1: Só que agora é que pintaram. Só sobrou o do Quim e da Maria José.

[...]

ORADOR 1: Tinham aqui as pedras dos moinhos encostadas... eram prai umas poucas por ai a fora...

ORADOR 2: Era quando eles mudavam...

ORADOR 1: Mudavam as pedras dos moinhos, como se muda, sei lá, um pneu.

FÁBIO: Fogo, mas mudar uma pedra do moinho...

ORADOR 1: Eles já tinham prática.

[...]

ORADOR 1: Os penedos, eramos muito felizes naqueles penedos, no cantinho da perdição. Nós estávamos ali e o meu pai num queria... Nós estamos todos na brincadeira, mas ele num queria, pronto. Era da idade.

[...]

ORADOR 1: Tenho tantas saudades, tantas... E depois era assim: se uma dizia, a tropa tinha de obedecer toda. Depois combinávamos: vamos fazer o piquenique, vou fazer isto, vou fazer aquilo. Era uma: eu vou à minha avó. Era outra: eu vou à minha que ela tem mais... Eu levo a cevada, eu levo as panelas...E andávamos assim a roubar...

FÁBIO: E iam fazer o piquenique todos juntos?

ORADOR 1: Iamos, iamos todos os juntos... Tenho muitas saudades.

[...]

ORADOR 1: Pronto, Fábio, eu não sei onde tens o carro.

FÁBIO: Tenho ali.

ORADOR 1: Pronto, eu também vou por aí que vou para casa.

FIM DA ENTREVISTA 2

Anexo D – Excertos de lembranças partilhadas durante os ensaios

1 -

[...] chega uma senhora que já me havia visto na rua e sabia o que andava a fazer e diz-me:

- Olhe, o meu marido é que pode ajudar que ele nasceu aqui.”

[...]

Apresentei-me e expliquei-lhe o que andava a fazer; ele mostrou-se muito disponível e começou a levar-me aqui e ali para me falar inicialmente sobre como se moviam os moinhos, o sítio onde as lavadeiras lavavam a roupa e as coisas que ele tinha construído para os gatos.

[...]

Este senhor contou-me alguns dos acontecimentos que viveu: de como fugiram à polícia pelo alçapão e pela mina; dos tiros que houve na rua e de como seu irmão levou um tiro e caiu ao rio; da vez em que o carro da GNR voltou para trás quando enfrentado.

[...]

Este senhor contou-nos como aquelas casas em que morava havia sido um convento onde moravam freiras e o interior da sua casa tinha acesso às outras. A esposa deste senhor foi buscar um livro de Braga de Artur Pastor que eu também já tinha acesso; enquanto o seu marido folheava as páginas eu ia questionando sobre as diferenças e alterações que o lugar foi sofrendo. Ele mostrou-me algumas das alterações que fez principalmente na zona próxima da sua casa: o jardim, o telhado, o coberto e casotas para a colónia de gatos que existe na rua. Falou-me de haver uma ideia de aquilo vir a ser uma zona de bares junto à ribeira; ainda não o é porque eles ainda ali estão. Disse-me que muitas pessoas saíram dali, pouca gente já lá vive, mas que a sua família já vive naquela casa há uns “120 anos”.

2 –

Conhecemos a [nome da pessoa], que nos contou sobre o moinho, sobre as freiras que estão enterradas e sobre o convento dizem que ali existiu. Explicou que o leito do rio é mais curto e demonstrou-se disponível para nos deixar utilizar a parte das escadas no espetáculo.

Anexo E - Textos elaborados a partir de um edifício ou transcrição

Texto Casa com o Portão Verde:

Quando este portão verde estava aberto, arranjava-se aqui bicicletas. Hoje, já ninguém vem cá arranjá-las, mas continuam aqui a passar: sobem e descem a rua com grande velocidade. Ali, naquela janela, viviam os meus avós. A minha avó cresceu aqui e o meu avô também. O meu avô vivia naquela janela. Era um sítio onde vivia muita gente, muitas famílias com muitos filhos. As crianças subiam e desciam as escadas como hoje as bicicletas sobem e descem a rua, sem se atropelarem. Foi a meio das escadas que a minha avó foi apanhada pela mãe dela a conversar com o meu avô. Ao chegar a casa, apanhou porque não tinha jeito nenhum esse tipo de confianças. Mas, no jeito dela, sem se demorar, vinha para a janela e, de cá de baixo, o meu avô via-a e ela via-o a ele. Não sei se conversavam ou se falavam só com acenos, mas quem passasse na rua, podia vê-los, às vezes, ao cair da tarde. Hoje, ao espreitar por aqui, ainda os vejo. E, juro que, por vezes, ainda consigo ouvir o subir e descer e os encontros descombinados nas escadas.

Texto Casa Grande:

07:30. Alto da encosta, nos meus 9 metros quadrados, onde a cabeceira da cama encosta e a minha cabeça, hoje bateriam na parede lateral da capela e eu seria acordado pelas preces dos que cá passam.

Hoje a capela não existe, mas a hora seria a mesma e a voz que me acordava, não sendo das preces mas de ordem e autoridade ainda ecoam na minha cabeça. O timbre grave da minha mãe, possivelmente intensificado com a idade em lugar dos níveis agudos tão característicos do gênero feminino.

- “Tiago! Já arrumas-te o quarto? Tens as camas para fazer, o pó para limpar e a lenha para arrumar”.

Rapidamente as sistemáticas rimas, usadas sem querer, em cada ordem seriam motivo de criatividade e imaginação na minha veia artística, não fosse o cortar da raiz bem patente na ameaça e na chantagem.

- “A ida à praia! Podes tirar o cavalinho da chuva e esquecer, caso não termines o que ainda tens para fazer”.

Mais uma vez, a rima e a ordem, bem marcadas na ameaça, que se não fora o verão e os dias estarem maiores eram uma absoluta certeza que o cavalinho não ficaria à chuva e eu não iria à Praia.

Naquele mesmíssimo momento os meus olhos mostravam-me mais uma razão para dar corda aos sapatos e terminar as tarefas, porque além de dos dias maiores e do calor do verão, as 4 badaladas de 17 de Agosto de 77 fizeram lembrar que o badalar dos sinos na capela de São João eram sinônimo da chegada da Mariana à casa grande e da sua estada durante todo o verão.

Ora, aqui estava a razão e o hat trick perfeito para dar corda aos sapatos e terminar os afazeres antes da chamada para o almoço.

Aliás esta chamada nem existia, porque a existir eu já teria de ter a mesa posta para o almoço.

Na verdade, em resumo, não bastaria ser criado na minha própria casa ainda teria de ser adivinho e garantir que o terminar das tarefas seria a perfeita harmonia o colocar do ultimo prato na mesa e o exato momento em que se dava o bater da porta de casa à entrada do meu pai e perfeita coincidência com o colocar do tacho na mesa por parte da minha mãe.

Texto A Casa da Parteira:

Os gritos ecoam. As mãos cheias de sangue fazem mais uma tentativa. Ouvem-se os gritos novamente. A porta está aberta, todos vêm espreitar para tentar ajudar ou apenas ver...
Nasceu.

Faltam as forças mas haja saúde.

2h03 da noite.

Sobe a rua com o sentimento de missão cumprida.

Tranca a porta.

Descalça-se.

Os panos e as toalhas ficam na bacia.

Amanhã é outro dia.

7h da manhã.

Agora é a descer, todos os santos ajudam.

O som é trocado pelo da água.

Água essa que leva o vermelho do sangue.

De volta a casa.

Prepara-se um chazinho que ajuda a aliviar as dores.

A vizinha da frente precisa. Não tarda será ela, daqui a pouco rebentam as águas. Mas ela está bem, graças ao senhor.

Texto O Rio:

O rio. O rio transforma-se para quem o vê e sente. Para uns é uma força de trabalho, o ganhão, o sustento.

A água que faz girar a roda, que gera energia.

As crianças gostam de ver a roda a girar, o cheiro a farinha, metem as mãos na massa. Para elas o rio é a sua “praia”, é aí que passam os tempos livres de verão. Mesmo para quem não pode molhar os pés, fica da sua varanda a imaginar que corre e salta de pedra em pedra. As meninas vão com as suas mães e avós lavar a roupa no rio. Cantam para enganar o cansaço. Pensam nos rapazes que estão a brincar no rio. Rio de riqueza. Ria de alegria. Rio de trabalho.

Texto Placa Joaquim + Maria José:

1 – Só, amargurada. Nada mais sentia naquele momento. Saudade, sim. Tristeza, sim. Raiva, sim! Tiraram-lhe tudo o que fazia sentido na sua vida. As palavras o vento levou-as. Os abraços, os beijos. Nada mais fazia sentido. Voltava agora ao sítio onde outrora tinha sido feliz. O local onde os sonhos faziam sentido e tudo não parecia nada mais do que um conto de fadas... e

que conto de fadas. Sentada numa pedra, pensava como seria o seu futuro; casada, com filhos, uma mulher trabalhadeira. Já imaginava todos os sonhos a serem concretizados. Mas como? Não conhecia quase ninguém! As poucas pessoas que moravam ali nem tinham filhos da sua idade. O que fazer? O que planear sem ter chão para andar? Sair dali fazia sentido. Apesar de estar tão ligada àquele lugar, o melhor caminho seria seguir por outro. Levantou-se. Tomou a decisão certa: partir! Olhou para trás para pegar na sua sacola e olhou para a parede onde, apesar de um pouco esborratadas pelo tempo, ainda se podia observar “Quim + Maria José = Amor”. Estranho, não conhecia ninguém com esse nome por ali, então o “Quim” muito menos. Não ligou, seguiu em frente. Nada a iria fazer desistir da sua ideia. Foi a casa pegar em algumas coisas. Que irás fazer da tua vida? O mundo não é para crianças como tu. Vais-te perder ou pior, algo de mau te vai acontecer. Eram coisas que dizia a minha mãe. Não liguei. Saí de casa e fui ter à Capela, mesmo ao lado de onde morávamos. Rezei muito. Pedi que me guiasse e me protegesse nesta caminhada. Olhei para a cruz, fitei suavemente o seu rosto como que à espera de um sinal. Suspirei, nada aconteceu.

Texto A Casa do Avô

Foi naquela casa que vi o meu avô pela última vez. Foi aí que ele também me viu e pegou ao colo pela última vez. Aliás, fui a última pessoa que ele viu. O meu avô João teimava em ficar naquela casa, apesar de não ter as condições de outras. Teimava sempre. Até que um dia, sozinho, aí ficou pela última vez. Será que sentiu o cheiro a farinha? O meu avô sempre teimou naquela casa. A minha avô nunca quis morar ali. Assim que pôde mudou-se para casa da minha tia que era mais quentinha e tinha os netos para mimar.

Aquela casa só tinha um quarto, o dos meus avós, e o sótão na parte de cima era dividido pelas 5 irmãs. A casa de banho era lá fora. Não havia banheira. Tomava-se banho numa bacia de zinco com água aquecida ao fogão. Não se podia brincar lá fora, embora, pontualmente, conseguissem escapar-se por uns minutos, umas horas. O rio também servia de pretexto: “Laurinda, podemos ir lavar a roupa contigo?”.

Enquanto ali estavam, viam os rapazes a saltar de pedra em pedra, a dar saltos para a água. Mas os rapazes, só os rapazes eram permitidas tais aventuras. Olhando agora para aquela

pequena janela, que guardava todos estes mundos dentro, vejo que a persiana é a mesma de outrora. O que será que terá mudado?

Texto A Casa da Rosinha:

De manhã, quando acordava, abria os olhos e pensava no que o “novo” dia me iria trazer. Nada de novo, acabava por concluir. Os dias passavam iguais uns aos outros. Será que era mau? Minha mãe diria que não com certeza, afinal tudo para ela tinha de ser tal e qual ela fazia, assim como a minha avó e a avó dela. Tens de ser uma boa dona de casa. Dizia sempre, afinal, sou rapariga e futura mulher. Ah! Ser mulher! Um sonho tornado realidade, ou não... enfim, não havia muito a fazer nem a pensar, ora esta! Depois de me vestir e comer aquilo que havia em casa, saía para ir ao rio. Mal punha o pé fora da porta sentia o cheiro da farinha que que provia dos moinhos. Antes de chegar ao rio passava perto de uma casa onde morava a Rosinha. A Rosinha era uma senhora muito velhinha com um ar meigo e simpático. A sua expressão carinhosa fazia-nos sentir acarinhados, embalados, seguros. Casa. A Rosinha tanto quanto sei já tinha no mínimo uns 200 anos. Era a pessoa mais velha dali e, portanto, a mais sábia. Sempre que passava por ela, num tom calmo, doce e suave dava-me os bons dias, as boas tardes, os simples “Olás, como vai a vida?”. Quando me fazia esta questão, ao contrário de muitas almas, não era num tom de curiosidade alheia, mas sim num tom preocupado e para tentar perceber se eu precisaria de conselhos ou um ombro amigo. Ah... e se não precisava, Rosinha!

Anexo F – Texto do espetáculo Enfarinates (2023)

Maria Rita / Criança R – Rita Machado

Maria Angelina / Bruxa / Criança A – Ângela Coimbra

Boaventura José / *Homem Do Mala*/ Farricoco – Boaventura Faria Rodrigues

Maria Joana / Uma Lavadeira / Mulher da Mala – Joana Rodrigues

Enfarinates

O que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos

Fábio Rocha

Um grupo de Enfarinates está parado como uma escultura. Talvez nem estejam em grupo mas noutros sítios próximos, talvez o tempo os tenha deixado mexer um pouco, um gesto, um pé, um olhar, um rodar de cabeça. O público chega, aguarda uns minutos. Contempla a estátua ou o estado deteriorado em que estes espectros estão. Eles também estão há espera há algum tempo, nenhum sabe dizer quanto, mas estão. Começam a mexer, juntos, com dificuldade, como se estivessem cobertos de cal e este estalasse ao mínimo movimento. Há urgência em mexer, mas não muito rápido, tem de haver cuidado. Às vezes, perdem a linha de pensamento e palavras saltam sem contexto, são memórias que se misturam.

Maria Rita: Ouça. Espere. Ouça. Escute. Espere. Talvez me possam ouvir. Ali daquele lado há uma rua, não aqui, é mais ali. Se puder espreitar, ou olhar, ou ver pela guritinha... Não, a guritinha não. Perdão, ando confusa com isto, com este tempo. O que passou, digo, não a chuva ou sol ou o vento.

Maria Angelina: Da chuva a gente tem medo, às vezes, depende. Vai chover hoje? Não parece, mas, às vezes, ... A Rua é a dos Galos.

Boaventura José: Não chove, o tempo não é agora.

Maria Rita: Não é, não é agora... mas, quando chove muito, o rio e as margens já não aguentam e...

Maria Joana: Chegaram num bom dia. O rio não está cheio, podemos agradecer que hoje não chove, mas o rio ainda corre e faz mover.

Boaventura José: Há aqui nos Galos uns moinhos que para alguns já não moem; mesmo que o rio continue a correr, já não se moí o milho, nem o trigo, nem nada que se pareça, mas é da farinha que dantes se fazia e que ficou presa nas pedras das casas, no chão que pisamos ou no som da água a correr, que nascemos. Esperamos, esperamos por vocês para pôr as mós a rodar. Não é a farinha que hoje moemos; é ela que nos moí a nós.

Maria Angelina: Não estranhem se parecer que o Rio vos vai engolir; enquanto houver gente aqui a passar e a chuva não se transformar numa tromba de água, é só o barulho que devemos escutar. O rio que corre guarda as histórias de quem por cá passou e não são as histórias que se contam que nos devem assustar, mas aquelas que perdemos.

Boaventura José: Aproveitemos o tempo que não temos tempo a perder. Antes que venha a tromba de água, vamos andando. Por trás das pedras caiadas há gente que já lá não vive, foram roubadas pelo tempo e o que restou delas é aquilo que ecoa na rua. Mas esse roubo nem o polícia que aqui mora pode resolver. *Para Maria Rita*

Vieram aqui?

Maria Rita: Já aqui passaram, vêm cá todos os dias. Cada vez são mais, olha lá. Está cheio, tudo por causa da festa do S. João, dormem por aí. Vêm de todo o lado.

Maria Joana: Sorte que hoje não está a chover. Que o Senhor do Bom Princípio nos dê um bom começo!

Maria Rita *aproxima-se da porta.* É estranho, já não se vê nada. Aquela guritinha ainda é a mesma.

Maria Joana: Os princípios são sempre os mais difíceis, porque são sempre um novo mundo de possibilidades. Já cá se diz: o que custa é começar.

Maria Angelina, aparece de cima: Ó Maria Joana, Maria Joana, anda mais depressa!

Maria Joana: O que se passa?

Maria Angelina: Anda que a Lourença está a chamar. É a criança.

Maria Joana: Ui, mas ainda é cedo para nascer, valha-me Deus!

Maria Angelina: Anda lá.

Saem a correr. Maria Joana vai para o rio, Maria Angelina senta-se na pedra

Maria Rita: É a felicidade que se vive por aqui, quando as crianças nascem. Mais lá para cima é vê-las correr de um lado para o outro.

Boaventura José: O chato é quando depois de um dia de trabalho nos moinhos, nos faltam umas moedas nos bolsos.

Maria Rita: Quem as leva? A canalha?

Boaventura José: Elas pensam que eu nos as vejo a irem aos bolsos da roupa que está pendurada. Parece que lhes cheira...

Maria Rita: O cheiro. Tem o cheiro de farinha. É a farinha que resiste, que se guarda. Cheire, cheire.

Enfarinates mostram as mãos ou os sacos com farinha

O cheiro nunca saiu daqui, é...

Maria Rita e Boaventura José: Olá, Rosinha!

Maria Rita: Muitas pessoas não a veem, mas a Rosinha está sempre aí, a dar bom dia a quem passa, é muito boa senhora. Subir ou descer a rua é saber que naquela porta, sentada no seu banco, está sempre a Rosinha para nos dar os bons dias e perguntar como estamos. Ela não quer saber da nossa vida como aquelas pessoas que gostam de coscuvilhar, não. Quer saber se estamos bem, genuinamente. A Rosinha faleceu com muita idade, mas vê-la ali, ainda, a dizer: “Bom dia, meninas”, é sentir o conforto de quem chega a casa. Quem sabe quantas vezes não precisamos de encontrar uma Rosinha no caminho.

Sobe as escadas, pega na trouxa

Boaventura José: Bom dia, Maria Rita.

Maria Rita está no cimo das escadas a ajeitar a trouxa

Boaventura José: Bom dia, Maria Rita.

Maria Rita: Que queres, Boaventura? Não vês o que estou a fazer?

Boaventura José: Vejo.

Maria Rita: E vais ficar aí a olhar?

Boaventura José: Não estou a olhar, estou a orar.

Maria Rita: Não brinques com essas coisas, desgraçado, da última vez viste o que aconteceu: choveu a potes e a água quase chegava aqui acima; até tiveram de pôr aí umas grades.

Boaventura José: Pois, agora quero saber onde vou fazer xixi.

Maria Rita: Devias era ter vergonha.

Boaventura José: Uma pessoa não escolhe quando está aflito.

Maria Rita: Pões-te a brincar com nosso Senhor e depois “ai que deu o rei”. Eu conheço os da tua laia, vens aqui para ver se me vês. Havia de ter sorte. Sou uma mulher de respeito.

Boaventura José: Que é lá isso, deves achar que o moinho gira à tua volta.

Maria Rita: E eu aqui a aturar isto.

Boaventura José: Onde vais?

Maria Rita: Vou onde me apetecer. E tu devias botar pés ao caminho que eu tenho mais que fazer.

Boaventura José tira uma flor da capela e põe na trouxa

Maria Rita, tira a flor atira-a a Boaventura José: Põe-te a andar!

Boaventura José pega na flor, sai por cima, para o arco, ao passar por Maria Angelina atira a flor ao chão. Ao passar pela lavadeira, Boaventura José dá boa tarde.

Maria Rita: Olha a sujar-me a roupa toda.

Eu sou a Maria Rita e sou a lavadeira. Olhe aqui. As roupas contam histórias, umas combinam, outras não. Trago lençóis de linho, outros de algodão, uns serão para amortilhar quem por cá já passou. Abrimo-los para ressuscitar a vida que há neles. Lavo sem me importar muito bem de quem é o quê. Ora cheire, está bom? Ainda não se lavou, mas não se preocupe que vai ficar um brinco. Este lençol tem um buraco aqui, sabe-se lá porquê. A gente desconfia, mas não dizemos, que haja saúde é o que importa. Levamos as trouxas à cabeça como um fardo de quem somos e daqueles que cuidamos. Engana-se quem acha que é no coração que reside o amor, é aqui, naqueles que lembramos. Enquanto lembramos, as pessoas existem e não há amor maior do que manter viva a memória de alguém.

Durante esta fala, o Homem da Mala passa. Para em frente a Maria Angelina, como se a memória daquele momento estivesse suspensa nesse tempo.

Maria Rita vira para o rio. Sai Uma Lavadeira, da zona no rio com a trouxa feita, sai para o arco, devagar.

Maria Angelina pega na flor que está no chão:

Alecrim alecrim aos molhos
por causa de ti
choram os meus olhos

Toma consciência das pessoas que ali estão

Bom dia, santinha! Venha cá. Tá boazinha? Tou. Quer saber o que trago aqui? Bem, a bem dizer em condições, em condições hoje só trago chicharro, aqueles estupores hoje não traziam mais nada de jeito, anda aqui uma pessoa a correr como uma desalmada, de um lado para o outro, e não sei p'raquê, valha-me Deus! Não percebo nada disto, cada vez está pior, rais parta... mas veja lá que se não puder pagar hoje, paga depois. E até lhe digo que, atendendo a esta categoria, olhe que são só a dois e quinhentos o par, mas olhe que são grandes! Se num quiser chicharro, tenho aqui umas sardinhitas a dez tostões o quarteirão, mas valha-me Deus, são tão fraquitas que até tenho vergonha de as vender. Se quiser, fica com os chicharros e paga depois quando puder, mulher, até parece que nos conhecemos hoje, valha-me Deus!

Maria Joana sobe a escada prepara-se para virar para o largo

Maria Angelina: Ei! Maria Joana, então, como está a Lourença?

Maria Joana: Está complicado, Maria Angelina.

Maria Angelina: Oh, valha-me Deus.

Maria Joana: A Quitéria ficou lá com ela.

Maria Joana olha para os panos que tem na bacia

Maria Angelina, olha para cima: Ainda não caiu uma pinga, hoje. Olha lá.

Maria Joana: Olho nada... Não preciso de olhar para saber que vai chover.

Maria Angelina: Não digas uma coisa dessas. Tem calma, que daqui a pouco tudo passa.

Maria Joana: Passa, mas que passe bem, hoje acordei com um calafrio...

Maria Angelina: Não venhas com essas coisas, hoje não chove. Olha lá.

Maria Joana: Não há muito a fazer nesta hora, é esperar pela natureza.

Maria Angelina: É... mais vale esperar. As coisas acontecem quando tem de ser.

Maria Joana: Há coisas que acontecem que não eram precisas, Maria Angelina. A vida parece que é só isso, estar aqui à espera de que as coisas aconteçam, que corram pelo melhor.

Maria Angelina: Esperar vale a pena. Nosso Senhor não dorme, foi Ele quem te abençoou com essas mãos.

Maria Joana: São mãos como as outras todas, de quem vai buscar o trigo para levar para o moinho; estão cheias de farinha. Não é da farinha que nascem os bebés.

Maria Angelina, começa a descer: É uma bênção, Maria Joana.

Maria Joana, para o público: Posso ver as suas mãos? Tem mãos de luz. Eu tenho mãos de quê? *público responde* É estranho quando penso nas minhas mãos... Por aqui, vive muita gente, há quem tenha 11 filhos, vejam lá! Ajudei a maioria a vir ao mundo. Sou a Maria Joana, dizem que sou a parteira. Não sei se por causa das crianças que vieram ao mundo pelas minhas mãos ou se porque me parto em muitos bocados sempre que perco algum. Vêm desejar boa sorte, mas a iminência da desgraça é o que nos consome. Aqui a vida é assim, entre nascimentos e mortes, entre a sorte e desgraça, o rio e as trombas de água. Eu parto-me e colo-me a todo o instante, mas falta-me sempre alguma coisa.

Maria Rita: O Rio que banha os Galos “Tem bastantes muinhos e teve engenho de papel, que há poucos anos se desfez e nelle se edificaram muinhos. Nam tem lagar de azeite.”³⁶ O cheiro da farinha, é um cheiro da rua, desde sempre.

Maria Joana: É um cheiro da rua, desde sempre.

Boaventura José, mostra o mapa e aponta os moinhos. Lê: Mapa da cidade de Braga de Georg Braun, 1594, encontramos os abençoados “*moinhos de milho junto ao rio Este*”.

Enfarinates, como se fossem freiras:

Dizem que aqui era um convento

Que aqui há freiras enterradas

Dizem que há freiras

Dizem que há freiras

Dizem que há freiras

Dizem que há freiras enterradas

³⁶ Capela, J.V. & Ferreira, A. C. (2002) Braga Triunfante ao tempo das Memórias Paroquiais de 1758. Braga: Fundação para a Ciência e Tecnologia e Associação Comercial de Braga

Aqui

Debaixo

Maria Rita: Não podemos brincar com isso. Olhem ali em cima, daqui a pouco aparecem nuvens e isto... estamos a arriscar, se vem uma tromba de água...

Boaventura José: Mas aqui era um convento, dentro das casas ainda existem portas que dão acesso umas para as outras.

Maria Rita: Já não dão, já não. Foram fechadas.

Maria Joana: Mas numa delas existia um alçapão! Um dia, quando a polícia apareceu por aí, uns moradores conseguiram escapar por um alçapão, desceram por aqui, atravessaram o rio e foram pela mina.

Boaventura José: E as freiras?

Maria Joana: As freiras estavam enterradas.

Maria Rita, Boaventura José, Maria Joana: A Bruxa!

Bruxa: Não estranhem se parecer que o Rio vos vai engolir; enquanto houver gente aqui a passar e a chuva não se transformar numa tromba de água, é só o barulho que devemos escutar. Por trás das janelas fechadas que não nos deixam ver os telhados caídos, resistem as histórias de quem lá viveu.

Bruxa sai pela ribeira, por trás das casas. Maria Rita, Boaventura José e Maria Joana estão sentados nas portas de uma casa, com trouxas às costas, malas no chão

Enfarinates usam um lençol que serve de corda, fazem o jogo de saltar à corda; cantam:

Bruxa, bruxa põe a mão no chão

Bruxa, bruxa põe a mão no coração

Bruxa, bruxa dá às três voltinhas

Dá uma, dá duas, dá três

Sai a bruxinha pela sua vez.

Um cai, levanta-se chateado e dois de cada lado puxam a corda, um dos lados perde, pegam em paus, há uma luta. Voltam a perder. O Boaventura irrita-se, aproveita um momento de distração para bater nas outras, uma põe-se à frente. Luta com as três, perde, sai e volta com um pau maior.

Boaventura José: Para Trás!

Tensão. As outras fogem para cima. Maria Angelina vai para a zona da “praia”. Boaventura pega no lençol. Vai para a zona do logradouro.

Maria Angelina: Ui, donde vais cheio de apetrechos?

Boaventura José: Temos de nos prevenir, Maria Angelina. Corre por aí que, lá para os lados de Tadim³⁷, uma gente se juntou e foi buscar uma farinha que estava guardada.

Maria Angelina: Oh valha-nos Deus!

Boaventura José: Os sinos da igreja faziam um basqueiro, não se ouvia mais nada. As pessoas entraram e levaram 52 sacas!

Maria Angelina: Ora adeus minhas encomendas! E achas que vêm aqui?

Boaventura José: Sei lá eu! Mas nos outros moinhos também se estão a preparar. Temos de estar atentos. A verdade é que isto já se está a espalhar, em S. Pedro de Oliveira foi igual.

Maria Angelina: É o que eu digo, a fome anda aí outra vez. As pessoas não têm de comer, o que se ganha não chega para nada...

Boaventura José: E a culpa é nossa, Maria Angelina? Nós também andamos a tentar sobreviver com o que podemos. Se nos vierem tirar o pouco que já temos, o que vai ser de nós?

Maria Angelina: Num me leves a mal, eu estou do teu lado. Sabes muito bem que sou amiga de toda a gente e num gosto de confusões! Mas ninguém sabe para onde se há de virar, valha-me Deus. A vida está muito complicada.

Boaventura José: Desde muito pequeno que o meu pai me diz que o Povo é que paga sempre as favas!

Maria Angelina: ...as favas, os tomates do padre Inácio, os... cala-te boca! Mas, olha, digo-te já: se apanho aqui nos Galos algum mariola a rondar os moinhos, leva uma vassourada que o quilho!

Boaventura José: Não te preocupes, Maria Angelina. Nós vamos ficar de sentinela.

Maria Rita: As janelas fechadas não nos deixam ver o que aqui se passou. As paredes de pedra ao alto dão o ar pitoresco quase presépio de uma rua onde foram nascendo pessoas que ainda cá estão. São descendentes de gerações que habitaram os Galos, que viram quem da rua foi partindo e quem por ela vai passando.

Mulher da Mala: O que tenho aqui não deve interessar a ninguém, porque são coisas que são minhas. Olhar para elas é só ver meia dúzia de trapos ou de papeis que já não servem a ninguém. Ah! Tenho uma foto do meu casamento, não tenho mais. Olhe, aqui, o tio Abílio que morava lá para cima. Foi o meu padrinho... os meus pais... Esta é a minha avó, deu-me um xaile que está aqui, veja lá. Fizeram para quando ela nasceu. Eu, a minha mãe, os meus irmãos – eram 11, agora somos só 9 - e até as minhas filhas fomos embrulhadas neste xaile quando nascemos. Ainda está bom não, está? Também levo aqui meia dúzia de roupa; não levo assim mais nada, levo o que posso e consigo. Provavelmente, se deixasse isto esquecido por aí,

³⁷ Inspirado na crónica do Correio do Minho “A fome que originou o roubo da farinha em Tadim” do Professor e Historiador Joaquim da Silva Gomes: <https://correiodominho.pt/cronicas/a-fome-que-originou-o-roubo-da-farinha-em-tadim/14860>

talvez fosse para o lixo, sem sequer importar se levo aqui uma vida dentro ou não. Eu aqui cresci, pronto e queria ver se conseguia cá morrer. Mas não dá, não há como. Eu vou agora embora, mas não se preocupe se amanhã já nem se lembrar de mim; nem vai perceber que esqueceu.

sai para a zona da casa do Sr. Abel

Criança A: Ei! Ei! Atão num vens para a praia?

Criança R: Vou. Conseguiram alguma coisa?

Criança A: Sim, já temos algumas coisas. Trouxeste a cevada?

Criança R: Não consegui nada, quase que me apanhavam na venda de cima. Temos de levar trocado.

Criança A: Oh! Então eu vou ver se a minha avó tem um limão que já dá para fazermos uma limonada. Se não vamos ali aos moleiros ver se têm umas moedinhas.

Criança R: Oh! Mas vai tu que eu já estive lá e quase que me apanhavam...

Criança A: Lá estás tu, és uma medricas, também.

Criança R, aponta para Boaventura: Diz-lhe a ele para ir lá.

Criança A: Oh! Achas? Ele nunca quer vir, está à espera da moça para ir para o Cantinho da Perdição. Deixa lá, pode ser que consiga o limão. Vai indo que já está lá toda gente.

Maria Angelina senta-se na pedra larga. Maria Rita sai para a zona da praia

Boaventura José: Quando este portão verde estava aberto, arranjava-se aqui bicicletas. Hoje, já ninguém vem cá arranjá-las, mas continuam aqui a passar: sobem e descem a rua com grande velocidade. Ali, naquela janela, vivia a Guadalupe. A Guadalupe cresceu aqui e o seu marido também. O Chico Zé vivia no piso de baixo, era o mais novo de 10 irmãos. Era um sítio onde vivia muita gente, muitas famílias com muitos filhos. As crianças subiam e desciam as escadas como hoje as bicicletas sobem e descem a rua, sem se atropelarem. Foi a meio das escadas que a Guadalupe foi apanhada pela mãe dela a conversar com o Chico Zé. Ao chegar a casa, apanhou porque não tinha jeito nenhum esse tipo de confianças. Mas, no jeito dela, sem se demorar, vinha para a janela e, de cá de baixo, o Chico Zé via-a e ela via-o a ele. Não sei se conversavam ou se falavam só com acenos, mas quem passasse na rua, podia vê-los, às vezes, ao cair da tarde. Hoje, ao espreitar por aqui, ainda os vejo. E, juro que, por vezes, ainda consigo ouvir o subir e descer e os encontros descombinados nas escadas.

pega numa mala, fica em frente a Maria Angelina

Maria Rita: Vamos embora de casas cujos telhados já ruíram. Pouca gente sabe quem cá viveu e o que levamos connosco; a rua é resistência da nossa vida, resistência a um tempo que insiste em atravessá-la.

Fábio, se a São estiver à janela: São, está boa? Estamos a fazer a peça de teatro sobre a rua. Lembra-se quanta gente morava aqui?

São, *presumivelmente dirá*: Muita gente!

Maria Rita: Que seria dos Galos se aqui não estivessem? Mantemo-nos alerta para que as casas não fiquem ocas.

Pega numa mala e sai para a zona da casa do Sr. Abel. Dá a volta e vai ter à casa da parteira.

Maria Angelina está sentada na pedra larga com a flor, à sua frente o Homem da Mala, parado, com uma mala, como se a memória daquele momento estivesse suspensa nesse tempo.

Homem da Mala passa para a zona da casa do Sr. Abel, dá a volta e vai para a frente da casa da parteira.

Maria Joana vem da zona da casa do Sr. Abel com uma pequena trouxa de vários panos embrulhados.

Maria Angelina: Então, Maria Joana? Já nasceu?

Maria Joana: Não, Maria Angelina.

Maria Angelina: Mas não chove, hoje.

Maria Joana, *olha para cima*: Pois não. Está há horas a tentar ter a criança, mas ela não quer vir.

Maria Angelina: Temos de esperar.

Maria Joana: Eu sei, está a ser muito complicado, já fiz tudo o que sabia. Já rogamos a Santa Margarida, mas a criança teima em não nascer. Nem as minhas mãos a conseguem trazer a este mundo. *pronta para virar para a rua* Já faz muito tempo, Maria Angelina.

As malas pousadas nas casas em frente à casa da Parteira. Estão sentados, à espera. Maria Joana vai andando, olha para a sua casa, espreita, larga tudo. Tenta limpar as ervas. Aquela já não é casa que tinha deixado. Sai, assustada. Saem os das malas.

Ouve-se o bater numa chapa de metal, como um tiro.

Maria Rita: Ai, acudam, Minha Nossa Senhora! Deram-lhe um tiro! Acudam!

Boaventura sai da zona da casa da Parteira a correr, o público deve segui-lo.

Maria Angelina: Caiu lá para baixo.

Observam na ponte, vão saindo aos poucos, para a zona do largo.

Boaventura José: Agora cuidado e não se percam, vamos juntos dar a volta pela rua dos Barbosas e apreciar a rua do Galos em todo o seu esplendor. Pedimos que se mantenham dentro do passeio e observem o leito do Rio Este que com a força da sua água fazia mover os moinhos e servia as lavadeiras no seu trabalho. Vamos passar 3 fotografias deste livro “Braga de Artur Pastor”, para poderem ver a zona ribeirinha dos Galos nos 60, vista por este percurso que agora fazemos. Podem observar o estreitamento do leito do rio e algumas casas onde só permanecem as paredes e como lembrança de que alguém já lá viveu. Quando chegarmos à

fonte, pedimos que o livro seja entregue a um dos nossos assistentes. Mas vamos, vamos que não temos tempo a perder!

Passam a rua do Barbosas, chegam à fonte dos Galos

Maria Rita está no rio a lavar lençóis

Chegam Maria Angelina e depois Maria Joana, lavam lençóis no rio, conversam um pouco mesmo que as palavras sejam consumidas pelo barulho da água a correr. Boaventura está senta-se na margem do rio.

Maria Rita deixa cair uma flor pelo rio, as outras tentam ajudar. Boaventura anda mais um pouco pelo rio. Não conseguem apanhar; Maria Rita e Maria Joana encham dois cântaros junto à fonte. Maria Angelina arruma os lençóis.

Boaventura José: Vamos andando, com cuidado.

Atravessam a ponte

Maria Angelina, Maria Joana e Maria Rita:

Pedreiro pica na pedra, ai, ai,
Carpinteiro na madeira,
Cada qual a sua arte, ai, ai,
Eu também já fui lavadeira.

Também já fui lavadeira, ai, ai,
No nosso rio Este
Lavei a roupa com rosas, ai, ai,
Ficou-me o cheirinho a Cipreste.

Maria Angelina: Dizem que era naquela fonte que se vinha buscar a melhor água de Braga!

Boaventura José: A Água dos Galos era tão boa que até se conta que existiam aqui para banhos termais. 1639 é o ano inscrito na fonte e pergunta-se se é daí que vem o nome da rua por causa dos dois galos talhados na pedra. Mas podemos ler um assento de batismo, em S. Vitor, do ano de 1608, o seguinte: “Ao primeiro de maio batizei um moço por nome Domingos, filho de Pantaleão Fernandes, desta freguesia, e de sua mulher Maria Manuel. Foram padrinhos Brás Francisco, da ribeira e Maria Fernandes, mulher de António Francisco, dos Galos!”³⁸ Então podemos acreditar que não é a fonte que dá o nome à rua, mas é a rua que dá o nome à fonte!

Maria Angelina vai sentar-se na porta 9

Maria Joana, na capela: Ó meu Nosso Senhor, escute o que lhe peço que não peço para mim: dai uma graça a esta mãe que não conseguiu carregar mais nenhum. Ajudai-a nesta hora, dai-lhe forças para que não desista. Abençoi-a com este filho, que venha com saúde, meu Senhor, peço-vos. Abençoi-a, abençoi-a...

³⁸ Transcrição de assento de batismo de Domingos, no ano de 1608, da freguesia de S. Victor.

Maria Rita, atira *salpicos de água*: Maria Joana, anda-te embora que, não tarda, vai começar a chover.

Ouve-se o som dos Farricocos, brando

Maria Joana: O que importa, Maria Rita?

Maria Rita: Não tarda chove e não sabemos bem quando para. Sabemos lá se não é desta que leva tudo a rasto. Não se brinca com a força da água, Maria Joana.

Ouve-se o som dos Farricocos, médio

Maria Joana: Quando abriram a rodovia, foi preciso mandar abaixo uma capela que lá estava. O senhor que vivia nesta casa comprou pedra a pedra e reconstruiu-a aqui, para não se perder. O que seria desta capela e do Senhor do Bom Princípio, se ninguém se tivesse lembrado dela? Quantas coisas já não perdemos? A gente cria uma vida e, quando damos por isso, vem uma chuvada, o rio sobe, atravessa pontes, os telhados desabam e as pessoas vão embora. Quando olhas já só vêes janelas fechadas e nem sabes sequer quem lá morou. Andamos daqui para ali, a trazer gente ao mundo, e para quê? Parece que existimos para sermos esquecidos, Maria Rita. Não admira que as crianças tenham medo de nascer.

Ouve-se o som dos Farricocos, mais forte que se mantém.

Maria Rita e Maria Joana: Bom dia, Rosinha!

Maria Angelina, *sentada na porta 9*: Bom dia, meninas!

Seguem o som dos farricocos até meio.

Maria Angelina: Maria Rita, podemos ir contigo lavar para o rio?

Maria Rita: Olha que se depois a vossa mãe sabe eu é que apanho com as culpas.

Maria Angelina: Vá lá, deixa-nos só meter o pezinho na água;

Maria Rita: Vinde que eu arranjo-vos um paninho.

Entrega-lhes a trouxa

Maria Rita, *em frente à casa*: Quando passo aqui, ainda sinto o cheiro a farinha. Talvez venha dos moinhos ou da rua que ainda guarda o cheiro como seu, ou talvez seja só a memória a inventar-me uma outra vida, dentro de uma casa que me foi contada. A casa só tinha um quarto, o dos meus avós, e o sótão na parte de cima que era dividido pelas 5 irmãs. A casa de banho era lá fora e não havia banheira, tomava-se banho numa bacia de zinco com água aquecida ao fogão. A casa é esta. Quando o meu avô a comprou, a minha avó disse: “Ei.. Tu vieste pôr-me aqui num inferno...” porque nós não tínhamos água canalizada, a banca não tinha esgoto, nós estávamos sempre a ver quando é que o balde enchia e inundava a cozinha toda...”³⁹. Desculpem, esta memória não é minha, é da minha mãe, foi ela que me contou. A minha mãe viveu aqui com as irmãs e os meus avós. Eu não tenho memórias minhas aqui, eu era muito pequena quando vim cá pela última vez. Por vezes, dá-me vontade de tocar à

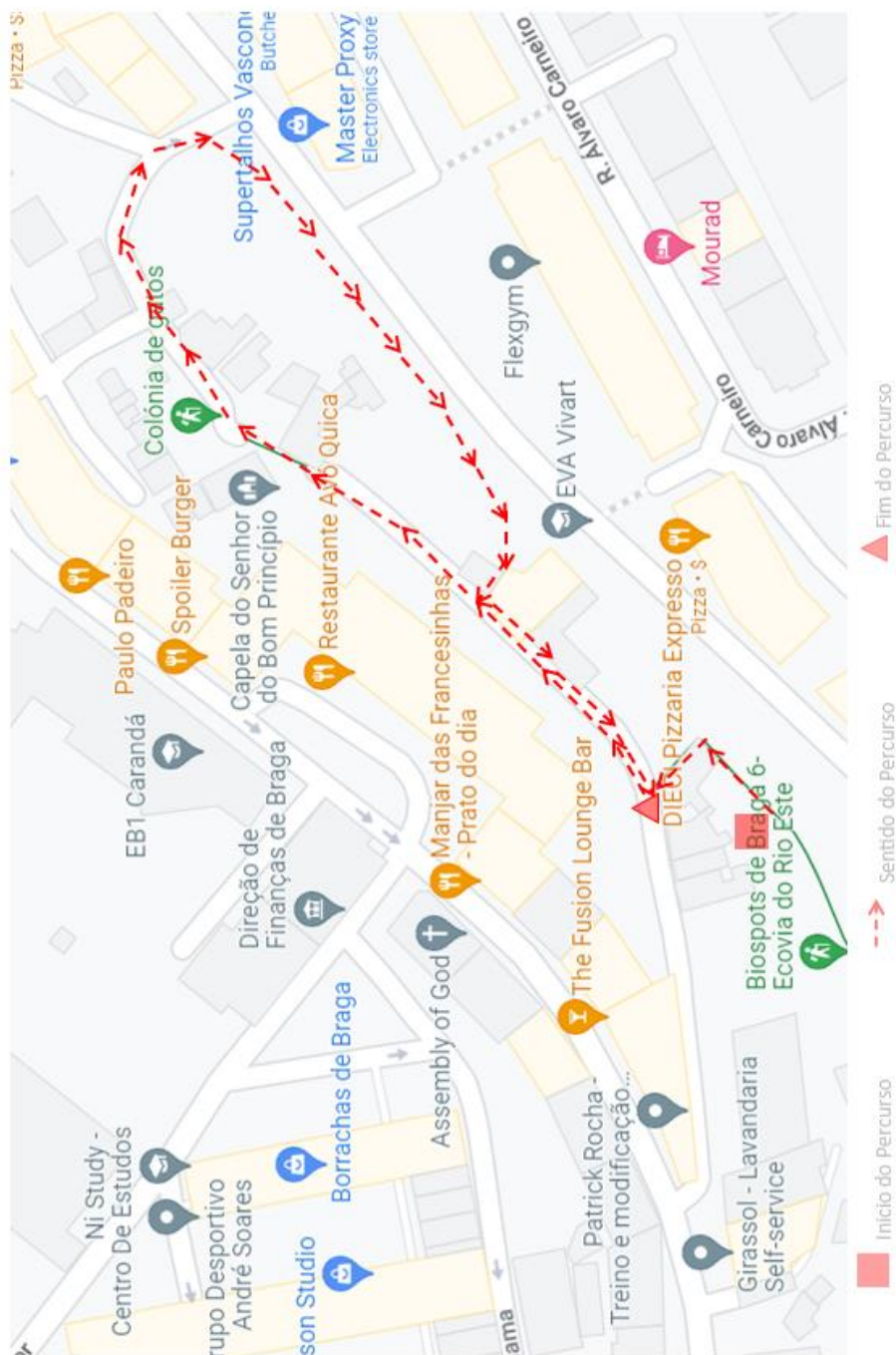
³⁹ Transcrição relato Entrevista 1

campainha ou espreitar pela guritinha só para ver aquilo que não me lembro sobre o meu avô João. Ele teimou em ficar nesta casa, apesar de tudo; teimou sempre e vivia aqui sozinho. Eu não me lembro dele, lembro-me da cozinha, de alguém a conversar, já depois de...O meu avô João ficou aqui, nesta casa, sozinho, porque era a casa dele: onde tinha criado as filhas, onde tinha vivido uma grande parte da vida. Era nesta casa que estava guardada a tristeza, a felicidade, o orgulho, o amor e toda a vida do meu avô. E ele não saiu. Queria morrer aqui e assim foi. E agora, estou aqui, eu, no mesmo sítio em que a minha mãe gritou por ajuda quando o encontrou. Eu sou a pessoa que o meu avô viu pela última vez. Sou o último rosto que ficou na sua memória. Porque é que não me lembro dele?

Enfarinates saem para o fundo da Rua dos Galos

Anexo G – Percurso

Espectáculo apresentada em percurso / ~~Enfarinates~~: O que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos / 21 de maio de 2023 / 17h às 18h



Anexo H – Parecer da Polícia de Segurança Pública de Braga**POLÍCIA SEGURANÇA PÚBLICA**

COMANDO DISTRIAL DE BRAGA

Divisão Policial-Braga



Para (TO): Fábio Miguel da Costa Rocha

Sua Referência:

Sua Comunicação:

Nossa Referência:

Classificador:

Processo:

Data: 2023-04-20

Assunto: Parecer - Espetáculo "Enfarinates"

De acordo com o solicitado, venho por este meio informar V. EX^ª. que, por parte da Polícia de Segurança Pública, não existe inconveniente na realização do evento em apreço, que se realiza a 21 de Maio, desde que a entidade organizadora cumpra os seguintes requisitos:

- Fica a entidade requisitante informada que, ao longo de todo percurso, é proibida a pintura de quaisquer símbolos ou marcas na estrada, bem como de outros danos na via pública, sendo que ficará ao cargo da entidade organizadora a responsabilidade de prevenir tais atos e o pagamento de eventuais prejuízos que possam ser causados.
- As possíveis informações colocadas nas vias relacionadas com a realização do evento devem ser retiradas imediatamente após a passagem do último participante, de forma a providenciar condições para reabrir a via ao público em geral.
- Todos os participantes devem estar vinculados às normas que constam neste parecer, no Código da Estrada e Legislação complementar.

Após consulta dos organizadores e do itinerário, verifica-se que o percurso engloba área urbana da competência desta Polícia, neste sentido, as necessidades deste evento obrigam o respeito pelas regras de trânsito por parte dos participantes, sob pena da necessidade da presença policial em serviço remunerado.

Comandante Divisão Policial Braga

Rui Miguel Marques Pereira
SubintendenteFernando Babalinho
Comissário

Largo de Santiago, n.º6 - 4704 - 504 Braga

151565
Página 1/1

Anexo I – Excertos de A Estrada de Alcatrão (2013)

Cena III

A Casa da S' Mariquinhas

[...]

(entram Maria do Céu e S'Mariquinhas, que vai recolhendo flores)

Maria do Céu (entrando):

Alecrim alecrim aos molhos
por causa de ti
choram os meus olhos

(vê, no público, uma freguesa): Bom dia santinha! Tá boazinha? Tou. Num quer uns chicharros? Sardinhas é melhor não que até metem pena, valha-me Nossa Senhora! Mas prontos num é? Vá então! Até logo!

Ai meu amor
quem te disse a ti
que a flor do monte
era o alecrim

Maria do Céu (vê S'Mariquinhas): Ó S' Mariquinhas! Bons olhos a vejam! Quer alguma coisa hoje?

S' Mariquinhas: Ó mulher que raio é que trazes ai hoje?

Maria do Céu: Ó S' Mariquinhas a bem dizer, em condições, em condições hoje só trago chicharro, aqueles estupores hoje não traziam mais nada de jeito, anda aqui uma pessoa a correr como uma desalmada, de um lado para o outro, e não sei p'raquê, valha-me Deus! Não percebo nada disto, cada vez está pior, rais parta... mas olhe que o chicharro hoje está que é uma categoria!

S' Mariquinhas: Tá bem mas o pior é o preço, a quanto está a vender hoje? Sabes como a vida está. A gente não sabe para onde se há-de virar rais parta.

Maria do Céu: Ó S' Mariquinhas, olhe que até me ofende, Nosso Senhor me defenda! Bem sabe que se não puder pagar hoje, paga depois. Olhe que lindos! E até lhe digo que, atendendo a esta categoria, olhe que são só a dois e quinhentos o par, mas olhe que são grandes! (mostra o peixe) Olhe pra isto... mas realmente a vida está que nem lhe digo, não sei onde é que isto vai parar, valha-nos Deus! Ainda vamos ter por ai outra vez a fome, credo!

S' Mariquinhas: Ó mulher vira para lá essa boca, Jasus nos acuda e defenda... Mas olha que o chicharro está muito caro, diabos te levem, não trazes mais nada?

Maria do Céu: Olhe S'Mariquinhas, tenho aqui umas sardinhitas a dez tostões o quarteirão, mas valha-me Deus, são tão fraquitas que até tenho vergonha de as vender. Fique antes com

os chicharros mulher e paga depois quando puder, até parece que nos conhecemos d'ontem, valha-me Deus!

S' Mariquinhas: Então vá lá. Deixa-me cá ver os dois chicharros e depois falamos.

Maria do Céu (dá os chicharros a S' Mariquinhas): Não se preocupe com isso S' Mariquinhas. Olhe, que Deus a ajude e nos proteja a todos!

Cena IV

A Rua

Maria do Céu:

Alecrim alecrim doirado
que nasce no monte
sem ser semeado

(passa Cidália com uma trouxa de roupa)

Maria do Céu: Atão mulher? Já vais po rio?

Cidália: Que remédio Maria do Céu! E olha que já se faz tarde!

Maria do Céu: Eu daqui a um bocadito tamem já te apanho! Num queres chicharros pa janta? São só a dois e quinhentos o par... mas olha que são grandes!

Cidália: Oh! Tou farta de chicharros. Num tens sardinhas?

Maria do Céu: Tu e as sardinhas, rapariga, isso é o que num falta, mas as que trago aqui são tão fraquitas que, valha-me Deus, num tas vendo que até tenho vergonha.

Cidália: Deixa lá ver. (Cidália espreita para a canastra) Tens razão, coitaditas. Mas prontos, fica pra outro dia. Agora tenho que é d'ir indo que ainda tenho muito que fazer.

Maria do Céu: Vai lá, vai lá, que ainda tenho de passar em casa da Graciete. Vai com Deus, mulher!

Cidália: Que Ele te guarde Maria do Céu.

Maria do Céu:

Ai meu amor
quem te disse a ti
que a flor do monte
era o alecrim.

(Graciete está a sair de casa com uma trouxa de roupa)

Maria do Céu: Inda bem que tapanho. Olha que vim aqui de propósito, eu seja ceguinha! Trago aqui uns chicharros que são uma categoria, digoteu que num minto!

Graciete: Inda bem que chegaste, Maria do Céu, tava a ver que já num vinhas até já ia po rio! Mas deixa-me lá ver essa chicharrada. Hum... Num parecem ruins de todo, deixa cá ver dois.

Maria do Céu (embrulha os chicharros em jornal): Toma, são dois e quinhentos.

Graciete (pega no porta-moedas): Cum seiscentos milheiros, hoje tá um bocado caro. Mas prantos, pega lá. A gente tem que comer, valha-me Deus!

Maria do Céu: Lá isso é verdade! Olha, que Deus nosso Senhor nos livre da fome!

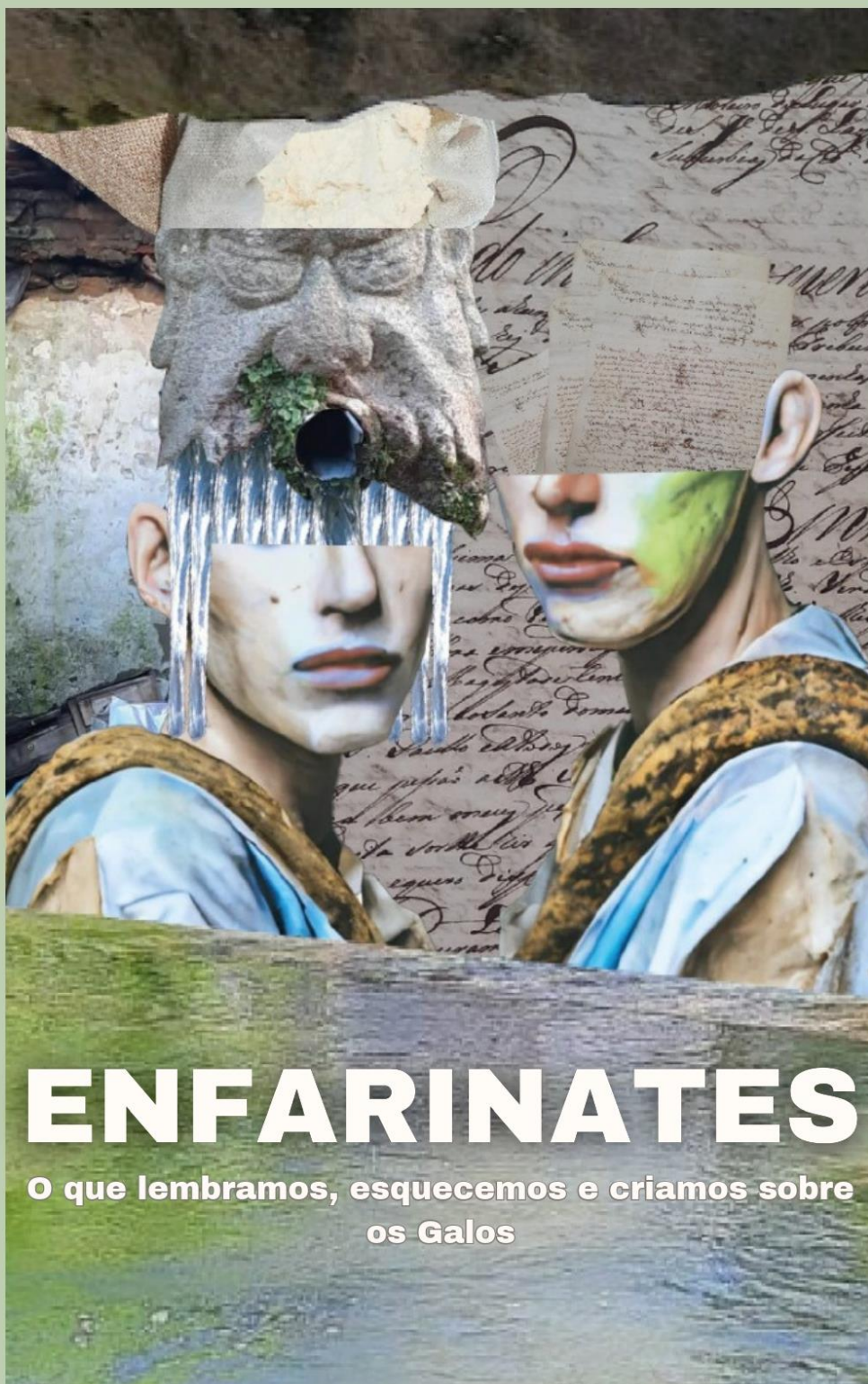
[...]

(Chico Zé sai)

Maria do Céu: E que num te veja aqui outra vez! (pegando na cesta que está com Graciete) Se o apanho outra vez à minha porta, leva uma vassourada que o quilho! Ó Graciete, vai indo po rio qu'eu já lá vou ter. Vou só lá dentro que aquela tamém já vai ver como elas mordem! (sai, entrando em casa) Oh Guadalupe!

(Graciete põe a trouxa à cabeça e começa a andar, ouvem-se as vozes da Cidália e da S' Mariquinhas)

Anexo J – Folha de Sala do Espetáculo Enfarinates



ENFARINATES

O que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos

SINOPSE

A Rua dos Galos é atravessada por muitas pessoas no seu dia-adia. Entre as paredes de pedra, resiste aos tempos e ao rio que, num momento de descuido, dá a impressão de a poder engolir. Por vezes, parece que ninguém lá vive, mas é nos caminhos estreitos, nos cantinhos secretos, nas vozes que ecoam na água jorrada pela fonte, que se unem as memórias de quem lá esteve, de quem a habita e de quem a construiu. Enfarinates é um tempo suspenso para escutar o ressoar dessas histórias polvilhadas de farinha, sonhos e incertezas. É sobre aquilo que é verdade e sobre aquilo que não é.

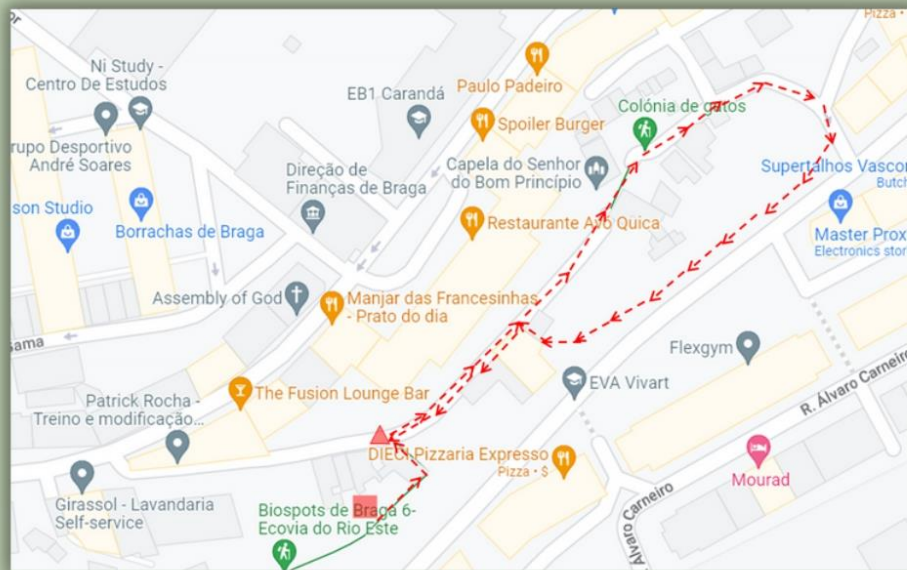
“E aquela roupa a secar, será que está alguém?
É capaz.”



ENFARINATES

O que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos

PERCURSO



ENFARINATES

O que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos

RUA DOS GALOS



"Há aqui nos Galos uns moinhos que para alguns já não moem; mesmo que o rio continue a correr, já não se moí o milho, nem o trigo, nem nada que se pareça, mas é da farinha que dantes se fazia e que ficou presa nas pedras das casas, no chão que pisamos ou no som da água a correr, que nascemos. Esperamos, esperamos por vocês para pôr as mós a rodar. Não é a farinha que hoje moemos; é ela que nos moí a nós."

Boaventura José, in Enfarinates



ENFARINATES

O que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos

ENFARINATES



FÁBIO ROCHA

Natural de Braga, é licenciado em Teatro e Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra e Pós-Graduado em Dramaturgia e Argumento, pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto. Frequentou o curso de Commedia dell'Arte e Educação Vocal por Fabrizio Paladin e Loris Sovernigo, em Treviso, Itália. Participou em espetáculos dirigidos por António Fonseca, António Mercado, Clóvis Levi, Fabrizio Paladin e Ruy Pessoa, entre outros. Destaca a participação na criação coletiva "100 metros e 180 segundos", apresentado no FITEI, em 2022, e o trabalho desenvolvido como criador nos espetáculos "A Estrada de Alcatrão" e "Não Era Mau Moço" da Associação PorUmCanudo, onde desenvolveu projetos de intervenção comunitária e social; Em cinema, assume a direção de atores da curta-metragem "Metaformose" de Gonçalo Salgado. Desde 2014, colabora em projetos pedagógicos da empresa Betweien.

Atualmente, encontra-se a terminar o Mestrado em Artes Cênicas - Interpretação e Direção Artística, na ESMAE.

ÂNGELA COIMBRA

Nasceu em 1992, em Braga.

Concluiu o Curso Técnico Superior Profissional em Organização e Gestão de Eventos, no Instituto Politécnico do Cávado e do Ave. Integrou o elenco dos espetáculos da Associação PorUmCanudo, dos quais destaca "O Coveiro", "Meia Maçã/Meio Limão", "A Estrada de Alcatrão" e "Não era Mau Moço". Colaborou como atriz em espetáculos pedagógicos dirigidos ao público infanto-juvenil e na curta-metragem NÓM-A-DAR de João Castillo.

No último ano, tem-se dedicado ao seu projeto pessoal de saúde e bem-estar.

BOAVENTURA FARIA RODRIGUES

Nasceu em Vila Nova de Famalicão, em 1990. Licenciou-se em Teatro e Educação na Escola Superior de Educação de Coimbra, onde integra projetos sob a direção de António Fonseca e António Mercado apresentados na Oficina Municipal do Teatro, em Coimbra. Na ESMAE, concluiu a Pós-Graduação em Teatro e Comunidade.

Em 2014 frequenta o Workshop Internacional de Commedia dell'Arte em Itália, dirigido por Fabrizio Palladin.

Em 2015, orienta a Workshop de Teatro junto da comunidade de Delães Vila Nova de Famalicão.

Nesse mesmo ano e até ao momento colabora em projetos teatrais educativos com a empresa Betweien ("Diogo Piçarra em Pessoa", "TVGAS", "O Planeta Limpo do Filipe Pinto" e "Amar-te e Respeitar-te") e atua, também, em projetos e espetáculos de recreação histórica, produção da Empresa WEE.

ENFARINATES

O que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos

ENFARINATES

JOANA RODRIGUES

Nasceu em 1992, em Braga.

Licenciou-se em Optometria e Ciências da Visão, pela Universidade do Minho. Como atriz, integrou os espetáculos "Era uma Vez" (2008), "Henriques" (2009), "Silêncio que não se vai cantar o Fado" (2010), "O Coveiro" (2011), "Meia Maçã Meio Limão" (2012) e "A Estrada de Alcatrão" (2013 e 2018) e "Não Era Mau Moço" (2019 e 2022) da Associação PorUmCanudo, onde coordenou o projeto PUC'esia;

A par do seu trabalho como atriz, atua em projetos de cuidado e proteção animal.

RITA MACHADO

Nasceu em Braga, onde reside atualmente.

Licenciou-se em Teatro - Interpretação pela Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo. É mestre em Educação e Intervenção Social pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

Tem colaborado com companhias e artistas como Teatro Experimental do Porto, Companhia de Teatro Reactor, Cie Willi Dorner, João Sousa Cardoso, Mafalda Deville, Companhia de Teatro de Braga, D'Algibeira Companhia, entre outras. Paralelamente, tem-se dedicado a projetos de intervenção social, comunitária e de inclusão através da arte. É gestora do projeto CATIVAR, projeto de intervenção comunitária inserido no programa Viva o Bairro do Município de Braga.



ENFARINATES

O que lembramos, esquecemos e criamos sobre os Galos

FICHA TÉCNICA

TEXTO E ENCENAÇÃO

Fábio Rocha

INTERPRETAÇÃO

Ângela Coimbra

Boaventura Faria Rodrigues

Joana Rodrigues

Rita Machado;

FIGURINOS

Fábio Rocha

MAQUILHAGEM

Ângela Coimbra

PRODUÇÃO

Fábio Rocha

CARTAZ

Fábio Galvão

ASSISTENTES NO PERCUSO

Isabel Carvalho e Rafael Silva



AGRADECIMENTOS

Ana Caridade, Ana Maria, Antónia, Sr. António Cracel, Sr. Abel,
Fátima Teixeira, Isabel Carvalho, Júlio Dubeux, Luís Ferreira,
D. Madalena, Maria do Céu, Maria da Conceição, Sr. Orlando, Rafael Silva,
Prof. Dra. Renata Gaspar, Rosa Maria,
União de Freguesias de Ferreiros e Gondizalves,
União de Freguesias de São José de São Lázaro e São João do Souto, Zulmira Castro



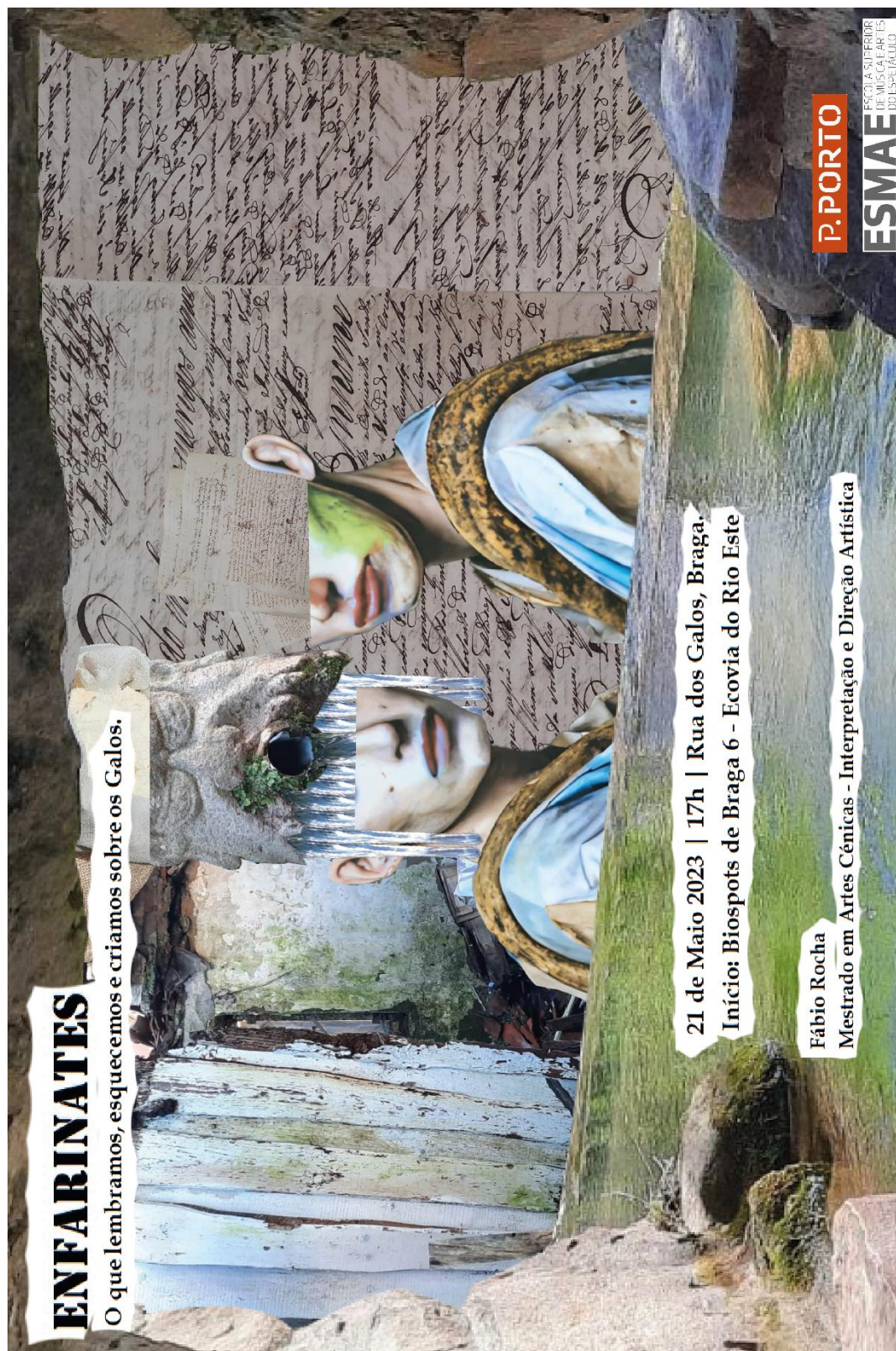
"Engana-se quem acha que é no coração que reside o amor, é aqui, naqueles que lembramos. Enquanto lembramos, as pessoas existem e não há amor maior do que manter viva a memória de alguém. "

Maria Rita, in Enfarinates

Anexo K – Aviso aos velocípedes



Anexo L – Cartaz Enfarinates (2023)



ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

M

MESTRADO
ARTES CÉNICAS
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

Enfarinates: o que lembramos, esquecemos e criamos
sobre os Galos
Fábio Miguel da Costa Rocha

